



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

PRICILA KÁTIA FURLAN

**PERSONAGENS FEMININAS NA ORDEM PATRIARCAL NOS ROMANCES DE
BERNARDO GUIMARÃES: *ROSAURA, A ENJEITADA, A ESCRAVA ISAURA E O
SEMINARISTA***

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO – PR
2018

PRICILA KÁTIA FURLAN

**PERSONAGENS FEMININAS NA ORDEM PATRIARCAL NOS ROMANCES DE
BERNARDO GUIMARÃES: *ROSAURA, A ENJEITADA, A ESCRAVA ISAURA E O
SEMINARISTA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) – Mestrado em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagem, cultura e sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima

PATO BRANCO – PR
2018

F985p

Furlan, Pricila Kátia.

Personagens femininas na ordem patriarcal nos romances de Bernardo Guimarães: Rosaura, A enjeitada, A escrava Isaura e O seminarista / Pricila Kátia Furlan. -- 2018.

101 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Letras. Pato Branco, PR, 2018.
Bibliografia: f. 100 - 101.

1. Personagens literários. 2. Patriarcado. 3. Literatura - Análise. 4. Mulheres na literatura. I. Lima, Marcos Hidemi de, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. 469

Ficha Catalográfica elaborada por
Suélem Belmudes Cardoso CRB9/1630
Biblioteca da UTFPR Campus Pato Branco



Ministério da Educação
**Universidade Tecnológica Federal do
Paraná**
Câmpus - Pato Branco
Diretoria de Pesquisa e Pós- Graduação
Programa de Pós Graduação em Letras



TERMO DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação n.º 016
“Personagens Femininas na Ordem Patriarcal nos Romances
de Bernardo Guimarães: Rosaura, A Enjeitada, A Escrava
Isaura e O Seminativista” por

PRICILA KÁTIA FURLAN

Dissertação apresentada às nove horas do dia vinte e cinco de abril de dois mil e dezoito, como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Mirian Ruffini
UTFPR/PB (Presidente)

Prof. Dr. Maurício César Menon
UTFPR/CM

Prof. Dr. Frederico Fernandes
UEL/LONDRINA

*Participação à distância

Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima
Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Letras – UTFPR

A via original devidamente assinada, encontra-se na Biblioteca da UTFPR –
Câmpus Pato Branco.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus e a minha família, que sempre foram meus alicerces para que eu pudesse continuar os meus estudos e alcançar mais esta etapa.

Aos professores do Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, principalmente ao meu orientador, professor Marcos Hidemi de Lima, que sempre esteve ao meu lado para dar o seu melhor e sempre esteve disponível para me ajudar em tudo.

Agradeço também à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por ter-nos disponibilizado o acesso ao original digitalizado da obra *O seminarista* (1872) um dos nossos objetos de estudo.

Por fim, agradeço a todos que, de uma maneira ou de outra, participaram desta minha caminhada e que certamente a tornaram menos árdua.

“Grande é o poder do tempo. O próprio braço da dor, quando não consegue esmagar sua vítima, por fim de contas esmorece fatigado, e o seu estilete, por mais buído que seja, acaba por embotar-se.” (Bernardo Guimarães)

RESUMO

Nesta pesquisa, são analisadas algumas personagens dos romances de Bernardo Guimarães: *O seminarista* (1872), *A escrava Isaura* (1875) e *Rosaura, a enjeitada* (1883), com destaque ao impacto de marcas da ordem patriarcal na existência das figuras femininas dessas obras. Também são analisadas as personagens detentoras do poder patriarcal, pois são fundamentais para a constituição do enredo, bem como reveladoras dos pensamentos da época. Este estudo se dá de maneira a aproximar as obras nos temas de contato e também nas diferenças entre elas, duas maneiras interpretativas que justificam este trabalho. Além disso, os romances aqui abordados – pouco estudados – mostram-se reveladores das questões sociais da época. Empreendem-se aqui um levantamento bibliográfico e teórico e o estudo de algumas personagens importantes para a constituição do enredo. Entre as temáticas centrais das discussões presentes, há o matrimônio como domínio físico e econômico do homem sobre a mulher, questões do domínio sexual por imposição de um poder também masculino, os desmandos do poder patriarcal (que também é a lógica dentro do universo clerical), estendendo seus tentáculos sobre a família e demais sujeitos que giram à sua volta, a imposição de modelos de comportamento feminino e o controle do corpo da mulher, as condições de vida de afrodescendentes, questões relativas à visão deturpada da igreja e da sociedade em relação à mulher e a seus direitos e, ainda, a influência de fatores tais como cor da pele e condição social. Há que se frisar que todos estes temas ocupam o segundo plano dos enredos sobre os quais esta análise se detém, haja vista que normalmente o primeiro plano das narrativas aqui estudadas – fator comum em boa parte das obras românticas – contém uma trama amorosa impossível. O embasamento teórico deste trabalho está vinculado às teorizações, tanto literárias quanto históricas e sociológicas, de Affonso Romano Sant’Anna, Alfredo Bosi, Benjamim Abdala Júnior, José Veríssimo, Gilberto Freyre, Mary Del Priore, Roberto Reis, Roberto DaMatta, Teófilo de Queiroz Júnior, Gregory Rabassa, Dante Moreira Leite, Heleieth Saffioti, entre outros importantes nomes.

PALAVRAS-CHAVE: Personagens. Ordem patriarcal. Bernardo Guimarães.

ABSTRACT

In this research, some characters from the Bernardo Guimarães novels are analyzed: *The seminarist* (1872), *The slave Isaura* (1875) and *Rosaura, the emjected* (1883), highlighting the impact of patriarchal order marks on the existence of the feminine figures of these works. Also analyzed are the characters who hold the patriarchal power, as they are fundamental for the constitution of the plot, as well as revealing the thoughts of the time. This study is done in such a way as to bring works closer to the subjects of contact and also to the differences between them, two interpretative ways that justify this work. Moreover, the novels discussed here - little studied - are revealing of the social issues of the time. We undertake here a bibliographical and theoretical survey and the study of some important characters for the constitution of the plot. Among the central themes of the discussions present in this work, there is matrimony as the physical and economic domain of men over women, issues of the sexual domain by imposition of a masculine power, patriarchal power outlaws (which is also logic within the universe clerical), extending its tentacles on the family and other subjects that revolve around them, the imposition of models of female behavior and the control of the female body, the conditions of life of Afrodescendants, issues related to the misrepresentation of the church and society in relation to women and their rights, and also the influence of factors such as skin color and social condition. It should be emphasized that all these themes occupy the background of the plots on which this analysis stops, given that normally the first plane of the narratives studied here - a common factor in much of the romantic works - contains an impossible love plot. The theoretical basis of this work is linked to the literary, historical and sociological theories of Affonso Romano Sant'Anna, Alfredo Bosi, Benjamim Abdala Júnior, José Veríssimo, Gilberto Freyre, Mary Del Priore, Roberto Reis, Roberto DaMatta, Teófilo de Queiroz Junior, Gregory Rabassa, Dante Moreira Leite, Heleieth Saffioti, among other important names.

KEY WORDS: Characters. Patriarchal order. Bernardo Guimarães.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BERNARDO GUIMARÃES	14
2.1 VIDA	14
2.2 OBRA	15
2.2.1 O seminarista.....	16
2.2.2 A escrava Isaura	18
2.2.3 Rosaura, a enjeitada	19
2.3 BERNARDO GUIMARÃES COMO INTELECTUAL DE SUA ÉPOCA E A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA	22
2.3.1 Engajamento social e a recepção das suas obras.....	25
3 O USO DO CORPO FEMININO	29
3.1 NEGRAS E BRANCAS	35
3.1.1 A moral feminina	40
3.1.2 A negra má	51
3.1.3 A negra boa	53
3.2 O MÍSTICO	55
4 A ORDEM PATRIARCAL	59
4.1 A QUESTÃO ÉTNICA E ECONÔMICA	61
4.2 MORAL E CASTIGO.....	68
4.3 O CORPO	76
4.4 O PATRIARCADO	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, temos por objetivo fazer uma análise de personagens, sempre as conjugando com as questões do sistema patriarcal, que é um poder soberano dentro de casa e mesmo na sociedade, já que as ramificações do poder na esfera privada se estendem para o espaço público. O sistema patriarcal também foi um grande desencadeador da pobreza, da escravidão e da exploração, devido à grande influência que alcançou na sociedade. Todas essas consequências do domínio patriarcal são temas passíveis de análise em três produções romanescas de Bernardo Guimarães escolhidas para este estudo.

Por isso, ao tomarmos alguma obra do século XIX, no contexto da literatura produzida em território brasileiro, é praticamente inevitável não nos depararmos com uma produção que, de alguma forma, revele um predomínio do universo patriarcal dentro das famílias e, conseqüentemente, dentro da sociedade. Segundo Roberto Reis, “Na sociedade patriarcal e senhorial representada nos romances brasileiros do século XIX a autoridade paterna domina.” (1987, p. 43).

Quando pensamos nas obras escritas por Bernardo Guimarães e também por outros autores do século XIX, esta estrutura torna-se ainda mais clara. Esse fato justifica, em grande parte, a iniciativa deste estudo que se baseia em três obras de Bernardo Guimarães: *O seminarista* (1872), *A escrava Isaura* (1875) e *a Rosaura, a enjeitada* (1883). Esses três romances apresentam, como a maioria das produções do romantismo, um drama amoroso entre as personagens, porém nossa análise toma como pano de fundo uma discussão social ainda mais importante, que revela muito sobre a dominação patriarcal, a subjugação devido à etnia, o sistema escravocrata, senhorial e clerical, entre outros temas importantes no contexto histórico da época. Portanto, tais narrativas vêm proporcionar um material riquíssimo para a discussão aqui pretendida.

Tendo em conta a forte presença de negros e mulatos na sociedade do século XIX, nos romances produzidos por esta sociedade, de uma maneira ou de outra, pelo menos a figuração de personagens afrodescendentes tornava-se obrigatória, ainda mais que a escravidão mostrava-se cada vez mais incompatível com os novos ares econômicos e as pessoas pediam sua extinção o mais rápido possível. No caso de Bernardo Guimarães, sintonizado com os anseios de sua época, a abolição acabou revelando-se um dos temas candentes que ele abordou

nalgumas de suas obras, sempre a camuflando no enredo das obras. Não só ele, mas muitos outros escritores da época tratam a respeito da questão da servidão. É a ótica sustentada por Gregory Rabassa:

O romance é, sem dúvida alguma, o gênero literário que produziu a mais clara caracterização dos negros na literatura brasileira do século XIX. Isso se deve ao fato de que a poesia, por suas próprias limitações, não pode analisar a fundo um personagem literário em detalhes menores, enquanto que o ensaio no século XIX estava intrinsecamente envolvido com a questão da abolição e, assim, tendia a ser bastante especializado em seu tratamento dos negros. (1965, p.91)

Sabemos, portanto, que as obras literárias carregam consigo uma enorme influência da sociedade nas quais foram produzidas. Como afirma Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, “[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *praxis* socialmente condicionada.” (1980, p.55, grifo do autor). Tendo em conta as discussões sobre o papel da mulher na sociedade patriarcal, torna-se bastante pertinente fazer um estudo das obras que revelam as realidades de outras épocas focando na atuação, ainda que cerceada, da figura feminina. Mas também cabe a nós trabalharmos com as outras personagens da história, pois elas revelam sua participação como promotoras ou como vítimas do poder patriarcal.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos que mesclam o desenvolvimento teórico e a análise. No primeiro capítulo, intitulado “Bernardo Guimarães” existem breves explicações sobre a vida e a obra desse autor. Também nele há uma breve introdução a cada uma das três obras que serão posteriormente analisadas. Além disso, esse capítulo pretende discutir o tom autobiográfico e o papel de Bernardo como o intelectual de sua época, tratando de temas como o seu engajamento social e a recepção de suas obras. Afinal, as intenções de Guimarães muitas vezes são questionadas quando ele trata de temas como a abolição ou as injustiças da escravidão.

O capítulo, “O uso do corpo feminino”, é dedicado às discussões sobre o corpo feminino. Nesse capítulo são abordadas as personagens femininas Adelaide, Rosaura e Lucinda, de *Rosaura, a enjeitada* com o objetivo de refletir sobre a condição dessas mulheres na sociedade em que viviam e os preconceitos e paradigmas impostos às mulheres à época que precisavam enfrentar. No que diz respeito à *A escrava Isaura*, tratamos da oposição entre a escrava branca e a

escrava negra e os impactos dessa diferenciação para a aceitação da obra na sociedade. Para isso discutimos as diferentes situações de Isaura e Rosa. Enfim, quando adentramos a análise de *O seminarista*, tratamos de três mulheres, sendo que a principal delas é Margarida, que sofre por ser submetida ao poder de duas ordens, a patriarcal e a religiosa, que é um desdobramento da primeira. Neste capítulo também trabalhamos com a questão sexual e as diferenças de comportamento entre os gêneros. Algo que Dante Moreira Leite (1964) detecta ao tratar sobre o romantismo e as tendências de escrita na época:

Em primeiro lugar, o amor passa a ser valorizado como não o fora até então. Em segundo lugar, a maior proximidade entre os sexos, embora cercada ainda de todos os tabus da sociedade colonial, permitiria o aparecimento do amor entre jovens. Finalmente, a experiência sexual do homem, com mulheres escravas, ou de condição social muito inferior, tenderia a colorir toda a sua vida afetiva posterior. (LEITE, 1964, p. 59)

Esta observação permite-nos reflexões sobre a lógica patriarcal no capítulo seguinte, quando trataremos sobre as figuras de sujeitos que endossam essa ordem, transformando-se em grandes responsáveis pela disseminação de atitudes e pensamentos que desfavorecem as mulheres.

Em “A ordem patriarcal”, o próximo capítulo deste trabalho, julgamos necessário trabalhar com os dois homens poderosos que representam patriarcas presentes na história de Rosaura: Major Damásio e Sr. Morais, que na trama revelam-se os grandes manipuladores dos destinos dessas mulheres. Ainda discutimos sobre Conrado, outra importante figura masculina presente nessa obra, que não exerce propriamente alguma forma de poder, no entanto participa da trama como uma personagem muito importante, já que sua atuação permite que discutamos questões referentes à abolição. No que tange ao romance em que Isaura é a heroína da trama, detemo-nos em Leôncio, o vilão e patriarca do romance, bem como o herói e abolicionista Álvaro. Outro patriarca que pode ser destacado é o Comendador, pai de Leôncio, que também demonstra exercer um poder excessivamente controlador, o qual deixou como herança para o seu filho. No romance *O seminarista*, além da ordem patriarcal, há também um desdobramento desta lógica masculina: a ordem clerical. Cumpre observarmos que o grande diferencial que encontramos nesta obra é o fato de se tratar não apenas de um patriarca, mas também de um padre endossante dessa mesma ordem masculina,

como os grandes modificadores dos destinos de Eugênio e Margarida, os dois protagonistas centrais da narrativa.

Para realizar as discussões propostas neste trabalho, faremos uso de grandes nomes do pensamento e da literatura brasileira, destacando-se Gilberto Freyre, autor de *Casa-Grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*. Ambos os tratados sociológicos de Freyre são fundamentais para as discussões relativas à condição do escravo e do poder do patriarca principalmente, uma vez que Freyre apresenta uma pesquisa sociológica bastante aprofundada e detalhada desde o processo de colonização brasileiro até o século XIX, momento em que detecta a decadência do sistema patriarcal brasileiro.

Em *Histórias Íntimas* e na organização de vários títulos e autores de *História das mulheres no Brasil*, Mary Del Priore trata das questões relativas ao corpo da mulher e como funcionava toda a questão das relações entre homens e mulheres nesse período nos auxiliando a compreender algumas situações que nossas personagens acabam por ser submetidas. Teófilo de Queiroz Júnior com *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira* nos ajuda a compreender o funcionamento de diversos aspectos sociais e literários em que a presença do afrodescendente se destaca. Seu estudo atua como um trabalho comparativo entre literatura e sociedade. No que concerne a Affonso Romano Sant'Anna, seu *O Canibalismo amoroso* nos permite – valendo-se de uma perspectiva psicanalítica, todavia não se restringindo apenas a ela – encontrarmos diversos aspectos relevantes quanto ao tratamento da figura feminina com exemplos na literatura brasileira.

Ainda podemos destacar Heleieth Saffioti, Alfredo Bosi, Benjamim Abdala Júnior, Roberto Reis, Roberto DaMatta, Gregory Rabassa, entre outros importantes pesquisadores cujos estudos permitiram-nos uma melhor compreensão das personagens de Bernardo Guimarães e dos valores da ordem patriarcal que vinham sofrendo algumas derrotas, mantendo-se, porém, ainda, em relativo vigor.

2 BERNARDO GUIMARÃES

2.1 VIDA

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães foi o quinto filho de João Joaquim da Silva Guimarães e Constança Beatriz de Oliveira, nascido no Estado de Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto, no dia 15 de agosto de 1825. Segundo a *Biobibliografia dos Patronos*, da Academia Brasileira de Letras da qual foi membro, ainda recém-nascido, mudou-se com seus pais para a cidade de Uberaba, também no estado de Minas Gerais. Foi nessa cidade que o futuro escritor fez seus estudos primários, permanecendo ali até o ano de 1832. Depois disso, Bernardo também estudou no Seminário de Campo Belo, até o ano de 1839, onde obteve seu ensino por meio dos padres lazaristas.

Em 1840 continua seus estudos em sua terra natal, sete anos depois se muda para São Paulo para ingressar na Faculdade de Direito, onde permanece até concluir o curso em 1852. Neste ano, parte para o estado de Goiás, para assumir o cargo de Juiz Municipal e Delegado de Polícia, na cidade de Catalão. Em 1854, volta para Ouro Preto (MG) e, dois anos depois, passa a lecionar Gramática, Filosofia e Retórica no Liceu Mineiro, até 1858. No ano seguinte, parte para o Rio de Janeiro para trabalhar na redação de *A Atualidade*, juntamente com Flávio Farnese e Lafayette Rodrigues. Em 1861, volta a Catalão para ser empossado como Juiz Municipal e de Órfãos do Termo de Catalão.

No ano de 1864, volta à Corte para trabalhar no *Jornal do Commercio*, como cronista político, no ano seguinte retorna a Ouro Preto e volta a ser professor no Liceu Mineiro, desta vez na disciplina de Retórica e Poética.

Em 15 de agosto de 1867:

No dia em que completava 42 anos de idade casava-se na Igreja de São José, de Ouro Preto, com Teresa Maria Gomes, jovem de 17 anos, “admiradora fanática” dos seus versos. (...). Do casal Bernardo-Teresa, nasceram oito filhos, sendo seis homens e duas mulheres. (LIMA, 2000, p.17)

De 1870 a 1872, Bernardo lecionou no Colégio de Congonhas do Campo, as disciplinas de Latim e Filosofia. Nesta altura de sua vida, já possuía dois filhos. Por fim, no dia 10 de março de 1884, morre, com apenas 59 anos de idade, “deixando d. Teresa, sua dedicada esposa, viúva, grávida e desamparada financeiramente, com

sete filhos para criar. O mais velho com 14 anos de idade e o último, ainda em formação no seu ventre, nasceria sete meses após o falecimento do pai.” (LIMA, 2000, p.23)

Passemos agora a conhecer mais especificamente a obra de Bernardo Guimarães, tanto sua poesia, quando seus contos e romances publicados.

2.2 OBRA

Em 1852, Bernardo Guimarães publicou seu primeiro livro de poemas, *Cantos da Solidão*. Além de *A escrava Isaura*, que lhe rendeu a eterna popularidade, vários outros textos – principalmente *O seminarista* e *O garimpeiro* – são dignos de atenção. Na vida do autor, encontramos muitos elementos que permitem compreender melhor sua obra, além de episódios surpreendentes e pitorescos, que muito se assemelham às peripécias por ele contadas em seus romances. (OLIVIERI, 2011, p.117)

A citação acima foi retirada de um posfácio do livro *O seminarista*, no qual Antonio Carlos Olivieri faz uma breve apresentação da vida e da obra do autor.

Segundo os registros da Academia Brasileira de Letras, o primeiro e expressivo poema escrito por Bernardo Guimarães ocorreu de 1846 quando um escravo seu morreu. O poema foi intitulado “À sepultura de um escravo”, que seria publicado no livro *Cantos da solidão*, em 1852. Em 1858, ele reedita o seu primeiro livro e acresce “Inspirações da Tarde”. Deste ano também é o prólogo ao romance *O Ermitão de Muquém*, que, em 1866, sairia como folhetim no *Jornal Constitucional*, de Ouro Preto, e em livro somente no ano de 1869. Em 1859, publicou o volume *Poesias Diversas*.

No âmbito do teatro, produziu o drama *A voz do pajé*, encenado em Ouro Preto no mesmo ano de 1860. “Consta ter Bernardo escrito outros dramas representados em Ouro Preto, tais como *Os inconfidentes*, *Os dois recrutas* e *As Nereidas de Vila Rica* ou *As fadas da liberdade*, todos desaparecidos. Do drama *Tiradentes*, salvou-se apenas a 2ª cena ...” (LIMA, 2000, p.15).

No ano de 1871, foi publicado o livro *Lendas e Romances*. Em 1872, “No jornal *A Reforma*, em seus números 16 a 23, de 23 a 31 de janeiro, aparece, pela primeira vez, publicado em folhetim, *O índio Afonso*, editado em livro no ano seguinte. ” (LIMA, 2000, p.19). Neste ano também foi publicado o segundo romance de Bernardo Guimarães *O Garimpeiro*. Ainda em 1872, foi lançada a obra *Histórias e tradições da Província de Minas Gerais*. Para finalizar este ano tão farto em

publicações, o escritor ainda publicou o livro *O seminarista* que, na época, foi considerado seu melhor trabalho.

Em 1875, foi publicada a obra *A escrava Isaura*, com o título *A cativa Isaura*. Este romance tem sido a obra mais reeditada de Bernardo Guimarães. Segundo Israel Souza Lima, até o ano 2000 o romance contava “com mais de cem edições em língua portuguesa e um número muito elevado de traduções, decorrente da sua adaptação para novela de televisão.” (LIMA, 2000, p.20) No mesmo ano de *A escrava Isaura*, foi publicado o poema “O elixir do Pajé”, de maneira anônima, mas que posteriormente teve a autoria atribuída ao escritor.

Em 1877, publicou em dois volumes *Maurício* ou *Os paulistas em S. João del-Rei*. Em 1883, Bernardo Guimarães publicou a sua última obra poética intitulada *Folhas de Outono*. Também nesse ano “Bernardo resolve escrever e publicar a obra que retrata sua vida estudantil em S. Paulo – *Rosaura, a enjeitada*.” (LIMA, 2000, p.22).

Diante desse resumo biográfico da produção de Bernardo Guimarães, a seguir vamos traçar alguns comentários relacionados à crítica das obras que são analisadas nesta dissertação: *O seminarista* (1872), *A escrava Isaura* (1875) e *Rosaura, a enjeitada* (1883).

2.2.1 *O seminarista*

O seminarista, obra publicada em 1872, tem como tema central uma crítica ao celibato clerical. Nessa perspectiva, o romance se apresenta de maneira muito peculiar, em uma época de grandes tensões nas esferas religiosas da sociedade. O crítico literário e historiador Hélio Lopes, responsável pela apresentação de uma de suas edições, comenta que:

A primeira edição de *O seminarista*, de Bernardo Guimarães, é de 1872. No ano anterior, no Rio de Janeiro, iniciava-se uma campanha pelos jornais contra o episcopado, pelo fato de o bispo da capital do Império ter suspenso de ordens o Padre Almeida Martins, maçom, que, às exortações do prelado, não abandonou a maçonaria. Foi este o primeiro incidente da assim chamada Questão Religiosa que agitou o país e levou dois bispos, D. Frei Vital e D. Macedo Costa, à prisão com trabalhos forçados. O episódio foi uma das causas para mais rapidamente se chegar à proclamação da República. (2011, p. 9)

Não existe nenhuma prova de que esses fatos ocorridos próximos à publicação do livro tenham qualquer ligação com a motivação da escrita de Bernardo Guimarães, mas de qualquer maneira certamente o volume veio alimentar as questões da época. Lopes também salienta que o romance se aproxima bastante em intenções com outras duas importantes obras da literatura portuguesa: *Eurico, o presbítero* (1844), de Alexandre Herculano e *O crime do padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós. Porém Lopes considera *O seminarista* apenas um romance que possuía um fundo religioso, não sendo assim tão polêmico:

O caso de Eugênio e de Margarida pode, com mais seguras e boas razões, ser tomado sob outro aspecto. *O seminarista* é mais um relato pastoral, uma história de amor nascido na infância, no meio de paisagem campestre e amena, onde certos elementos – a serpente, as imposições familiares e, sobretudo, a formação de meninos no seminário - são prenúncios da desgraça futura. (LOPES, 2011, p.10)

A biobibliografia de Bernardo Guimarães, feita pela Academia Brasileira de Letras, traz algumas observações sobre essa obra. Primeiramente, informa que o romance resultou em diversas edições, e por muito pouco, não foi lançado nas telas do cinema. Além disso, a crítica de *O seminarista* apresentada na biobibliografia parece ser bem positiva. As palavras de Nogueira da Silva observam que se trata de “[...] um romance bem feito, bem fabulado, bem conduzido em seus menores detalhes, o mais bem escrito desse autor. E, sem dúvida alguma ou favor, o melhor que o romancista mineiro produziu.” (LIMA, 2000, p.147)

Para Alfredo Bosi, são essas peculiaridades das obras de Bernardo que as tornaram lidas e de alguma maneira as eternizaram em nossa literatura. “As obras mais lidas de Bernardo Guimarães, *O seminarista* e *A Escrava Isaura*, devem a sua popularidade menos a um progresso na fabulação ou no traçado das personagens do que à garra dos problemas explícitos: o celibato clerical no primeiro, a escravidão no segundo.” (BOSI, 2006, p. 141)

Esta obra se apresenta de uma maneira um pouco diferente das demais analisadas neste trabalho, pois neste romance a ordem patriarcal aparece mais camuflada, sendo ela ofuscada pela ordem clerical. Outro fator que sofre diferenciação é a situação da figura feminina, que se apresenta pela primeira vez como uma mulher livre, não vivendo em situação de cativa, embora continue a ser estigmatizada por ser mulher.

Antes de adentrarmos a análise das personagens, é interessante tratarmos de um assunto de certa maneira curioso que aconteceu ao decidirmos trabalhar com essa obra. Quando optamos por trabalhar com *O seminarista*, escrita em 1872 por Bernardo Guimarães, tivemos um primeiro contato com edições mais recentes do romance. Depois de algum tempo, tomamos conhecimento de um trabalho do meio acadêmico que apontava as edições mais recentes do romance como ilegítima, ou seja, as edições mais recentes sofreram alterações bruscas no enredo e cortes que modificavam a compreensão geral da obra. Tais apontamentos pertencem ao trabalho realizado por Luana Batista de Souza, que defendeu sua dissertação de mestrado na USP em 2012, com o título “Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de O Seminarista de Bernardo Guimarães”.

Diante disso, a edição com que inicialmente estávamos a trabalhar, do ano de 2011, da Editora Ática, baseada em um texto de 1944 da Livraria Martins Editora, conforme consta na própria edição, não foi totalmente abandonada. Ainda que corrompida, passamos a usá-la como contraponto com a edição de 1872, cuja cópia do original nos foi cedida pela Biblioteca Nacional. Após termos contato com a primeira edição da obra, nossa análise passa a ser baseada nesta, que se apresenta verdadeiramente como teria sido pensada e escrita por Bernardo Guimarães.

2.2.2 *A escrava Isaura*

A Escrava Isaura foi escrita por Bernardo Guimarães e publicada em 1875. Trata-se de uma das obras de Bernardo que mais sucesso conseguiu atingir. Boa parte desse grande sucesso deve-se ao fato de o romance ter sido transformado numa telenovela de muito sucesso no Brasil e em diversos lugares do mundo, gerando, por conseguinte, diversas traduções do romance para outras línguas. A biobibliografia de Lima (2000) apresenta pelo menos oito edições em sete idiomas diferentes: francês, chinês, húngaro, espanhol, indonésio, alemão e diversas outras as quais podem ter sido produzidas recentemente.

O livro trata da história de uma escrava que possuía uma condição um pouco diferente da maioria dos outros escravos daquela sociedade. Na narrativa, podemos ver alguns traços do funcionamento da sociedade da época e as consequentes marcas desses traços no comportamento das mulheres, ou pelo menos do que se

esperava em questões do comportamento feminino. Por isso, Isaura tenta libertar-se do estigma da escravidão, mas é massacrada pelo fato de ser mulher e, conseqüentemente, concebida apenas como um objeto nas mãos do homem.

A grande questão da escravidão só não é mais profundamente tratada, pois Isaura é descrita como uma escrava de pele branca, o que torna a escravidão injusta apenas por esse fato, relegando a escravidão, da mesma maneira, às pessoas de pele negra. Benjamim Abdala Júnior trata um pouco dessa questão. Para ele, “A denúncia perde seu impacto, que poderia ser demolidor, mas conseguiu comover (e comove ainda hoje) leitores que enredam emotivamente nas peripécias da técnica folhetinesca.” (1986, p. 113)

No posfácio do livro *O seminarista*, o jornalista e escritor Antonio Carlos Olivieri traça um comentário sobre a vida e obra de Bernardo Guimarães:

Há pouco mais de três décadas, uma personagem brasileira ganhou cidadania internacional. A escrava Isaura, heroína do romance de mesmo nome, escrito por Bernardo Guimarães, foi interpretada pela atriz Lucélia Santos numa adaptação para a tevê. O sucesso dessa novela ultrapassou nossas fronteiras, chegando a vários países da América, da Europa e até a Ásia. A personagem tornou-se conhecida e apreciada por milhões de telespectadores. Tamanho sucesso explica-se pelas excelentes qualidades técnicas da telenovela brasileira, pelo talento da atriz que desempenhou a heroína e por outros elementos ligados ao universo da televisão. Por outro lado, não podemos negar que o fascínio exercido por Isaura reside, sobretudo, em sua história e na maneira como foi contada pela primeira vez, isto é, no livro publicado em 1875. (2011, p.117)

O livro alcançou enorme popularidade, parte disso deve-se ao fato de ele ter sido adaptado para outras mídias desde a sua publicação até os dias atuais. O sucesso da obra na época da publicação permitiu que o livro fosse traduzido para diversas outras línguas e, curiosamente, tenha se popularizado de maneira tão incrível que as telenovelas, o teatro e outras mídias se apropriaram da história com adaptações de enorme sucesso.

2.2.3 *Rosaura, a enjeitada*

Rosaura, a enjeitada é o último romance publicado por Bernardo Guimarães antes de sua morte. O livro circulou entre os anos de 1883 e 1884. Assim como *A escrava Isaura*, *Rosaura* apresenta uma trama envolvente, que também critica o sistema escravocrata da época, mas desta vez de uma maneira diferenciada. Sabe-

se que originalmente a obra havia sido publicada em apenas um tomo, entretanto algumas edições posteriores dividiram a história em dois volumes diferentes.

Este romance foi pouco conhecido e pouco editado. Temos conhecimento de poucas informações em relação à crítica da época. É possível supormos que talvez isso se deva ao fato de ter sido posterior à publicação de *A escrava Isaura*, acabando por ser ofuscada pelo sucesso da primeira.

Bernardo Guimarães tornou-se conhecido por oferecer à ficção brasileira obras com temas que transitam entre indianismo, regionalismo, escravidão e celibato clerical, mas sendo principalmente um grande observador dos costumes de sua época, podemos dizer, no entanto, que foi mais feliz em dois deles: no regionalismo e na escravidão. *Rosaura* vem a ser uma grande produção da temática da escravidão, mais rica até que a própria *A Escrava Isaura*, segundo a própria Editora Saraiva, no prefácio da edição que ora utilizamos.

Talvez não tenha conseguido alcançar tanta fama como o romance de 1875, por ter sido escrita depois dela e abafada pelo grande sucesso que a primeira teve, mesmo tendo qualidades estéticas muito superiores. É o que se depreende da orelha sem identificação de autoria da edição que utilizamos para este trabalho:

Rosaura, a enjeitada é um romance urbano, passado em São Paulo, obra que reflete as vivências de sua mocidade acadêmica, de estudante na capital paulista: Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa, seus colegas de Faculdade, por exemplo, são protagonistas do livro. Mas seu tema fundamental é o da escravidão, que já abordara em *A Escrava Isaura*. Tema que, segundo muitos críticos, abordou mais profundamente em *Rosaura* do que na *Escrava*. (GUIMARÃES, s.d., grifos do autor)

Este romance, que se divide em dois volumes, narra, em seu primeiro tomo, quase que em um tom biográfico, uma versão romanceada da juventude do próprio autor e de amigos íntimos e também escritores renomados da nossa literatura, como Álvares de Azevedo. Bernardo Guimarães seria então personificado pela personagem Belmiro, um dos moços admiradores de Adelaide. Ainda na primeira parte do romance, tomamos conhecimento da história da jovem e rica Adelaide e de seu amor proibido por Conrado, um serviçal mulato. O segundo tomo relata a vida e história de Rosaura, fruto do amor entre Adelaide e Conrado.

Cabe aqui fazermos uma breve explanação do enredo da obra de Bernardo Guimarães de maneira mais detalhada, pois as obras por ele escritas têm

determinadas particularidades. Em primeiro lugar, *Rosaura, a enjeitada* é muito pouco conhecida nos dias atuais e também possui edições muito raras, conseqüentemente se torna de difícil acesso a sua leitura, mesmo que já possua versões em domínio virtual.

Ao lermos estas breves considerações sobre *Rosaura, a enjeitada*, torna-se impossível não atentarmos para as semelhanças que existem entre ele e o romance destacado anteriormente. Além de ambos serem escritos pelo mesmo autor, e possuírem estilos parecidos, os romances apresentam semelhanças bastante ricas para nossa análise.

Em primeiro lugar, podemos dizer que ambas as obras possuem enredo bem semelhante. Ambas tratam da história de vida de uma mulher marcada por algum aspecto da escravidão, sendo submetida ao poder de um ou mais patriarcas que exercem um poder negativo na vida das pessoas a sua volta. Ambas as obras também mostram características da época em que foram escritas, quando o tema da abolição era bastante discutido na sociedade.

As histórias narradas por Bernardo Guimarães são frequentemente povoadas por diversas peripécias, tornando-se muito importante expô-las para podermos entender o funcionamento do enredo. Sobre a questão das peripécias, Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira*, comenta que:

A peripécia não é um acontecimento qualquer, mas aquele cuja ocorrência pesa, impondo-se aos personagens, influenciando decisivamente no seu destino e no curso da narrativa. Ela é pois, em literatura, um acontecimento privilegiado, na medida em que [...] é a verdadeira mola do entrecho, governando tiranicamente o personagem. (2000, p.113)

Além disso, para Candido, podemos aproximar Bernardo Guimarães a questões ligadas à forma como os fatos são narrados, à sua prosa e mesmo à produção romanesca de Joaquim Manuel de Macedo e Teixeira e Sousa:

Ora, em boa literatura, apenas na aparência a prosa é *natural* ou equivalente da fala diária; entre ambos há um afastamento necessário, sempre que o autor pretendendo algo mais que divertir um público mediano. No romance brasileiro desse período, é muito acentuada a tendência para a prosa falada, seja familiar, seja oratória. Assim é em Teixeira e Sousa, em Macedo e, como veremos, Bernardo Guimarães, que é uma espécie de Macedo caipira. (CANDIDO, 2000, p.122, grifo do autor)

Em *A permanência do círculo*, Roberto Reis esclarece que os romances do século XIX costumavam trazer esse tipo de história:

Haveria, na ficção do século XIX em geral, uma antecena e um fundo de cena, constituindo como que dois níveis espaciais dentro da narrativa. Nossa tese é que o primeiro plano, visível, ofusca o segundo – e o encobrimento era uma constante no palco ideológico daquela época -, mas neste latejam aspectos sociais que vale a pena fazer emergir. (REIS, 1987, p.21)

Mesmo que as intrigas amorosas sejam bastante importantes para o desenvolvimento de toda a história, o foco principal deste trabalho é o que se passa ao fundo de tudo isso. Desta forma, as questões sociais reveladas por trás das histórias de amor mostram bastante do que a sociedade pensava quando a obra literária foi produzida. Os romances de Bernardo Guimarães normalmente apontam para personagens construídas a partir de estereótipos, e isso revela questões que discutiremos a partir da análise das personagens, o papel sulbaterno da mulher, as marcas da ordem masculina, patriarcal e escravocrata.

2.3 BERNARDO GUIMARÃES COMO INTELECTUAL DE SUA ÉPOCA E A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA

Bernardo Guimarães, em sua época, por muitos foi considerado um escritor admirável, por outros, nem tanto assim. Em virtude disso, a fortuna crítica do autor está recheada de simpatizantes do seu trabalho, mas também de outros que não apreciam tanto suas obras. Além das pequenas críticas a respeito de sua literatura, que apresentamos na seção anterior, podemos encontrar algumas observações mais gerais sobre a qualidade de Guimarães como autor.

Abdala Júnior destaca a qualidade de Bernardo como escritor: “A obra poética de Bernardo Guimarães foi menos significativa do que a prosa que revela grande apego do Poeta à Natureza, rompido por certo humor satânico, dos seus tempos de boêmia byroniana, quando era estudante em São Paulo.” (1986, p. 113)

Ainda podemos tratar, nesta seção, da escrita autobiográfica praticada pelo autor em algumas de suas obras. São as pequenas descrições, tanto em sua prosa como em verso, que revelam detalhes da sua vida, desde a infância e adolescência. Olivieri aborda isso no posfácio do escrito para o livro de Bernardo Guimarães:

Nos livros de seus biógrafos, pouco podemos encontrar sobre a infância e adolescência do escritor. Em sua obra, porém, reconhecemos uma tendência a descrever e exaltar a natureza que talvez se tenha originado nesse contato juvenil com a beleza montanhosa da paisagem mineira. (2011, p.118)

Foi também o ambiente universitário de São Paulo que ofereceu a Bernardo Guimarães a constituição de quase todo o primeiro tomo de *Rosaura, a enjeitada*. Foi neste livro que o escritor representou alguns aspectos de sua juventude e de alguns de seus colegas de faculdade, que também se tornaram grandes nomes da literatura de sua época.

Olivieri também comenta sobre esse aspecto biográfico do autor a se relacionar com o ambiente que vivenciou depois de iniciada a faculdade:

Se não lhe atraíam as letras jurídicas que a faculdade ensinava, o ambiente acadêmico, ao contrário, ajudava-o a consolidar sua vocação pela literatura. Na escola do largo de São Francisco, reuniam-se os jovens talentos que iriam marcar esse período da literatura brasileira. Entre eles estavam José de Alencar, que viria a ser um de nossos maiores romancistas, e o poeta Álvares de Azevedo, que tornou-se (sic) amigo íntimo de Bernardo. (2011, p.119)

Foi esse ambiente recheado de motivações para a produção literária, muito ligado aos ideais do romantismo que há alguns anos haviam penetrado no Brasil, dando origem à maioria das obras desses autores. Nesse caso, o tom biográfico mais uma vez se apresenta como grande precursor da escrita do autor e de outros autores do mesmo período. “O objetivo principal dos escritores românticos brasileiros foi, então, fixar os aspectos da nossa história e da nossa realidade fazendo elogio dos valores nacionais.” (OLIVIERI, 2011, p.120) Dessa maneira, Bernardo Guimarães se tornou um autor de cunho regionalista. As mais variadas obras do autor possuem descrições extensas das belezas naturais de nosso país.

Outra característica de Bernardo relaciona-se ao fato de ele escrever sobre as coisas do campo, utilizando-se dos costumes e da linguagem rural. Podemos imaginar, numa primeira impressão, que o rural não fazia parte da vida do juiz de Direito da cidade de Catalão, porém alguns dados biográficos preciosos evidenciam o contrário:

Basílio de Magalhães, biógrafo do autor, conta um caso curioso. Um amigo do escritor, de passagem por Catalão, pretendia hospedar-se na casa de

Bernardo. Porém, desistiu da ideia ao ver a bagunça em que o magistrado morava. Bernardo não oferecia ordem nem asseio, mas fumo, boa pinga, uma viola, pescarias e caçadas – ou seja, o cotidiano de um verdadeiro matuto. (OLIVIERI, 2011, p.120)

Olivieri ainda acrescenta: “Levando esse tipo de vida, colhia experiência e material para seus futuros romances.” (2011, p.120) O dado que nos é oferecido na citação acima é muito rico para nossa análise, já que nos mostra que a escrita deste autor, como já havíamos suposto, é altamente impregnada de elementos autobiográficos. Ainda a respeito desse fato, o crítico literário José Veríssimo comenta, em *História da Literatura Brasileira*, de 1898, que “Bernardo Guimarães é o criador do romance sertanejo e regional, sob o seu puro aspecto brasileiro. O meio cujo era, determinou esta tendência da sua romântica.” (1888, p. 303)

Agripino Grieco, citado por Heron de Alencar, concorda com o que explanamos até agora:

[...] a contribuição de Bernardo Guimarães constitui aperfeiçoamento dos mais valiosos. Bernardo encontrou em sua província muitas coisas a explorar, desentranhando notas de interessantíssimas do aparente rudimentarismo da vida do interior. Enquanto outros, sequiosos de ouro, cavavam a terra, ele remexia nas tradições. (1986, p.270)

Estes aspectos rurais são evidenciados também pela linguagem que o autor utiliza em suas obras. Segundo Vera Tremel, que produziu uma pequena biografia que foi anexada à edição de *A escrava Isaura* com a qual trabalhamos, a linguagem do escritor era característica dos autores da época:

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães é considerado um representante da chamada “terceira geração romântica” brasileira, que reúne autores regionalistas brasileiros, e sua marca regionalista aparece no uso de clichês (uso de lugares-comuns e chavões) na descrição das paisagens e numa linguagem marcada pela adjetivação convencional. (TREMEL, 2009, p.13)

Outros críticos também tratam dessa linguagem usada por Bernardo. Hélio Lopes comenta sobre tal questão em *O seminarista*: “Percebem-se de um modo corrente de narrar e a preocupação de retratar de maneira mais real possível a vida dos habitantes dos lugarejos interioranos.” (LOPES, 2011, p.11-12) Para Lopes, este estilo proporciona o enriquecimento das histórias do autor.

Olivieri destaca que não apenas o primeiro livro do autor revela sua forma de escrever, mas também:

Todos os outros livros conservam uma tonalidade de “causo” relatado à soleira do rancho ou ao redor de uma fogueira, para passar o tempo. A formação culta e bacharelesca do autor não o impediu de usar em seus livros uma linguagem que aspira à oralidade, à coloquialidade. (2011, p.123)

Por isso, além dessa linguagem específica das narrativas do autor, Bernardo Guimarães se deixa revelar com um homem erudito, ao apresentar constantemente, em meio a sua escrita popular, citações de grandes poetas e obras da literatura mundial. Este detalhe pode ser observado na maioria das obras do autor.

Heron de Alencar também trata da linguagem de Bernardo Guimarães, fazendo referência a pensamentos de outros críticos:

[...] o problema da linguagem, contra a qual incidem, de preferência, as críticas que lhe foram feitas. Veríssimo observou que escrevia mal, sem apuro de composição nem beleza de estilo, e mais de um crítico lhe apontou erros grosseiros, flagrantes desrespeitos à gramática. É certo que os cometeu, o que não impede a afirmativa de que sua contribuição ao enriquecimento da nossa língua literária é importante, pela incorporação de numerosos brasileirismos ou mineirismos, anotados à farta por Basílio de Magalhães, ou pelo registro de particularidades sintáticas do falar sertanejo, Sívio Romero chegou mesmo a dizer que Bernardo Guimarães pode ser tomado como um documento para se estudarem as transformações da língua portuguesa na América. (1986, p. 275).

Esse uso da linguagem de maneira despropositada e desleixada evidencia que a escrita de Bernardo parecesse ainda mais com a linguagem regionalista pela qual sempre nutriu grande consideração.

2.3.1 Engajamento social e a recepção das suas obras

[...] a escolha dos assuntos, em Bernardo Guimarães, foi um passo à frente na evolução do romance brasileiro. Mas, essa escolha era inevitável, pelo desenvolvimento da tendência realista do nosso Romantismo, e, por isso só, não pode conferir ao autor a classificação de realista e até precursor do Naturalismo, (ALENCAR, 1986, p.270).

Bernardo Guimarães tem entre suas descrições mais frequentes a fama de ser um autor “à frente de seu tempo”, ou seja, ele foi de certa maneira um escritor que abordou antecipadamente certos temas. Discutiu, ainda que timidamente, sobre as injustiças da escravidão, por exemplo, enquanto ela ainda estava ocorrendo. Escreveu um romance criticando de certa maneira o papel da igreja e dos sacerdotes, em uma sociedade que possuía uma Igreja muito poderosa, que estava

diretamente ligada à tomada de decisões políticas. Essa escolha temática fez os romances de Bernardo Guimarães se tornarem reconhecidos. Observa Abdala Júnior que “Suas obras mais lidas *O seminarista* e *A Escrava Isaura*, construídas com temas básicos dos romances de ênfase social de sua época, respectivamente o celibato clerical e a escravidão.” (1986, p. 113).

A essa caracterização de Bernardo Guimarães, pode-se acrescentar que:

Teve ele ambições mais altas que esta pintura de gênero, ensaiou-se também no romance histórico e no de intenções sociais, com *O seminarista*, onde versou o caso celibato clerical, com *A Escrava Isaura*, em que dramatiza cenas da escravidão, com *Maurício*, em que tenta ressuscitar uma época histórica da vida colonial da sua província. (VERÍSSIMO, 1898, p.303)

Outros aspectos também tiveram um fundo social, mesmo sem parecerem questões tão importantes à primeira vista. Foi a escrita regionalista de Bernardo Guimarães que permitiu que o Brasil e o mundo conhecessem a essência do povo brasileiro, seus costumes, sobretudo seus valores, que ajudaram na formação de uma identidade nacional:

O registro de aspectos característicos do viver sertanejo da época é o que de mais importante existe em seu regionalismo: quer ao fixar a cata dos diamantes na região de Bagagem (*O garimpeiro*), a briga de sertanejos, (*O ermitão de Muquém*), o mutirão e a quatragem (*O seminarista*), quer quando anota credences e hábitos, costumes e tradições, é geralmente com fidelidade que o escritor descreve ou narra, e nisso leva indiscutível vantagem sobre Franklin Távora. (ALENCAR, 1986, p.274).

Ao trabalhar com o romance regionalista, Bernardo Guimarães revelou todo um engajamento social por meio do qual mostrou os diferentes caracteres das diversas regiões do Brasil, funcionando também com uma espécie de ruptura aos modelos europeus. Segundo Antônio Medina Rodrigues (1979), “Na medida em que trabalhava temas brasileiros, esta tendência, realizada nas obras de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Taunay e Franklin Távora, representa o golpe mais vigoroso desferido contra a literatura de modelos portugueses.” (1979, p.72)

Em *A Literatura no Brasil* (1986), organizada por Afrânio Coutinho e Eduardo de Faria Coutinho, Heron de Alencar corrobora o assunto, sobre o regionalismo ser a grande característica do autor: “[...] é a Bernardo Guimarães que cabe a glória de

ser, historicamente, o iniciador do regionalismo romântico em nossa literatura,[...]" (1986, p. 273)

Existe ainda o engajamento indianista de Bernardo Guimarães, no qual o autor destaca um elemento ligado a nossa cultura há muito tempo, muito anterior à colonização do Brasil: "José de Alencar, em 1857, inaugura esta tendência publicando, *O Guarani*, abrindo perspectivas para que autores venham a trilhá-la, como é o caso de Bernardo Guimarães com *O Índio Afonso*;" (RODRIGUES *et al*, 1979, p.72)

Para Antonio Candido, nem sempre esse modo de escrever de Bernardo foi adequado ou bem-sucedido, porém, muitas vezes, conseguiu ser muito interessante e a sua maneira de narrar conquistou espaço na Literatura Brasileira:

Interessou-se com senso humanitário pelo problema da escravidão, dedicando-lhe o mais popular de seus livros, *A Escrava Isaura* (1875), que é medíocre; também medíocre é tentativa de ficção histórica, *Maurício* (1877). O seu melhor romance é, sem dúvida, *O seminarista* (1872) no qual fundiu o senso original com as preocupações morais e sociais, integrando-os num "estudo de caso" a que não falta vigor de execução. O seu estilo, muitas vezes tosco, é, nos bons momentos, expressivo e saboroso. (1988, p.217-218)

Outro fator que ajudou na popularidade das obras de Bernardo relaciona-se à facilidade que o leitor tem de compreender o enredo, deixando-o assim mais acessível a todos os públicos, até mesmo aos dos dias de hoje. "É verdade que grande parte do sucesso de que desfrutou o escritor era devida a essa mesma estrutura, à forma simples e fácil com que construiu suas intrigas e escreveu suas narrativas, que encontravam nos assuntos o outro fator importante de atração do público." (ALENCAR, 1986, p.269)

Sabe-se que com passar do tempo a recepção das obras passou por mudanças. Algo na estrutura dos romances de Bernardo deixou de ser atrativo aos leitores. Segundo Heron Alencar, Bernardo não usou as técnicas do romance moderno em suas obras, deixando-as apenas no plano do narrar e do contar, sem muito acrescentar em seus romances, "[...] e quando tentou essa incorporação (dos elementos do romance moderno) não o fez do melhor modo, ressentindo-se as suas narrativas de falhas hoje imperdoáveis." (ALENCAR, 1986, p.270):

Dos romances do escritor mineiro, cuja poesia e crítica atual vem tentando revalorizar, os únicos que continuaram a ser lidos pelo público foram *A escrava Isaura* e *O seminarista*, principalmente este último, que, publicado em 1872, contava dez edições até 1941; os outros vieram gradativamente perdendo leitores, a maioria deles estando hoje inteiramente esquecida. (ALENCAR, 1986, p.269)

Alencar também nos revela o pensamento de um dos biógrafos de Bernardo Guimarães, destacando que o escritor [...] não se filiou na escola “indianista” pura; ao contrário, marca a diferenciação em relação a ela, pelo escopo de integrar na nossa literatura, em vez dos tipos extremos de mescla, os de cruzamento mais comum, isto é, o *mameluco* e o *cafuso*, nos quais são categorizados *Jupira* e *O índio Afonso*. (ALENCAR, 1986, p.274, grifos do autor)

3 O USO DO CORPO FEMININO

De acordo com os estudos feitos das obras *O seminarista* (1872), *A Escrava Isaura* (1875) e *Rosaura, a enjeitada* (1883), vamos apresentar neste capítulo uma análise relacionada ao corpo feminino, ou seja, discutir diversos tópicos que o envolvem e seu uso. Discutiremos, a questão étnica e sexual, a violência sexual e os padrões de beleza, além de discutir o emprego do corpo como meio de ascensão social, entre outros, cujo tema tem sido muito recorrente nestes romances de Bernardo Guimarães. Tal questão é fundamental para constituição dos enredos, pois normalmente as figuras femininas têm apresentado papéis de grande relevância em cada um dos romances, e os temas relativos ao corpo dessas personagens têm revelado os grandes eixos que fundamentam e desenvolvem os enredos das obras.

Em *O seminarista* (1872), quando adentramos as questões relativas ao corpo, é preciso que nos detenhamos em Margarida, figura central da narrativa. O corpo dessa personagem é alvo de julgamentos diversos, o mais agressivo deles é o de pendor religioso, pois a questão religiosa tão presente no romance considera o corpo de Margarida como fonte de pecado e, mais do que isso, serve para culpabilizá-la pelos desencadeamentos trágicos presentes no romance. O corpo de Margarida é visto como fonte do pecado que destrói a carreira clerical de Eugênio e também a sua própria morte, antes de tudo uma morte moral e em seguida a punição pela sua conduta sedutora, a morte física.

Margarida é uma jovem de aproximadamente dez anos no início do romance: “A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da imbuaba.” (GUIMARÃES, 1872, p. 7) A moça certamente era muito bela e encantadora, qualidades que só ajudaram a aumentar os sentimentos que Eugênio possuía por ela. Essa visão romantizada da garota vai se perdendo e dando lugar a um olhar que coloca Margarida numa posição de provocação e lascívia, transformando-a na figuração da mulher que causa a deturpação da sanidade masculina.

Quando tratamos de Adelaide, a personagem de *Rosaura, a enjeitada* (1883), algumas discussões vêm à tona. A primeira delas é a expectativa criada em relação aos dotes que as mulheres da época precisavam apresentar para serem dignas de casarem com um “bom partido”. Outra questão que Adelaide nos permite expor é a

questão étnica ligada à beleza e à sexualidade. Além disso, essa personagem nos permite desenvolver duas teorizações importantes. Uma delas é a de Affonso Romano Sant'Anna, que comenta em seu livro *O Canibalismo Amoroso* (1985), sobre as mulheres-flor e mulheres-fruto. A outra pertence a Roberto Damatta, que aborda em *A Casa e a Rua* (1997) sobre os espaços ocupados pelas mulheres e o que eles revelam.

Sant'Anna (1985) faz um percurso pela sexualidade ligada à figura feminina na literatura brasileira. Em uma de suas teorizações, estabelece pelo menos três nomenclaturas atribuídas a categorias de mulheres. Ele as chama de mulher-flor, mulher-fruto e mulher-caça. A primeira é a mulher para ser admirada, por sua beleza, seus dotes e normalmente pela alvura de sua pele. Já a segunda estaria ligada mais profundamente à intenção de ser sexualmente devorada, já que é vista sob o prisma da sensualidade. E por último, a mulher-caça, pela condição de inferior, a ser dominada e controlada pelo seu caçador. Nas palavras do próprio Sant'Anna, talvez seja possível entender melhor essa descrição: "E, assim como se passa da mulher para ser vista à mulher para ser comida, passa-se da mulher-flor à mulher-fruto, como se a mulher branca estivesse no jardim e a mulher escura no pomar." (SANT'ANNA, 1985, p. 24)

Em *Rosaura, a enjeitada*, Adelaide nos é apresentada como uma moça muito rica e belíssima. Entretanto, suas qualidades não vão muito além disso. Apesar de saber cantar e desenhar, certamente a menina não era muito instruída. Desconhecia outras línguas e parecia não ter conhecimento algum sobre literatura, pois nunca teria possuído uma aia ou uma parenta velha que a instrísse como uma jovem deveria se comportar à época. De acordo com o próprio narrador, Adelaide foi uma menina criada sob a égide masculina do pai, logo sem a instrução esperada.

No século XIX, muitos nutriram a expectativa de que as mulheres fossem prendadas, soubessem bordar, cantar, falar outras línguas e comportar-se impecavelmente, para conseguirem bons maridos, e tais habilidades eram, via de regra, transmitidas pela mãe ou outra figura feminina. Adelaide não dispunha de tantos atributos como então se exigia, mas possuía dois importantíssimos, a beleza e a riqueza, os quais mantinham muitos pretendentes a seus pés.

Heleieth Saffioti comenta sobre estes aspectos em seu livro *A Mulher na Sociedade de Classes* (2013). Observa a autora que "A felicidade pessoal da

mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica.” (SAFFIOTI, 2013, p.63). Diante deste comentário, conseguimos perceber o quão importante era para a moça e mais ainda para sua família que o casamento fosse bem-sucedido.

Mesmo que não houvesse nenhum sentimento e sequer o mínimo de conhecimento entre a moça e o futuro esposo, o matrimônio poderia ser convenientemente acertado pelos pais dos noivos. Observava-se, dessa maneira, que a felicidade conjugal era uma questão de sorte. A sempre e completa dependência econômica da mulher em relação ao marido causava nele a percepção de que podia decidir também pela própria mulher, pois ela necessitava obedecer para conseguir o mínimo vindo do marido, além, é claro, da cultura da época, que já há muito tempo trazia pensamentos e conceitos que tornavam a mulher cada vez mais submissa ao homem. A respeito dessa questão Saffioti observa:

Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família. (2013, p.63)

Ainda, percebemos que o comportamento de submissão estava relacionado primeiramente ao pai, e depois, em virtude de um casamento sem amor, ao marido, que continuaria a fazer do casamento uma espécie de prisão, na qual a mulher está sempre subordinada à figura masculina. Além disso, o comportamento e a moral da mulher também eram constantemente controlados por uma figura masculina.

Convém ter em mente que as expectativas diante do comportamento e da instrução das mulheres no século XIX eram compatíveis com o que se esperava de Adelaide, porém a jovem não conseguia atender aos requisitos mínimos de uma mulher da classe socioeconômica e cultural a que pertencia. De certa maneira, isso podia ser justificado pelo fato de Adelaide não endossar certos valores de seu meio, haja vista que a narrativa destaca que suas origens não seriam consideradas suficientemente nobres.

Mesmo Adelaide permanecendo rica desde a infância, com a nobreza conquistada pelo pai, os reflexos da origem negra e indígena acabavam por perpassar as questões econômicas e causar a ela problemas na sociedade.

No que concerne ao romance *A Escrava Isaura* (1875) a questão do uso do corpo funciona de maneira inversa ao que se observar em Adelaide. Isaura, por ter características de uma moça de fino trato, é julgada somente pela condição de escrava, mas não por sua condição étnica. Isaura passa por dois momentos distintos no romance: enquanto é conhecida apenas pelos seus dotes, ela é muito admirada, porém ao saberem de sua condição de cativa, passam a desconsiderar suas qualidades. A teoria de Sant'Anna pode ser aplicada para podermos compreender a variação de óticas sobre a personagem. Isaura passa a ser vista como mulher-caça, visto que vivia sendo assediada por Leôncio na fazenda onde morava. Em primeiro lugar, encontrava-se presa, sem liberdade para poder sair de tal situação. Em segundo lugar, era perseguida por Leôncio, como uma caça. É possível verificar na narrativa que Isaura constantemente precisava fugir dos braços de seu senhor. O objetivo dessa perseguição possuía realmente fins relativos à caça, como dominar a presa e sexualmente devorá-la.

Quando a narrativa se inicia, Isaura é apresentada de maneira a jamais pensarmos tratar-se de uma escrava, pois ela se encontra sentada diante de um piano a tocar e cantar divinamente. A cena opõe-se às descrições que normalmente são feitas de escravos, visto que em narrativas oitocentistas estes nunca dispõem de regalias, como o de adentrar a casa-grande com tanta intimidade, figurando como uma pessoa livre:

Achava-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenham-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda a análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados de despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na fronte calma e lisa como o mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; ... (GUIMARÃES, 2009, p.20-21)

Esta única citação pode-nos render boa parte da discussão sobre a imagem falseada de escrava deste romance de Bernardo Guimarães. Começemos, primeiramente, pela visão que possuímos da escravidão no Brasil, conforme nos é apresentada por Gilberto Freyre, no seu livro *Casa-grande & senzala* (1989). Neste

estudo, fica evidenciado que é praticamente impossível imaginarmos a cena criada por Bernardo Guimarães. Sabemos que na época da escravidão brasileira poucas mulheres recebiam alguma instrução. Em se tratando de uma escrava, isso seria quase absurdo, e quando o sociólogo menciona algum caso, trata-se de exceção, não de regra. Desse modo, não conseguimos identificar na citação acima que a jovem ao piano é uma escrava, pois a descrição mostra-nos que se trata de uma moça branca, comparada ao marfim do teclado do piano, dado que não corresponde à cor da pele da grande maioria dos escravos.

No romance de 1872, a despeito de não ser cativa, a menina Margarida – pertencente a um mundo de pobreza, vivendo ela e a mãe como agregadas de um poderoso local – era ensinada de acordo com os moldes de educação dado às mulheres da época. Isso, porém, não era feito por sua mãe Ubelina, uma mulher muito simples. A função ficava a cargo da madrinha, aquela que certamente podia dar as melhores noções de um comportamento feminino adequado à jovem. Como podemos observar na narrativa, a madrinha: “[...] desde os cinco anos lhe pôz nas mãos a agulha e o dedal.” (GUIMARÃES, 1872, p.25) Esses modelos aplicados à Margarida eram comuns na época, afinal era corrente a ideia de que toda mulher devesse saber desde pequena essas funções, que seriam fundamentais para conseguir um bom casamento, como já comentamos acima quando nos referíamos à figura de Adelaide.

Quando mais jovem, Margarida já era descrita como uma boa moça da época: “A menina já podia ajudar sua mãe, sabia coser, bordar, e era muito diligente em toda a espécie de serviço caseiro compatível com sua idade.” (GUIMARÃES, 1872, p.23). Neste trecho, percebemos que não era importante que as mulheres, principalmente as de classes inferiores, aprendessem a ler e fossem instruídas. Em geral, somente os meninos eram mandados para educandários. Exceção à regra, Margarida também aprendeu a ler graças a um carinhoso professor – este fora Eugênio –, que com muita dedicação dava lições à moça.

Portanto, é por meio de uma figura masculina que Margarida aprende a ler e a escrever. Também podemos notar que toda a instrução vem da casa do capitão Antunes, desta maneira fica evidente como a instrução era algo que comumente provinha de uma família com maior poder aquisitivo, ou seja, empregando a terminologia de Roberto Reis (1987), emanada do núcleo em direção à periferia.

Apesar de todas as regalias e da instrução recebida por Isaura, a escrava também sabia fazer os serviços domésticos, do mais leve ao mais pesado. Ao afrontar Leôncio, este supôs que seria um castigo colocá-la a trabalhar no serviço pesado com as demais escravas. Tirando-lhe as regalias que possuía dentro da casa-grande, acreditava que Isaura iria ceder a suas vontades:

[...] Isaura foi sentar-se junto à roda, e pôs-se a prepará-la para dar começo ao trabalho. Posto que criada na sala e empregada quase sempre em trabalhos delicados, todavia era hábil em todo gênero de serviço doméstico: sabia fiar, tecer, lavar, engomar e cozinhar tão bem ou melhor do que qualquer outra. (GUIMARÃES, 2009, p.67)

Além disso, o narrador nos descreve Isaura como uma moça muito humilde que, apesar da condição superior que possuía em relação às outras escravas, não tentava se sobressair ou se beneficiar diante das suas companheiras. Mesmo sem querer parecer melhor do que as outras escravas, Isaura possuía algo que a mostrava como superior às outras. Podemos supor que o primeiro fato seria a cor da pele, porque possuir a tez mais branca talvez a destacasse com alguns traços de superioridade em relação às outras cativas decerto mais escuras.

A instrução e o cuidado que havia recebido a tornava mais habilitada para diversas tarefas que, mesmo a escrava mais dedicada não poderia exercer sem o devido conhecimento. Além disso, o tratamento que recebia dos seus senhores era o que mais a diferenciava das outras:

[...] Isaura procurava ser humilde como qualquer outra escrava, porque a despeito de sua rara beleza e dos dotes do seu espírito, os fumos da vaidade não lhe intumesciam o coração, nem turvavam-lhe a luz de seu natural bom senso. Não obstante, porém toda esta modéstia e humildade transluzia-lhe, mesmo que a despeito dela, no olhar, na linguagem e nas maneiras, certa dignidade e orgulho nativo, proveniente talvez da consciência da sua superioridade, e ela sem o querer sobressaía entre as outras, bela e donosa, pela correção e nobreza dos traços fisionômicos e por certa distinção nos gestos e ademanes. Ninguém diria que era uma escrava, que trabalhava entre as demais companheiras, e a tomaria antes por uma senhora moça, que, por desenfado, fiava entre as escravas. Parecia a garça-real, alçando o colo garboso e altaneiro, entre um chusma de pássaros vulgares. (GUIMARÃES, 2009, p.68)

O tratamento distinto recebido por Isaura só reforça a questão da sua brancura, pois as outras escravas, que possuíam a pele negra e nenhuma instrução não possuíam tantos direitos como Isaura possuía.

3.1 NEGRAS E BRANCAS

O caráter, assim como a moral e o comportamento, eram questões fundamentais e muito julgadas nas mulheres do século XIX. No caso de Isaura, a descrição do seu caráter é reveladora de uma educação primorosa, muitas vezes revelada por suas falas na narrativa. “[...] Eu cometeria uma traição infame para com minha senhora, se desse ouvidos as palavras amorosas do meu senhor.” (GUIMARÃES, 2009, p. 85). Em trechos como esses, podemos notar que a escrava não era capaz de cometer qualquer deslize, mesmo que esse pudesse favorecê-la, e muito. Dessa forma, podemos pensar que para uma escrava apresentar tamanha retidão, ela deveria necessariamente ter tez branca, pois sabemos que não se esperava qualquer sinal de bom caráter de pessoas com ascendência negra.

Teófilo de Queiroz Júnior trata disso em *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*:

Ao contrário das demais mulatas da literatura que analisamos, Isaura é de pele clara, embora essa tonalidade não se conserve inalterada, ao longo do romance, escurecendo-se aqui e ali, com indicações significativas para a análise do estereótipo a que pertence. Além de clara, Isaura é de uma retidão moral inabalável, mesmo quando enfrenta a tentação nas promessas mais irresistíveis com que lhe acenam, ou quando se defronta com ameaças terríveis. (1975, p. 51)

Esta questão põe em xeque o caráter abolicionista atribuído a essa obra de Guimarães. Afinal, usar da imagem de uma escrava branca para falar de suas qualidades, torna quase que ineficaz o teor defensor da abolição, pois sabemos que a escravatura, sem generalizações, se aplicou basicamente ao negro assim que se evidenciou que o indígena era pouco rentável sob o jugo da servidão.

Sabemos que no romantismo o negro e o branco eram vistos de maneira bem distintas. Em primeiro lugar, o negro era sempre considerado como um bárbaro. Mesmo que possuísse instrução, era considerado um ser incapaz de ter atitudes civilizadas, pois algo em sua natureza não permite tal evolução. Dessa maneira, ao negro nada mais pode ser dado além do mínimo, pois mesmo que o seja, a ele não caberá compreender ou reconhecer. Segundo Gregory Rabassa, em *O negro na ficção brasileira* (1965):

(...) o negro tem figurado como personagem nos escritos do mundo ocidental desde os seus primórdios. Tem sido tratado de maneiras diferentes, de acordo com a época, o povo e cada autor. Para alguns, era o estrangeiro, o homem diferente até mesmo na cor da pele, encarado com o temor e considerado misterioso. À medida que crescia o conhecimento do homem e do mundo ia se ampliando, o negro passou a ser símbolo de inferioridade, a raça escrava, ao mesmo tempo fonte de distração e ridículo. (1965, p. 35)

Ao contrário dos escravos negros, a narrativa evidencia que Isaura fora educada pela mulher do comendador com todo o zelo que se teria por uma filha. A ela é dada essa oportunidade pelo simples fato de não ser uma negra. Afinal, a questão de inferioridade étnica da época impedia que uma moça negra tivesse tais privilégios, ou mesmo invadisse o espaço pertencente ao branco. O narrador elenca muitos aspectos positivos da educação de Isaura: “[...] foi-lhe ela mesma ensinando a ler e escrever, a coser e a rezar. Mais tarde procurou-lhe mestres de música, de dança, de italiano, de francês, de desenho, comprou-lhe livros [...]” (GUIMARÃES, 2009, p.30). Dessa forma, a heroína foi se desenvolvendo com toda a graça de uma senhora e não de uma escrava. Apenas o que lhe fazia constar na condição de escrava era o fato de não possuir carta de alforria.

Conseqüentemente, todas as qualidades enaltecidas ligadas à pessoa de Isaura tornavam a escravidão injusta para ela. Afinal, a percepção da época era que os escravos eram inferiores em caráter, inteligência e beleza, e por isso mereciam ser submetidos a trabalhos forçados e a castigos brutais. Malvina, esposa de Leôncio, chega a proferir as seguintes palavras sobre a condição da jovem: “Uma tão boa e interessante criatura, não nasceu para ser escrava.” (GUIMARÃES, 2009, p. 31) Estas palavras só comprovam o que Freyre observa em *Casa-grande & Senzala*:

Mas logo de início uma discriminação se impõe: entre a influência pura do negro (que nos é quase impossível isolar) e a do negro na condição de escravo. “Em primeiro lugar o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativo,” escreveu Joaquim Nabuco em 1881. Admiráveis palavras para terem sido escritas na mesma época em que Oliveira Martins sentenciava em páginas gravíssimas: “Há decerto, e abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropológicamente inferior, não raro próximo ao antropoide, e bem pouco digno do nome de homem.” (1989, p. 314)

A citação acima nos mostra que, no século XIX, se pensava seriamente que o negro por algum motivo se apresentava inferior intelectualmente ao branco e, por

isso, o branco poderia exercer sobre ele um domínio para o tornar civilizado ou apenas para controlá-lo. Tais explicações da suposta inferioridade do negro serviam mesmo para justificar cientificamente a existência da escravidão. A brancura de Isaura, portanto, torna-a imprópria para o cativo, pois seria então um ser humano muito desenvolvido para pertencer ao grupo de escravos.

Questões relativas à etnia negra também estão presentes em *Rosaura, a enjeitada*. Major Damásio, pai de Adelaide, é descendente de indígenas e a mãe de Adelaide, uma escrava alforriada na pia batismal – ou seja, a mãe da jovem fora libertada no momento do seu batismo por um ato de consideração de seu senhor pelos serviços prestados por seus pais ou algo parecido. Todavia, Adelaide vive ao lado do pai desde o falecimento da mãe sem nada saber sobre suas origens, cercada de cuidados pelos criados. Estes, na verdade, são os escravos do Major, e tal realidade representa, no âmbito da narrativa, que ele estaria renegando as próprias origens e as da esposa.

Um momento do enredo que marca fortemente esta questão étnica presente no romance é quando, em meio às disputas dos pretendentes de Adelaide, “Belmiro trouxe-lhe um lindo cravo caboclo.” (GUIMARÃES, v.1,s.d., p.18) O ato de Belmiro de certa maneira não agrada Adelaide, a despeito de a atitude dele no momento ser a de agradá-la porque, afinal, o cravo caboclo parecia-se com a beleza da gentil moça mulata. Porém ela não reconhece a beleza dessa flor e por muito pouco não considera uma ofensa a ação do jovem pretendente. Interessante mesmo é notarmos a metáfora existente neste trecho, pois a semelhança do cravo com a moça vai além da beleza e remete a uma questão étnica muito presente no romance: a ignorância de Adelaide quanto à sua origem e também ao preconceito arraigado em seu pensamento.

Este preconceito contra o afrodescendente tem sua raiz na questão da hibridização étnica e cultural. A miscigenação ocorrida em larga escala no Brasil entre o elemento negro e o branco resultou no mulato. Situado entre duas etnias e duas culturas diversas, o mulato passou a ser visto, em muitos casos, sob uma perspectiva depreciativa, inviabilizando sua aceitação no mundo branco ou no negro, tornando-o um sujeito segregado.

Há que se observar que a situação se dramatiza quando ao problema étnico soma-se a questão de gênero. Tanto no âmbito da sociedade quanto no da

literatura, à mulher mulata tem se atribuído um forte pendor sexual, ou seja, ela passa a ser vista como objeto puramente sexualizado. Além disso, a moral feminina é compreendida de maneira diferente a do homem, como explica Leite: “O ‘duplo padrão de moralidade’ talvez nunca tenha sido tão nítido; o que, para a mulher, constitui um pecado inominável, para o homem seria uma experiência aceita e valorizada.” (LEITE, p.59, 1964)

Entre as diversas discussões feitas por Queiroz Júnior, ressaltam-se:

Esses confrontos entre mulatas e flores implantam-se como modelos de referências, insista-se, daí até nossos dias. Por vezes é ultrapassado o elemento flor, mas permanece o símile vegetal de destacado espécime, como ocorre com o cravo e a canela, especiarias ambas altamente reputadas, ao tempo da chegada de Cabral ao Brasil, e que Jorge Amado utiliza para qualificar sua Gabriela. (1975, p. 47)

Este comentário elaborado por Queiroz Júnior diz respeito às escolhas feitas por Jorge Amado quando a mulata Gabriela surge como personagem de seu famoso romance. Tal constatação do autor leva-nos a refletir sobre os procedimentos adotados por Bernardo Guimarães ao descrever Adelaide. Neste âmbito, Adelaide ainda se distancia um pouco de Gabriela. A personagem de Guimarães ainda é descrita como flor, com menor pendor sexual do que a descrição da personagem de Amado vem a ter.

Sabe-se, porém, que ambas possuíam beleza estonteante e pele escura, mas o escritor romântico optou por inicialmente idealizar um pouco mais Adelaide, antes de jogá-la a uma apreciação mais carnal. Podemos entender esse artifício como um marcador temporal e social, no qual os padrões éticos da época ainda regiam a literatura e os autores no sentido de não infringirem determinadas posturas morais e sociais. Por seu turno, Amado, por escrever em uma época de maior liberdade e numa vertente mais realista consagrada no “romance de 30”, usa de metáforas sexuais mais diretas para descrever Gabriela.

Em *O seminarista*, romance no qual as alusões ao desejo sexual das personagens aparecem de maneira mais sutil, quando Eugênio volta pela primeira vez para casa, passados quatro anos no seminário, encontra uma nova Margarida. O futuro padre vinha imaginando que ela seria como antes, entretanto quando se depara com a mulher que Margarida se tornou, o jovem fica impressionado:

[...] ficou assombrado quando em vez de uma menina, que esperava pôr sobre os joelhos e brincar com ella como nos bons tempos de outróra, viu apresentar-se diante de seus olhos uma linda macetona, alta, garbosa, bem feita e em toda plenitude de seu desenvolvimento. (GUIMARÃES, 1872, p. 83)

Dessa vez, a nova Margarida é descrita pelo narrador como uma mulher que passava doravante a representar uma tentação a Eugênio. Segundo Queiroz Júnior, a mulher é vista como “[...] irresponsável, infiel, sensualíssima, exaltada apenas por dotes físicos [...]” (1975, p.111). Nesse romance, há um apelo bastante forte no que se refere à questão da sensualidade de Margarida, a imagem da moça contém um pendor sexual muito forte, apontando-a como a famigerada mulher sedutora e, conseqüentemente, fonte de pecado para o inocente padre. Margarida é-nos apresentada de uma maneira muito sensualizada, buscando culpabilizar a mulher por seu poder de sedução como uma arma.

Mesmo que Queiroz Júnior trabalhe com a figura da mulata, podemos ver Margarida na mesma posição social que uma mulata, por conta da cor de sua pele e por ser uma pobre agregada:

A têt era de um moreno delicado e polido, como resvalando uns reflexos de matiz de ouro. Os olhos grandes e escuros tinham essa luz suave e avelludada, que não se irradia, mas parece querer recolher dentro d’alma todos os seus fulgores á sombra das negras e compridas pestanas, como timidas rôlas, que se encolhem escondendo a cabeça debaixo da aza assetinada; as sobrancelhas pretas e compactas davão ainda mais realce ao mavioso da luz que os inundava, como lampadas mysteriosas de um santuario. (GUIMARÃES, 1872, p.83)

Podemos analisar a citação acima em muitos aspectos. O primeiro destaca que Margarida é uma moça “morena”. Esse moreno da pele de Margarida funciona de certa maneira como uma forma de anunciar também o principal motivo pelo qual ela será a grande culpada dos acontecimentos do romance. O aspecto relacionado à cor tem muito a ver com o julgamento que será feito de Margarida.

Em primeiro lugar, o moreno pode servir para explicar a beleza e a sensualidade da moça, que, de certa maneira, pode ser considerada a grande sedutora e transgressora, pois nesse contexto a pele de tez mais escura sempre estava mais relacionada à sensualidade, enquanto a branca vinculava-se à pureza.

Seria também esta pele morena o grande motivo pelo qual o caráter de Margarida não é confiável, e desse modo ela é culpabilizada pela decadência de

Eugênio, que somente cede aos encantos da moça por ser enfeitado por ela, por seus dotes.

3.1.1 A moral feminina

A questão moral também regia o comportamento de Margarida, e esses cuidados vinham da mãe: “Ubelina bem via que não ficava bem deixar a sós por muito tempo da meninice aquellas duas creaturas que se querião tanto, e portanto não lhe permittia mais que vagassem sósinhos pelos campos como outr’ora longe de suas vistas. (GUIMARÃES, 1872, p.108)

Nestes cuidados de Ubelina, certamente, já havia certa desconfiança de um possível relacionamento entre os dois. Desta maneira, a mãe de Margarida previne que a moça tenha um comportamento condizente com o que era considerado adequado para a época e para jovens de sua condição socioeconômica. Nesse período, a reputação das mulheres precisava ser muito preservada para que elas conseguissem um bom casamento, conseqüentemente, melhores condições de vida.

Não somente pela desconfiança da mãe no possível relacionamento dos dois jovens, mas também por uma questão moral, Ubelina tinha esses tipos de cuidados. “Acresce ainda que, raramente, as mulheres da camada dominante saíam à rua, só deixando a casa praticamente para irem à igreja, o que nunca faziam desacompanhadas.” (SAFFIOTI, 2013, p. 242) Portanto, mesmo que Margarida não pertencesse às camadas dominantes, segundo a descrição de Saffioti, o mesmo podia se aplicar a ela, pois havia um esforço da família para que as moças da época, mesmo que pobres, copiassem os procedimentos e usos senhoriais e, assim, apresentassem uma boa conduta para que pudessem conseguir bons matrimônios.

Desse modo, Ubelina é descrita como uma mulher muito correta: “Ella era incapaz de chamar a sua casa vadios, peraltas e mulheres perdidas para junto da companhia de uma filha, que era a menina dos seus olhos, e cuja reputação zelava com o maior recato e sollicitude. (GUIMARÃES, 1872, p. 122)

Pretendentes sempre frequentavam a casa da Dona Ubelina para tentarem conquistar a jovem Margarida, porém esta não dava nenhum tipo de atenção a eles. Um deles em especial se destacava por suas características, seu nome era Luciano, que “[...] era o unico que possuia alguma cousa, e que se trajava com decencia, elle

o unico branco legitimo que ali pisava [...]” (GUIMARÃES, 1872, p.127). Podemos notar que Luciano se tornava o pretendente mais adequado porque era, de acordo com a descrição do narrador, puramente branco e com algumas posses.

No desfecho do romance, podemos notar a recorrência de um aspecto nas diversas obras que retratavam mulheres do século XIX: as que ousavam infringir as regras que lhe eram impostas pela religião ou pela sociedade acabavam castigadas. É o que sucede com a jovem deste romance de Bernardo Guimarães: “Margarida estava sobre a cama, (sic) meia deitada, (sic) meia assentada, com as costas apoiadas na cabeceira, os braços cruzados e a cabeça pendida sobre o peito.” (GUIMARÃES, 1872, p.231)

Endossando os valores da ordem patriarcal, da moral e da religião da época, o castigo de Margarida se completa com a morte, conforme descreve o narrador: “Sobre um pobre caixão sem tampo, pobrementemente amortalhado esteriçava-se um corpo de mulher. [...] Um lenço branco cobria o rosto da finada, e sobre o seu peito via-se uma capella de alvas flôres, symbolo da virgindade.” (GUIMARÃES, 1872, p. 256)

Porém, nessa obra podemos ver um diferencial. Na narrativa, a figura masculina também acaba castigada no desfecho da trama. Eugênio, o jovem padre que infringiu as regras da igreja, acaba duplamente penalizado, primeiro por ter que ver e confessar sua amada no leito de morte e, em segundo lugar, pelo fato de ele enlouquecer:

Chegando á escada que sobe para o altar mór o padre parou, e quando já todos de joelhos esperavão, que começasse o introito, virão-no com assombro arrancar do corpo um por um todos os paramentos sacerdotaes arrojá-os com furia aos pés do altar, e com os olhos desvairados, os cabellos bellos hirtos, os passos cambaleantes atravessar a multidão pasmada, e sahir correndo pela porta principal. Estava louco... louco furioso. (GUIMARÃES, 1872, p. 258)

É possível, em *A Escrava Isaura* (1875), nos depararmos com esta questão discutida por Sant’Anna: empregando sua terminologia, Isaura além de ser uma mulher-flor seria também uma espécie de mulher-fruto, pois é descrita como dona de delicada beleza – nesse sentido, serve para ser admirada –, mas sendo escrava, mesmo na condição de mulher branca, ela figura na posição de uma mulher para ser comida, ou como um objeto, como a própria citação evidencia: “Isaura é como um

traste de luxo, que deve estar sempre exposto no salão.” (GUIMARÃES, 2009, p.35). Ainda usando os conceitos de Sant’Anna, Isaura pode ser vista também, encaixada em uma terceira categoria, a de mulher-caça, a qual o homem persegue para devorar, pois Leôncio a persegue para conseguir dominá-la e, assim, satisfazer seus lascivos desejos.

É dessa maneira também que Luciano vê Margarida em *O seminarista* (1872), apenas percebe nela a mulher para satisfação sexual, mulher-fruto ou mesmo mulher-caça, para ser perseguida e sexualmente devorada, já que se trata de uma agregada e ele, filho de poderosos. Ao contrário dele, Eugênio, que representa o amor puro entre os jovens, a vê como mulher-flor, para ser admirada, pois essa é a condição que o relacionamento dos dois permite. Além disso, é bastante interessante perceber que o próprio nome de Margarida remete ao nome de uma flor, e esta analogia constantemente se refere à pureza e beleza da moça e também à visão que Eugênio possui.

É interessante observar, que assim como Eugênio vê Margarida com pureza e Luciano a vê com malícia. O mesmo acontece com Isaura, pois por mais que a brancura de Isaura seja ressaltada nas descrições mais românticas, como as do início do livro como “A tez é como o marfim do teclado, alva que deslumbra” (GUIMARÃES, 2009, p.20-21), quando sua cor é avaliada por um olhar masculino, a jovem passa a ser vista como mulata. O fato de ser mulata explicaria a sensualidade associada à figura de Isaura, e à passagem de mulher enfeite para mulher objeto. Na citação seguinte vemos a mudança de discurso causado por uma mudança de olhar.

“Mulatinha, - disse, - tu não fazes ideia de quanto és feiticeira.” (GUIMARÃES, 2009, p.37). Na frase acima, dita por Henrique, uma das personagens de *A escrava Isaura*, notamos que a figura da mulata está relacionada ao desejo e aos domínios de sortilégios, isto é, com habilidade para enfeitiçar homens a serem seus, mesmo que esta nunca fosse a intenção da pobre escrava. O tratamento que Henrique dá à escrava acentua a figura da moça como mulata, para colocá-la na posição de sedutora. E usa desse discurso de sedução para legitimar o discurso de dominação, como bem observa Sant’Anna em seu livro.

Alguns aspectos da idealização da personagem de Bernardo podem ser percebidos ao longo da narrativa. Por exemplo, o terceiro capítulo de *Rosaura*, a

enfeitada (1883), “Adelaide no jardim”, faz referência ao cenário da fazenda em que a jovem mora. Pensar em Adelaide em um jardim permite-nos a comparação, em primeira instância, a uma flor, remetendo o leitor a sua enorme beleza e delicadeza. Também podemos conhecê-la nesse capítulo como uma espécie de divindade da beleza, habitando seu jardim.

A respeito disso, as teorias elaboradas por Sant’Anna nos permitem analisar também em Adelaide os conceitos de mulher-flor e a mulher-fruto. A primeira para ser admirada e a segunda para ser sexualmente devorada, de acordo com a leitura psicanalítica do autor. Este aspecto pode colocar Adelaide em uma espécie de linha tênue entre as duas definições. Para Sant’Anna, a mulher branca não é vista sobre a ótica sexual, pois o sexo com a mulher branca torna-se unicamente reprodutivo.

Noutra perspectiva de interpretação, a mulher branca passa a ser apenas admirada, usada como uma forma de *status* diante da sociedade. Quando pensamos na relação carnal entre homens brancos casados com o sexo oposto, notamos que normalmente são as “mulheres da rua”, de que fala DaMatta (1997), que satisfazem sexualmente os homens. Muitas dessas mulheres eram mulatas que, quando obtinham a alforria dentro de uma ordem escravocrata, salvo algumas exceções, não tinham outra opção senão viver sob o estigma da prostituição.

Ademais, podemos observar que, constantemente, Adelaide está sendo relacionada aos espaços da casa, do jardim ou mesmo do pomar. Sobre tal questão de espacialidade, Sant’Anna traz uma contribuição muito peculiar:

Contudo, é necessário distinguir que além de ter um significado puramente psicanalítico, esse desejo oral pela mulata de cor é resultado da relação social e uma expressão de poder. E, assim como se passa de mulher para ser *vista* à mulher para ser *comida*, passa-se de *mulher-flor* à *mulher-fruto*, como se a mulher branca estivesse no *jardim* da casa e a mulher escura no *pomar*. (1985, p.24, grifos do autor)

A primeira descrição que o livro nos traz de semelhante beleza nos revela a origem desse pensamento: “Parece um dríade entre as moitas florescidas...” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p.17). E mais adiante a descrição se completa da seguinte forma: “A têt tinha a cor, que o leitor pode imaginar seria a da filha de uma gentil mulata e de um belo e robusto descendente dos Tibiriçás; era morena, mas de uma (sic) matiz suave e transparente.” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p.19).

Ao mesmo tempo que Adelaide é descrita como a *flor* branca, suas origens negras e indígenas a colocam na posição de mulher-fruto mesmo que por estigma. Interessante ainda é percebermos que Adelaide, durante os primeiros capítulos do primeiro volume, transita literalmente entre o jardim da casa e o pomar propriamente dito. Podemos considerar apenas uma coincidência. Porém, se analisarmos bem, os estudantes escolhidos para frequentarem sua casa, são recebidos por ela em um pomar. Diante disso, cria-se uma espécie de meio no qual os rapazes não apreciam apenas sua beleza, mas tentam seduzi-la, provavelmente pelo estigma social que a cor de sua pele carrega.

Ainda podemos observar o trecho “era morena, mas de uma (sic) matiz suave e transparente” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p.19.). Esse comentário nos revela que a beleza da moça está ligada principalmente ao fato de ela ser um pouco amulatada. Vale destacar que, na época, os ideais de beleza estavam totalmente ligados à brancura, enquanto o negro estava ligado à feiura. É por esse motivo, entre outros, que as mulheres de tez mais escura costumavam usar maquiagens muito brancas no rosto como, por exemplo, o famoso pó de arroz.

No segundo volume de *Rosaura, a enjeitada*, fisicamente Adelaide nos é descrita como uma mulher que, apesar de não ser tão jovem, ainda conserva alguma beleza. Ademais, mesmo que já tenha sido mãe três vezes, ela se encontra muito bem apresentada: “Era uma senhora morena, de fisionomia regular e simpática, de grandes olhos negros e lânguidos e que tinha bem conservada ainda uma beleza que, no viço dos anos, devia ter sido das mais encantadoras.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p.1). É interessante que nesta descrição, Adelaide já é descrita com uma mulher de pele morena, o que não acontece de nenhuma maneira no primeiro tomo, no qual apenas algumas vezes se sugere um escurecimento da pele da personagem. É difícil supor o porquê dessa mudança, mas é possível presumir que, de certa maneira, o escurecimento da pele de Adelaide vai gradativamente se acentuando com a aceitação da cor da pele pela própria personagem.

Rosaura, a filha de Adelaide também apresenta diversas questões relativas ao corpo feminino, pois ela, além de ser mulata, possui a posição social de escrava, fato este que acentua sua condição de submissão. Demais, questões como a dominação sexual exercida pelo senhor em relação à Rosaura estão muito

presentes neste segundo tomo da narrativa, juntamente com uma sensualização mais acentuada da figura da jovem mulata. Ela passa a ser vista como objeto, por ter sido adquirida como uma mera propriedade que pode ser desfrutada da maneira que mais bem apetece seu dono.

Rosaura é uma menina escrava, linda e muito gentil. De acordo com a narrativa, tratava-se de uma mulatinha ou uma morena clara, que fora criada por Nhá Tuca, moradora da casa na qual foi abandonada no dia de seu nascimento e, posteriormente, criada por uma escrava, que Rosaura supunha ser sua mãe biológica:

Era uma menina que parecia ter quatorze anos, de belo porte, cabelos de azeviche, não mui finos e sedosos, mas espessos e de um brilho refulgente como o do aço polido. Os olhos grandes e da mesma cor dos cabelos tinham a expressão de ingenuidade e doçura, que captavam algo da simpatia e afeição de todos. A boca pequena, com os lábios carnudos do mais voluptuoso e encantador relêvo, formava com o queixo, algum tanto pronunciado, e o nariz reto e afilado, um perfil das mais relicadas e harmoniosas curvas. (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 3)

Neste trecho podemos ver a descrição de uma moça que apresenta a pele mais escura do que se julgava aceitável como padrão estético entre as camadas senhoriais do século XIX. A seguir, segue uma justificativa para sua pele morena, para evitar a contradição, pois sempre o branco é que se liga à beleza, e não ao negro:

A tez do rosto e das mãos era de um moreno algum tanto carregado; mas quem embebesse o olhar curioso pelo pouco que se podia entrever do colo, por baixo do corpinho do vestido, bem podia adivinhar que era o sol, que a tinha assim crestado, e que a sua cor natural era fina e mimosa... (GUIMARÃES, v.2, s.d., p.3).

Aparentemente tenta-se afirmar uma falsa pureza étnica que, a bem da verdade, desde os primeiros séculos da colonização, revelou-se impossível em qualquer família que fosse. Outro fator que é explorado quanto à descrição da menina é a sua, mesmo que tenra, sensualidade. Este fator merece ser observado pelo fato de a menina ocupar a posição de escrava e de ser mulata, condições que a colocam sob esse tipo de avaliação.

Quando descrita pelo sr. Morais, o homem que a comprou para companhia da filha, podemos ver que Rosaura se diferencia das demais escravas: “Eu tinha

prometido a Estela uma jóia, e não aí qualquer crioula beijuda, ou mulata encarapinhada. Custou-me, porém sempre achei.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 4). Em alguns comentários a família que a adquiriu chega a dizer: “Uma criatura tão bela e interessante não nasceu para o cativo.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 10) Este comentário sugere que a beleza e brancura de Rosaura são características de uma menina livre. Automaticamente o que se revela é o preceito de que o negro, considerado feio, merece o cativo, exatamente como comentamos anteriormente sobre a figura de Isaura.

O próprio narrador nos transmite a beleza de Rosaura de uma maneira sensualizada. Mesmo que a narrativa sempre defenda o caráter da menina e ainda a apresente como uma criança, constantemente, por causa da sua condição, ela passa por julgamentos morais vindos das personagens:

Perseguições e tentativas as mais audaciosas não cessavam por parte de Moraes que, cada vez mais fascinado pelos provocadores encantos da cativa, já tinha perdido a cabeça e pervertido o coração. Um dia, aproveitando a ocasião, que lhe pareceu azada, seus esforços tocaram a excessivo grau de audácia e violência; a menina a muito custo pode escapar-lhe dos braços, tôda desalinhada e com as roupas dilaceradas. (GUIMARÃES, v.2, s.d., p.17)

O trecho acima é o desencadeador das descobertas sobre as origens de Rosaura, pois no momento que a menina sofre o assédio, revela também uma mancha de nascença idêntica a da mãe, Adelaide.

Após descobrir suas origens, Rosaura fica sabendo que foi enjeitada pela mãe. Enjeitar, segundo o dicionário *Michaelis* (2008), seria abandonar ou rejeitar uma criança ou filho. Isto coloca Rosaura em mais uma situação à margem da sociedade, pois representa um membro da “roda dos enjeitados”, dispositivo que foi criado alguns séculos antes para abandonar crianças aos cuidados do Estado e da igreja, sem que se revelasse a identidade do praticante do abandono.

Em determinados momentos, a indignação gerada pela escravidão da menina deixa transparecer outro valor da época. A grande questão a ser discutida não é o absurdo da escravidão de maneira geral, mas o absurdo de uma pessoa pertencente a uma família nobre, rica e livre, ser vitimizada pela escravidão de maneira tão injusta, assim como comentamos ser injusta a escravidão para uma moça branca, no caso de Isaura, e da própria Rosaura, que não nascera escrava: “Era mister ao

menos que se verificasse que Rosaura, embora não se declarasse ser filha de Adelaide, não nascera cativa, e que só um cruel e inexplicável destino a fizera passar por isso, e como tal ser vendida de mão em mão.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 26)

A própria Lucinda, velha escrava desde a juventude de Adelaide, faz um discurso que revela o pensamento de que a beleza e a brancura estavam terminantemente ligadas à bondade: “É uma menina branca, mimosa, rosada e linda como um anjo! – dizia Lucinda – Tem cabelos soltos, pele fina...” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 40). Novamente nota-se que seguido da brancura é que outras qualidades são atribuídas à menina, além, é claro, de se esclarecer que possui cabelos soltos, o que pode ser lido como lisos, por isso não pertencente à etnia negra, que se caracteriza por cabelos cacheados.

Esta caracterização da pessoa de Rosaura pode, mais uma vez, contradizer a intenção atribuída ao autor, de tentar denunciar os males da escravidão. Afinal, as características da escrava são de uma menina branca e, por isso, mais uma vez a escravidão tem motivos para ser injusta, pois se trata de uma moça cujas características a põem muito mais próxima do mundo branco.

A seguinte afirmação de Conrado, ex-empregado do Major Damásio e pai de Rosaura, revela ainda que o pensamento escravocrata de subjugação de raça (empregando a terminologia da época) não passava apenas pela cabeça da presumida nobreza branca, mas de maneira bem hipócrita as próprias camadas menos abastadas acreditavam que a escravidão era o destino de pessoas de pele negra e não as de pele alva: “Pobrezinha!... refletiu consigo, Conrado. – Era preciso ter alma bem negra para reduzir à escravidão e à orfandade uma tão linda e interessante criatura, que aliás nasceu livre e ainda tem o pai e a mãe vivos!” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 48)

O teor de tal afirmação confirma o que supomos em parágrafos anteriores. Rosaura só possuía o direito de ser livre por ser branca, pois, se segundo Conrado “Era preciso ter alma bem negra para reduzir à escravidão...” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 48) De acordo com a citação acima, Rosaura apenas podia possuir alma negra, pois sua pele e o poder econômico de seus pais jamais a colocariam em tal condição.

Tanto na história de Adelaide como na de sua filha, podemos observar vários fatos que as colocam em uma mesma posição de subjugadas. Primeiramente, ambas são condicionadas ao poder de Major Damásio e sr. Morais, tendo suas vidas marcadas e até parte de seus destinos arrancados delas por esses homens. Ambas sofrem por serem apenas mulheres e estarem em uma sociedade moldada por homens. Dentro dessa perspectiva, tanto a mãe quanto a filha são estigmatizadas por causa da cor da sua pele.

Nas diversas descrições feitas sobre Isaura, sempre se salienta o fato de ela não possuir um perfil de escrava, se é que isso é possível. “[...] as qualidades morais de Isaura se associavam dados físicos que, se por um lado, a distanciavam de qualquer desconfiança quanto à origem, por outro, a tornavam imprópria ao cativoiro.” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p. 83).

Esse trecho nos revela que para as sociedades do século XIX pensava-se primeiramente que toda mulher negra ou mulata poderia ser escrava, porém nenhuma mulher branca poderia ser escrava. Mesmo que a mulher negra fosse bela, instruída, delicada, estaria sempre ligada à órbita do trabalho e seria alvo de perseguições sexuais.

Posta Isaura no salão das escravas, Bernardo Guimarães aproveita para discorrer sobre as mulatas e seus decotes e, como já não precisa exaltar qualidades morais capazes de realçar a iniquidade do cativoiro, o autor não se preocupa em branquear as mulheres que descreve. (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p. 83)

Tira-se da escrava a condição de mulher humana que pode ser admirada e comparada a qualquer outra mulher. A condição de escrava tira da mulher muito mais que o direito à liberdade e coloca-a na condição de desprezo, negando a ela os direitos mínimos de qualquer ser humano: “Dir-se-ia que já estavam adivinhando que aquela mulher, que por seus encantos e dotes incomparáveis as estava suplantando a todas, não era mais do que – uma escrava.” (GUIMARÃES, 2009, p.123)

A escravidão está sempre sendo ligada à feiura: “Ó céus! É possível que uma moça tão linda seja uma escrava!” (GUIMARÃES, 2009, p.129). O *status* de escrava demonstra que a escravidão não era vista como uma condição, mas como um carma, que a pessoa tinha sido incumbida de carregar: “É assombroso! Quem diria, que debaixo daquela figura de anjo estaria oculta uma escrava fugida!” (GUIMARÃES, 2009, p.130)

Mesmo que os escravos tenham sido submetidos à escravidão sem terem nenhuma culpa, eles sempre seriam vistos de maneira inferior a qualquer ser humano. O pensamento corrente difundia a ideia de que a condição de escravos e também de negros punha os cativos, no que diz respeito às virtudes, abaixo de outros seres humanos.

No trecho “[...] mostrando que uma escrava pode valer mais que uma duquesa.” (GUIMARÃES, 2009, p. 144), notamos que o autor propõe de certa maneira uma quebra desse paradigma. Percebemos, porém, nesta oração, um tom muito preconceituoso ainda presente, pois nessa época não era possível valorizar mais uma escrava ou invés de uma duquesa. Segundo Queiroz Júnior, isso é habitual na escrita de Bernardo Guimarães, “A escrava Isaura tem ricos elementos mistificadores de preconceito do próprio autor, que se anuncia favorável ao ‘negro’ e ao mulato – no caso, favorável à mulata, esclareça-se. Sua posição aquele autor define, ao declarar-se contrário à escravidão.” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p. 82)

Outra polêmica que podemos destacar aqui é o que o trecho a seguir nos revela: “Coitada da Isaura! Uma rapariga tão boa e tão mimosa, tratada como uma negra da cozinha!” (GUIMARÃES, 2009, p.175). Nos adjetivos a respeito da moça, notamos que só falta o adjetivo “branca” para completar os elogios feitos pelo autor, pois por estas características, sobretudo por ser branca, não lhe é justo a escravidão. Na sequência, a observação “negra da cozinha” leva-nos a perceber que em lugar da palavra “escrava”, o escritor emprega “negra”, revelando que a condição de escrava está diretamente ligada à cor e vice-versa e que os maus tratos são habituais para essa categoria de trabalhadoras.

Ao término da trama, há o clássico final feliz, como já era de se esperar, afinal Isaura é uma escrava branca. E sobre esse desfecho Queiroz Júnior também faz um comentário muito pertinente: “E, ao final da estória, o regime servil persiste, mas a alva Isaura se emancipa, adquirindo a liberdade que Álvaro lhe assegura como autêntico tributo devido à brancura, à beleza e à educação da heroína e não a fundamental condição de ser humano.” (1975, p. 84)

Outra personagem importante para a discussão tematizada neste capítulo é Rosa, que usa seu corpo como meio para sair da condição de escrava. Rosa se aproveita do fato de ser desejada pelo seu senhor e conquista regalias em relação

às outras cativas. Assim como o caráter de Isaura está ligado à sua brancura, ao passo que Rosa, por ser negra, apresenta desvios de conduta e atitudes invejosas.

Constamos, pois, que Isaura se encontra em oposição direta à figura de Rosa:

(...) distinguia-se uma rapariguinha, a mais faceira e gentil que se pode imaginar nesse gênero. Esbelta e flexível de corpo, tinha o rostinho mimoso, lábios um tanto grossos, mas bem modelados, voluptuosos, úmidos e vermelhos como boninas que acabam de desabrochar em manhã de abril. Os olhos negros não eram muito grandes, mas tinham uma viveza e travessura encantadoras. Os cabelos negros e anelados podiam estar bem na cabeça da mais branca fidalga de além-mar. Ela, porém, trazia curtos e bem frisados à maneira dos homens. Isto longe de tirar-lhe a graça, dava à sua fisionomia zombeteira e espevitada um chispe original e encantador. Se não fossem os brinquinhos de ouro, que lhe tremiam nas pequenas e bem molduradas orelhas, e os túrgidos e ofegantes seios que como dois trêfegos cabritinhos lhe pulavam por baixo de transparente camisa, tomá-la-íeis por um rapazote maroto e petulante. Veremos em breve de que ralé era esta criança, que tinha o bonito nome de Rosa. (GUIMARÃES, 2009, p. 63-64)

Inicialmente Rosa é descrita como uma moça gentil e bela, com um ar de menina moleca. A descrição que acontece na citação acima nos faz ver a imagem perfeita de Rosa como uma escrava moça ainda, mas também muito sensual. Características como lábios grossos, voluptuosos, úmidos e vermelhos e os seios pequenos, servem como descrição clara de uma mulher de ascendência negra, já que a sensualidade de seu corpo é que se destaca:

- E o que mais merece aquela impostora? – Murmurou a invejosa e malévola Rosa. – Pensa que por estar servindo na sala é melhor do que as outras, e não faz caso de ninguém. Deu agora em namorar moços brancos, e como o pai diz que há de forrar ela, pensa que é uma grande senhora. (...) – Que má língua é esta Rosa? – Murmurou enfadada a velha crioula, relanceando um olhar de repreensão sobre a mulata. (GUIMARÃES, 2009, p. 66)

Por mais que à primeira vista possamos ver diversas qualidades de Rosa, nesse segundo trecho passamos a conhecer o caráter da escrava. Descobrimos que Rosa possui uma imensa inveja de Isaura. Mais interessante é ter em conta que esse sentimento só existe da mulata em relação à branca, sendo assim, o mau caráter só está ligado à figura da escrava mulata. Isaura, a escrava branca, só apresenta comportamentos nobres. Um pouco mais adiante, ficamos sabendo o porquê de tanto ódio de Rosa contra Isaura:

As outras escravas a contemplavam todas com certo interesse e comiseração, porque de todas era querida, menos de Rosa, que lhe tinha inveja e aversão mortal. Em duas palavras o leitor ficará inteirado do motivo desta malevolência de Rosa. [...] Rosa havia sido de há muito amásia de Leôncio, para quem fora fácil conquista, que não lhe custou nem rogos nem ameaças. Desde que, porém, inclinou-se a Isaura, Rosa ficou inteiramente abandonada e esquecida. (GUIMARÃES, 2009, p. 68)

Queiroz Júnior a respeito disso observa que, na maioria das vezes, uma negra ou mulata jamais poderia ser a personagem de maior destaque em uma obra literária do século XIX. A essas figuras femininas de ascendência negra sempre restava uma posição de menor destaque ou um comportamento inferiorizado e simplificado, “[...] o tipo literário constituído pela mulata [...] é uma quase-caricatura, não necessariamente por ser jocosa, mas pela simplificação e fixidez de traços com que é construída e apresentada.” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.120). Desse modo, Rosa é apresentada como uma moça má, fazendo jus à concepção distorcida do negro no âmbito literário. De Isaura só conhecemos elogiosas qualidades, por ser branca, já de Rosa, temos conhecimento somente dos piores defeitos, por ser negra.

Para uma maior aceitação do leitor e um maniqueísmo típico de muitas narrativas românticas, Rosa e Isaura são mostradas como figuras opostas. Enquanto Isaura, moça branca, sempre representa símbolos de beleza e caráter, Rosa, a escrava negra, é retratada exatamente como o oposto, desinteressante e sem escrúpulos. Queiroz Júnior comenta o fato de os autores da época fazerem tal distinção sem nem perceberem que a faziam, de tão arraigado que o preconceito estava naquela sociedade:

Como é insuficientemente conscientizada a atuação do preconceito de cor no Brasil, os escritores, sem se darem conta de que assim procedem, selecionam como traços indicativos da mulata, sempre aqueles que a equacionavam na situação dialética [...]. Mas possivelmente fazem isso por interesse de elaboração estética e narrativa “possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor [...]” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.120-121)

3.1.2 A negra má

Neste contexto, podemos classificar Rosa segundo a acepção cunhada por Maria Bernadete Ramos Flores em *Tecnologia e Estética do racismo* (2007). A autora considera, “[...] em regra, o que chamamos de mulato é o mulato inferior, incapaz de ascensão, degradado nas camadas mais baixas da nossa sociedade.”

(2007, p.67). Rosa está certamente encaixada nesta classificação, pois mesmo quando era uma das preferidas de Leôncio nunca recebera os mimos oferecidos à escrava branca. Podemos observar que ele mesmo nunca teria Rosa como esposa, como faria, talvez, com Isaura, por quem possuía uma paixão avassaladora. Desta maneira, Rosa havia sido apenas uma distração para seu senhor, uma mulher apenas para ser sexualmente devorada e descartada, nunca possuindo um papel central na vida deste homem. Teoricamente, isso jamais seria possível naquela sociedade.

É observável que tanto Rosa como Isaura são vistas por Leôncio como propriedades e por isso devem ceder aos seus desejos. No caso de Rosa, desejos apenas carniais, já que esta pertence à órbita da senzala; no caso de Isaura, carniais, porém também afetivos, uma vez que, de certo modo, ela circula em ambientes de gente branca. Além disso, por ela Leôncio nutria um sentimento que não se restringia apenas à lubricidade, conquanto seja este que se destaca na narrativa. Segundo Sant'Anna ressalta, “[...] a senzala, como espaço associado ao espaço da casa-grande, significa também o espaço segregado para o exercício impune e violento do sexo.” (1985, p.52). Ou seja, pelo fato de a senzala ser assim considerada, as figuras que lá habitavam acabavam se tornando alvos da violência de seus senhores.

Já aos olhos de Álvaro, que não havia conhecido Isaura como escrava, a percepção que se tem da mulher é totalmente oposta. Ao descrever Isaura para Geraldo, advogado e amigo do amado da moça, Álvaro a compara com uma criatura celestial, uma divindade: “Mas creia-me, Dr. Geraldo, é ela a criatura mais nobre e encantadora que tenho conhecido. Não é uma mulher; é uma fada, é um anjo, é uma deusa!” (GUIMARÃES, 2009, p. 93). Essa visão assemelha-se a uma visão que se possui da mulher no romantismo, isto é, um ser angelical e inalcançável:

[...] uma alma pura, nobre e inteligente, e uma beleza incomparável. Mas sempre te direi que o que sei de positivo a respeito dela é que veio do Rio Grande do Sul em companhia de seu pai, de quem é ela a única família; que seus meios são bastantemente escassos, mas que em compensação ela é linda como os anjos e tem o nome de Elvira. (GUIMARÃES, 2009, p. 93)

Vê-se que também que Álvaro trata Isaura como qualquer mulher branca, sem atentar para a condição de livre ou de escrava, ficando evidente, portanto, que Álvaro não possui nenhum dos preconceitos que a sociedade da época apresenta.

Álvaro fica totalmente encantado com os atributos de Isaura e por isso nem se importa com a condição economicamente inferior da moça. Seu caráter permite ver a escrava além da situação econômica. Após descobrir que Isaura ainda é cativa, não se importa com a situação e passa a tentar ajudá-la a se libertar, para que possam ficar juntos.

Para Queiroz Júnior, a visão que Álvaro tem de Isaura é a mesma de todas as pessoas de Recife antes de saberem que se tratava de uma escrava, todos a viam com respeito e bons olhos. Isaura fugiu para Recife, antes de descobrirem que a moça é uma escrava. Depois da revelação de sua condição de cativa, ela passa a ser tratada de maneira diferenciada, as pessoas passam a ignorar suas qualidades e ter em conta apenas a sua condição:

Como moça branca, Isaura é, no Recife, uma respeitável Elvira, a inspirar nos cavalheiros presentes os mais respeitosos sentimentos de admiração (...). Confronte-se, contudo, Elvira – desconhecida donzela branca, a brilhar no Recife, com Isaura – desditosa escrava de pele clara, a sofrer injuriosos assédios (...) Aqui, a despeito de sua cor, Isaura é alvo da mais voluptuosa sensualidade dos homens que a rodeiam e conhecem sua situação de escrava. (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.83)

Desta maneira, além de ser desprezada por ter sido revelada sua condição de escrava, Isaura passa a ser vista como as mulheres de cor eram vistas na época, isto é, de uma maneira carregada de sensualidade e, por conseguinte, passível de atitudes desrespeitosas.

3.1.3 A negra boa

Outra importante figura feminina que nos permite falar sobre o uso do corpo é a escrava Lucinda, em *Rosaura, a enjeitada*. Lucinda tem um papel fundamental na criação de Adelaide e na descoberta da verdade sobre Rosaura. Dessa maneira, Lucinda funciona como mãe e protetora, revelando um hábito muito comum no Brasil, isto é, relegar aos escravos a criação dos filhos.

Lucinda, escrava, negra e de muita confiança para a família do Major, esteve com a família desde a morte da mãe de Adelaide, acompanhando toda a sua adolescência e juventude. Foi ela quem amamentou Adelaide pequena e fez a menina superar a perda da mãe. Segundo Freyre (1989), as marcas da influência

negra não estão só no sangue do brasileiro, mas também nos costumes, na educação e na amamentação, pois muitas negras foram amas-de-leite de famílias brancas do Brasil.

Análoga interpretação faz Rabassa: “Na época da escravidão, a escrava frequentemente era encarregada da criação das crianças e muitas vezes tornava-se uma segunda mãe para elas.” (1965, p.34), algo observável neste romance de Bernardo Guimarães.

Coadjuvante em todos os momentos da trama, Lucinda participa do enredo tanto na primeira quanto na segunda parte do romance. É ela quem cuida de Adelaide e esconde do Major a gravidez da moça. É ela também que faz o parto da menina Rosaura e enjeita-a na porta da casa de Nhá Tuca. Responsável e de confiança, Lucinda talvez tenha sido o único exemplo de mulher e de amor para Adelaide, desde a infância da menina. A negra, sem dúvida, sempre a protegeu de certa forma da tirania de Major Damásio. Segundo Freyre, isso normalmente acontecia: “E se mucamas e moleques foram quase sempre aliados naturais dos filhos contra os ‘senhores pais’, das mulheres de quinze anos contra os ‘senhores maridos’ de quarenta e cinquenta...” (1989, p.421). Dessa maneira, tanto Lucinda quanto Conrado cumpriram o papel de defensores de Adelaide.

No segundo tomo, novamente a figura de Lucinda é determinante para o desenrolar da história, pois é a negra velha que reconhece a marca de nascença de Rosaura, que procura Conrado para iniciar a investigação e, conseqüentemente, é ela quem localiza Nhá Tuca e providencia a liberdade de Rosaura:

Temos falado de Lucinda, e temo-la visto fazer um papel importante nesta história sem lhe darmos o devido apreço. Era uma crioula velha, que havia amamentado sinhá Adelaide, e que a queria como filha. Tinha muito juízo, muito boa alma e muito boas intenções. Além disso, a velha crioula era dotada de tal ronha, penetração e finura para negócios difíceis, como os de que vamos tratando, que fazia inveja ao mais hábil diplomata. Lucinda, porém, diferia dos diplomatas em só empregar seu talento a bem da paz e da prosperidade da família de que fazia parte, e não em multiplicar dificuldades, alimentando o espírito da discórdia. (GUIMARÃES, v.2, s.d., p.27)

Por mais que os escravos muitas vezes fossem maltratados, é de acreditar que pela confiança que Lucinda despertava em todos, ela nunca tenha sido tratada com desprezo. Todos reconheciam que os trabalhos prestados por Lucinda eram impecáveis: “Ele [Conrado] conhecia bem Lucinda, essa boa e fiel escrava que criara

Adelaide com o leite de seus peitos e que sempre lhe fôra tão dedicada.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p.41). Como normalmente acontecia na época, a escrava de confiança tomava conta das crianças, foi isso que aconteceu com Lucinda e Adelaide, a escrava exercia o papel da mãe que Adelaide nunca teve. “Na época da escravidão, a escrava frequentemente era encarregada da criação das crianças e muitas vezes tornava-se uma segunda mãe para elas.” (RABASSA, 1965, p.34)

Mesmo sendo tratada como serva, Lucinda tinha muitas qualidades reconhecidas por todos, isso quebra alguns estigmas da escravidão que viam o negro como uma pessoa necessariamente má, ou de má vontade no exercício de suas tarefas. A bem da verdade, as virtudes de Lucinda, somadas, faziam dela uma mulher de fibra e uma das personagens mais relevante para a construção do enredo.

3.2 O MÍSTICO

No que tange a *O seminarista*, muito misticismo e eroticidade estão relacionados à Margarida, em conformidade com o romance que conjuga a misticidade e a religião com a realidade. Um relato que vai desencadear toda a questão mística relacionada à Margarida relaciona-se ao momento em que ela, então com dois anos, estava a brincar no quintal com uma jaracaca, junto a uma fonte: “A cobra enrolava-se em aneis em volta da creança, lambia-lhe os pés e as mãos com a rubra e farpada lingua, e dava-lhe beijos nas faces. A menina a affagava sorrindo [...]” (GUIMARÃES, 1872, p.18) Mesmo estando tão próxima da menina, a cobra nada fez a ela. Ao se deparar com tal cena, Eugênio correu para avisar Ubelina e sua mãe sobre o que estava acontecendo.

Esta é a primeira referência que a obra nos faz a respeito da figura da serpente. No trecho citado, Margarida não é atacada pela serpente. A narrativa associa o trecho a um relato bíblico:

Se o Genesis não nos apresentasse esse terrível reptil como cheio de astucia e malicia seduzindo a primeira mãe da humanidade e fazendo-a perder para si e para toda a sua descendencia as delicias do paraizo terreal, dir-se-hia que até a serpente tem seus impulsos generosos e tambem sabe respeitar a fraqueza e a innocencia da infancia. (GUIMARÃES, 1872, p.19)

Válidos aqui os comentários de Mary Del Priore em seu livro *Histórias Íntimas* (2011), destacando que “[...] a mulher – a velha amiga da serpente e do Diabo – era considerada, nesses tempos, como um veículo de perdição da saúde e da alma dos homens.” (2011, p.29)

A presença da religiosidade começa a aparecer deste trecho. A crença de que possa haver alguma relação entre Margarida e a serpente que induziu Adão e Eva ao pecado começa a ficar mais acentuada. De certa maneira, seria essa uma metáfora de que Margarida teria sido a responsável pela própria ruína e pela da de Eugênio como padre.

Interessante é perceber também que Ubelina, frente ao fato de que a cobra não havia feito nada a filha, não queria tirar a vida do animal, porém a senhora Antunes fez questão de que os escravos a matassem. Este fato pode servir para a metáfora de que Margarida esteja sendo representada durante o romance pela serpente, animal com conotações negativas que viria a interferir na vida de Eugênio.

Ao considerarmos essa metáfora, faz todo o sentido que a mãe Ubelina defenda a cobra, pensando na filha, e também faz sentido também que Senhora Antunes queira sua morte, pois pressupõe que a serpente represente a ruína de seu filho. Também é a Senhora Antunes que efetua uma reflexão religiosa sobre o acontecido: “A comadre deve lembrar-se que foi uma serpente, que tentou nos a mãe Eva.”(GUIMARÃES, 1872, p.21) Assim afirma a Senhora Antunes, e continua: “Tambem a serpente do paraíso não mordeu Eva; arrastou-se a suas pés e affagou-a para melhor enganá-la.” (GUIMARÃES, 1872, p.21)

Podemos ainda fazer outra interpretação desse acontecimento na constituição do enredo, pois as constantes referências à imagem da serpente podem estar relacionadas à figura fálica do animal, por extensão, portanto, torna-se possível uma leitura sexualizada dessa passagem no romance, e tal interpretação seria um prenúncio do destino do amor proibido entre Margarida e Eugênio, ou ainda, um prenúncio do grande desejo entre os dois, que acabou por ser também a grande perdição do jovem casal.

A religiosidade está muito presente no romance, notamos isso em pelo menos dois trechos da narrativa. No primeiro, a Senhora Antunes fala ainda sobre o acontecimento da serpente: “[...] a comadre deve um favorzão a Deus por ter permitido que a cobra não mordesse a menina.” (GUIMARÃES, 1872, p.23). No

segundo ficamos sabendo o que Dona Ubelina estava pensando do acontecido: “Ubelina via nelle um milagre, pelo qual dava infinitas graças ao ceo apertando nos braços a filhinha que, como ella dizia, tinha nascido naquelle dia.” (GUIMARÃES, 1872, p.24).

Esse tema ainda será muito recorrente na obra, sempre que a figura de Margarida aparecer ligada a de Eugênio padre. Fazem-se constantes referências ao mito de Eva e a serpente, o que deixa Margarida sempre em uma posição de sedutora e de perdição em relação à situação de Eugênio.

Quando no seminário, tomado pelo fervor religioso, vinha a Eugênio a lembrança de Margarida, de imediato ele associava a figura da moça ao mito do pecado: “Lembrou-se da cobra que se tinha enleado no corpo de Margarida, quando era pequenina, das palavras que então sua mãe proferio com respeito à serpente que tentou Eva no paraiso, e estremeceu. Havia alli uma terrivel analogia de situações [...]” (GUIMARÃES, 1872, p.74)

Margarida acreditava piamente em credices populares. Numa das passagens do romance, ela fala a Eugênio do mito da mula sem cabeça:

“Você ri-se?... pois não sabe que quer bem a um padre, vira mula-sem-cabeça?... Sim, senhor!...minha mãe já vio, e diz que na villa ha uma que ella conhece muito bem. Diz que é um bicho muito feio, do feitio de uma besta, que tem só trez pés, dous atraz e um adiante, e não tem cabeça.” (GUIMARÃES, 1872, p.103)

A senhora Antunes, que também se fiava em crenças, não tirava da cabeça o acontecimento da infância de Margarida, e cada vez mais acreditava que a moça representava o pecado e observava a aproximação dos dois como uma forma da intenção de Margarida de tirar Eugênio do caminho de Deus:

A mãe de Eugênio era fanatica e supersticiosa. A aventura da cobra enleando-se no corpo de Margarida, que nunca lhe sahia da lembrança, lhe incommodára sempre o espirito. Agora, reflectindo sobre a cega e ardente afeição que a menina hia inspirando cada vez mais a seu filho, entrou a nutrir as mais tristes e sombrias apprehensões, e acabou por convencer-se que não era senão o demonio, que em figura de cobra viera lançar no seio da menina o germen da tentação para seduzir seu filho, desvia-o de sua sancta vocação, e arrastal-o ao caminho da perdição. (GUIMARÃES, 1872, p.115)

Esta capacidade de a mulher seduzir ou mesmo convencer também nos permite traçar um breve comentário sobre a relação que todas as mulheres têm com

o mito de Eva, e os julgamentos que se relacionam ao poder da mulher de convencimento traiçoeiro. Nesse caso, mais uma vez se destacam as atitudes femininas que podem estar ligadas a um caráter mais ou menos duvidoso e, também, ao fato de ser caracterizada como uma jovem de pele um pouco escura.

Sobre esse aspecto, Queiróz Junior discute o preconceito de cor e a figura da mulata presentes na literatura brasileira, afirmando “Que as alvuras propostas por Bernardo Guimarães não bastam para livrar de sua situação étnica de mulata, é fácil verificar.” (1975, p. 84). Nesta citação, ele afirma aquilo que já pensávamos, mesmo com a pele branca, no caso de Isaura, personagem do romance de 1875, esta estava diretamente ligada à condição de mulata por ser escrava.

[...] [A] posição social da mulata e por sua correspondente posição na literatura. Mas para explicitar essa correspondência é necessário confrontar processos utilizados pela sociedade para manter sua urdidura estrutural com aqueles dados com que opera a obra literária, dados que, na ficção, condicionam certas personagens que passam a ser tipos, ou mais precisamente estereótipos. (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.96)

Para finalizar, podemos nos valer da citação de Queiroz Júnior, que fala dos reflexos da literatura na sociedade e *vice-versa*. Mais do que isso, ainda podemos notar que a literatura, mesmo que sem querer, reproduziu não só o que acontecia na sociedade, mas mesmo sem querer acabou por reproduzir o preconceito na própria voz do autor. E a sociedade da época, interpreta tais leituras sem notar que todas as descrições estavam e poderiam servir como uma espécie de denúncia a tantas coisas erradas que aconteciam.

Desse modo, justifica-se o objetivo deste trabalho, trazer para a literatura do século XIX um novo olhar, discutir e conceber os escritos como uma maneira de compreender o pensamento da época e por meio dele regular o pensamento na atualidade. “[...] nossa literatura tornou-se acessível precisamente por não afrontar, por não opor resistência e nem tentar a violação dos padrões vigentes. ” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.88)

4 A ORDEM PATRIARCAL

Outro eixo de discussão que se torna muito presente nas análises destes três romances oitocentistas relaciona-se à questão da ordem patriarcal de moldes brasileiros que vigora dentro de um sistema capitalista paradoxalmente baseado na mão de obra escrava. No contexto do século XIX, tal lógica regia as questões tanto familiares como comunitárias. Assim, o poder exercido pelo patriarca torna-se o propagador da ideia de capitalismo.

Segundo Heleieth Saffioti, que discute em *A mulher na sociedade de classes* (2013), a questão da mulher frente ao poder patriarcal:

As mulheres brancas da época escravocratas apresentavam os requisitos fundamentais para submeter-se, sem contestação, ao poder do patriarca, aliando à ignorância uma imensa imaturidade. Casavam-se, via de regra, tão jovens que aos 20 anos eram praticamente consideradas solteironas. (2013, p.241)

Se as mulheres brancas, como o trecho acima especifica, viviam situações de domínio constante diante dos patriarcas, as mulheres que pertenciam a uma classe social menor ou viviam a diária opressão pela cor da pele, sofriam ainda mais com o poder patriarcal.

As questões étnicas e econômicas, tornavam as mulheres seres completamente dependentes de homens e, em virtude disso, acabavam por ter seus destinos decididos por mãos masculinas, como acrescenta ainda Saffioti: “Educadas em ambiente rigorosamente patriarcal, essas meninas-mãe escapavam ao domínio do pai para, com o casamento, caírem na esfera de domínio do marido.” (2013, p.241)

Percebemos que, em maior ou menor grau de participação, o aparecimento dos patriarcas nas três obras sempre acontece aos pares, ou seja, cada obra apresenta dois importantes sujeitos que representam a ordem patriarcal em seus enredos, mostrando-nos o quanto era comum o domínio desse sistema de feito masculino na época abarcada pelos três romances.

O patriarca mais influente do romance *Rosaura, a enjeitada* (1883) é o major Damásio Bueno de Andrada, o mais desconcertante representante da ordem patriarcal que podemos destacar, pai de Adelaide e avô de Rosaura. O major nos é descrito como um tipo muito singular, porém muito conhecido em toda a cidade. É

possível construir perfeitamente a descrição deste perfeito e cruelíssimo “mão de ferro”. A mais bela personificação de um patriarca ferrenho e sem sentimentos é descrita no segundo capítulo do primeiro volume do livro, o qual se intitula “O major e a sua chácara”.

No segundo volume do mesmo livro, tomamos conhecimento de outro desses sujeitos que representam os valores patriarcais. Trata-se do sr. Morais, que viria a ser o marido de Adelaide, escolhido pelo pai da moça, de acordo com seu próprio gosto. Além disso, Morais pode ser visto como o perpetuador não só do poder representado pelo Major Damásio, mas também alguns de seus traços machistas, dando, portanto, continuidade ao poder patriarcal representado pelo pai de Adelaide.

Além da grande influência de Major Damásio no destino das duas personagens femininas, Morais também participa dessa imposição da lógica patriarcal no papel de cônjuge de Adelaide. No segundo volume do livro, há todo um capítulo dedicado a sua descrição, intitulado “O Sr. Morais”. Neste capítulo, o narrador trata de apresentar ao leitor esta nova personagem da narrativa e explica também a maneira como entra para a família. Podemos relacionar mais uma vez a figura de Morais a de Damásio, quando observamos que o autor faz ligações entre as duas personagens. Coincidentemente, no capítulo dois do primeiro volume, há a descrição da figura de Damásio.

De modo análogo, no romance *A Escrava Isaura* (1875), pai e filho é que perpetuam o poder patriarcal. O comendador e seu filho Leôncio respectivamente usam do poder que detêm para influenciar a vida de Juliana e Isaura, mãe e filha, que acabam padecendo, mesmo que em épocas diferentes, às imposições destes homens.

A figura de Leôncio está totalmente ligada a desmandos e loucuras, todavia vale ressaltar também parte do comportamento de seu pai, o comendador, que seria um homem de tão mau caráter e, ao mesmo tempo, um patriarca tão marcado pelo caráter desmedido quanto o filho, ou muito mais: “Leôncio era um digno herdeiro de todos os maus instintos e da brutal devassidão do comendador.” (GUIMARÃES, 2009, p.34). É comum que as atitudes de pai de Leôncio sejam repetidas por ele, pois no sistema patriarcal o poder passa de pai para filho e, conseqüentemente os preceitos também acabam sendo transmitidos como uma espécie de herança.

Por último, quando pensamos em *O seminarista* (1872), podemos observar também duas figuras principais em relação ao poder patriarcal e mais do que isso ainda, à ordem clerical. Atuam na narrativa como dois grandes patriarcas o pai de Eugênio, Capitão Antunes, e o Padre – apenas assim identificado, talvez pelo fato de um sacerdote não possuir uma identidade pessoal e dedicar sua vida a uma causa, fazendo dela então uma propriedade comunitária. A principal vítima do poder imenso que ambos gozam, em vez de serem figuras femininas, desta vez se trata de um jovem. Obviamente, não significa que a narrativa seja branda em relação às mulheres. Alguns fatores ligados a esse exercício exagerado do poder pelos dois homens acabam desencadeando problemas para algumas personagens femininas da trama.

4.1 QUESTÃO ÉTNICA E ECONÔMICA

Começemos analisando Damásio. Percebemos em *Rosaura, a enjeitada* que há uma espécie de contraste entre sua figura de representante da lógica patriarcal e o ambiente da chácara em que vivia. Na narrativa da primeira parte do romance, a chácara era um lugar muito belo e agradável em oposição à figura de Damásio: “A figura do velho major se sobressaía de modo pitoresco e quase poético no seio daquele nicho de verdura e flôres.” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p.12). Essa citação possui um tom irônico, pois sobre o caráter do Major Damásio, Conrado descreve parte do seu comportamento autoritário: “É o homem mais teimoso, mais emperrado que o sol cobre. Quando encabeça para um lado, não há força humana, que o possa desviar. É como anta disparada pelo mato, esbarrando furiosamente em quanto obstáculo encontra e levando tudo de vencida...” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 86). Os exemplos acima representam uma típica descrição de um patriarca.

Ainda passamos a ter conhecimento de ascendência indígena ocultada forçosamente pela personagem: “Apesar da idade, tinhas os dentes alvos e sãos, e os cabelos ainda negros, luzentes e corredios como o dos indígenas.” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p.13) E mais à frente, o narrador chega a nos informar até o nome da tribo a qual supostamente pertenceria. “Por êste pequeno esbôço, bem se vê que devia circular-lhe nas veias não pequena dose de sangue tibiricá.” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p.13). Sobre esse cadinho étnico da formação nacional, Freyre nos revela em *Casa-Grande & Senzala* que “Todo brasileiro, mesmo alvo, de

cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.” (1989, p.283). Segundo a discussão acima temos a percepção de que o povo brasileiro foi se formando a partir de diversas etnias diferentes. Esse fato, em vez de gerar uma sociedade caracterizada pela valorização da pluralidade e pela multiculturalidade, gerou uma sociedade excludente e preconceituosa em relação à sua própria origem.

Esse fato deve-se, em grande parte, ao pensamento propagado desde a colonização das terras brasileiras de que haveria uma cultura superior ou mais evoluída que outra. É este pensamento que Freyre também revela em sua obra, mesmo ela pertencendo ao século XX:

Considerando [...] o choque das duas culturas, a européia e a ameríndia, do ponto de vista da formação social da família brasileira – em que predominaria a moral européia e católica – não nos esqueçamos, entretanto, de atentar no que foi para o indígena, e do ponto de vista de sua cultura, o contato com o europeu. Contato dissolvente. Entre as populações nativas da América, dominadas pelo colono ou pelo missionário, a degradação da moral foi completa, como sempre acontece ao juntar-se uma cultura adiantada, com outra atrasada. (FREYRE, 1989, p.108)

Diante disso, podemos acrescentar que o comportamento do Major Damásio, ao tentar ocultar suas origens, nada mais é do que a propagação de uma ideia muito compartilhada pela sociedade da época e inclusive atualmente. Ao conquistar, portanto, um poder aquisitivo maior, o Major passa a ter características mais semelhantes a do branco nobre e também a se comportar como tal.

O leitor ainda toma conhecimento de que a mãe da Adelaide também não é branca, mostrando o sangue miscigenado que corre nas veias da filha: “Era viúvo de uma mulher pobre e de baixa extração, que dizem fôra mui linda, e com quem se casara por amor. Dizia-se também, pela bôca pequena, que a sogra do major fôra cativa, e que a esposa tinha sido libertada na pia batismal.” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p. 13).

Esta informação acaba subvertendo o *status* nobre sustentado pelo Major e por sua grande fortuna. Mesmo com a ascendência que possui e sabendo que a mãe de sua filha era descendente de escravos, ele se apresenta na relação com outras pessoas muito contrário a qualquer indivíduo que possua pele que indique

origem negra ou pertencimento aos estratos socioeconômicos mais baixos da sociedade.

Segundo Juçara Teresinha Cabral, em *A sexualidade no mundo ocidental* (1995), “Para a classe média do século XIX o sucesso econômico era almejado, pois com ele se adquiria também a distinção social.” (1995, p.137) Desta forma, era comum que a sociedade entendesse como certa a diferenciação do indivíduo pela classe social a qual pertencia. A respeito desse comentário, Maria Ângela D’Incao observa que “As diferentes classes podem estabelecer numa sala de visitas, por normas de cortesia, mas não devem misturar sangue [...] numa sociedade cujo valor e a liberdade do ser humano eram medidos pela riqueza.” (2011, p. 238) Prova disso é que o pai de Adelaide, sob nenhuma hipótese, quer permitir o relacionamento da filha com o seu empregado. A postura elitizada que o Major passa a sustentar, mesmo se voltando contra a própria origem, gera uma repulsa contra os sujeitos que, por alguma característica, recordem seu passado. Desse modo, Damásio procura um pretendente para sua filha poder pertencer à classe abastada, ignorando o laço afetivo entre ela e Conrado.

Apesar da ascendência indígena e negra, o Major Damásio revela ser um senhor de escravos, como podemos perceber na seguinte passagem: “Alguns minutos depois que o major se retirara, entrou um escravo trazendo uma ampla bandeja carregada de copos...” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p.15). Nesse sentido, podemos perceber mais uma vez que a sociedade que o romance nos revela carregava, ainda que fortemente miscigenada, a hipocrisia do embranquecimento social. Com tal pensamento corrente, homens que enriqueceram ou ocupavam uma posição de prestígio, mesmo tendo ascendência negra ou indígena, angariavam o respeito no meio social, passando mesmo a serem vistos e tratados como se fossem sujeitos brancos.

Noutra passagem do romance, detectamos outro fator que prova o domínio patriarcal exercido pelo Major Damásio, neste caso relacionado à pessoa de Conrado, pois o Major não permitia o relacionamento da filha com um serviçal mulato. Não muito diferente dessa constatação no âmbito do romance, Freyre comenta sobre a situação dos mulatos nesta época, especificando que havia “[...] preconceitos inevitáveis contra esses mestiços. Preconceitos contra a cor...” (1989,

p.448). Sujeitos afrodescendentes dessa época, mesmo que livres, sofriam discriminação devido à cor da pele.

O Major, diante da sua fortuna, promoveu a si e aos seus, uma espécie de embranquecimento social possibilitado pela enorme fortuna que construiu durante sua vida. Procedendo dessa maneira, ele passou a repugnar as demais pessoas que não pertencessem, por pouco que fosse, à etnia branca ou que não possuíssem uma riqueza semelhante ou maior que a sua.

Por esse motivo é que o Major revela-se totalmente contrário ao relacionamento entre Adelaide e Conrado. Mesmo que ele soubesse que a filha tinha nas veias sangue indígena e negro e que Conrado era um homem pobre, porém livre, não havia justificativas para deixar sua filha casar com um criado. Tanto o preconceito étnico quanto o social fizeram o major repugnar o verdadeiro amor de Adelaide:

Informou-a das rigorosas medidas e precauções que o major tomara a fim de interceptar tôda e qualquer comunicação entre os dois amantes, de modo que não lhes foi possível nem mesmo fazê-lo sabedor do grave e melindroso estado em que se achava Adelaide. Se não fosse a dilatada e oportuna que fizera o major, e os cuidados e precauções tomados por ela, Lucinda não sabe se teria sido da honra e mesmo da vida da pobre sinhá, que teria talvez sucumbido, vítima da cólera do pai. (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 39).

A atitude do Major de não permitir que sua filha se envolvesse com uma pessoa subalterna revela, além de mostrar o preconceito que sustentava, como a filha era submetida às suas vontades de pai. Acerca desse modelo hierárquico que pairava nas relações entre as pessoas de classes diferentes e entre os componentes das famílias, Reis, em *A permanência do círculo* (1987), esclarece que na sociedade e na literatura da época se passava o mesmo: “Neste quadro senhorial e patriarcal, trespassado pela hierarquia, caberia situar a mulher, o mais das vezes sujeita ao homem, visto ser esta sociedade, focalizada pela Literatura, eminentemente masculina.” (1987, p. 32)

É importante notarmos que Adelaide estava sendo constantemente marginalizada. Nas palavras de Reis, as oposições entre núcleo e nebulosa evidenciam que Adelaide tem ocupado constantemente a margem e não o centro, pois “A personagem mulher será impedida de circular no centro toda vez que trazer uma marca que inferiorize socialmente: seja ela cortesã, como Lúcia; índia, como

Iracema; de cor, como Rita Baiana.” (REIS, 1987, p. 41). Adelaide, assim como esses outros exemplos literários já citados, é estigmatizada por ter ascendência negra e por ter tido uma filha quando solteira com um empregado da casa.

Mesmo que a ascensão social de Conrado tenha sido bem-sucedida, seu caráter não se modificou. O próprio Moraes sabia disso: “O genro do major conhecia a Conrado pela bela e honrosa reputação, de que gozava não só na capital, como em toda a província de S. Paulo. Sabia muito bem que, além de rico, era homem honesto e honrado, incapaz de aleives e manejos torpes.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 89)

No primeiro e no segundo volume do livro, encontramos um capítulo especialmente dedicado a Conrado. No primeiro tomo, o capítulo intitula-se apenas “Conrado” e serve para que possamos conhecer a figura do capataz do major. Bem ao estilo descritivo de Bernardo Guimarães, a primeira parte do capítulo conta como Damásio conheceu Conrado:

Conrado – tal era seu nome – era natural de Curitiba. Uma feita, em que Damásio ali fora comprar muladas, encontrou o pobre menino na idade de onze a doze anos, órfão e desvalido, mas já traquejado na escabrosa lida de camarada muladeiro. Ágil e vigoroso, já sabia atiar um laço com tôda a destreza, pegar um burro chucro, passar-lhe os arreios e domá-lo como o mais destemido peão. Era o tipo de um lindo gaúcho. (GUIMARÃES, v.1, s.d., p. 89)

Sabemos então que o major levou o menino consigo a São Paulo para trabalhar em sua fazenda e cuidou dele quase como um filho. Foi aí que o moço passou a viver ao redor de Adelaide como um grande companheiro, ou um aio. Adelaide, em troca de toda confiança que tinha no rapaz, acabou por ensinar-lhe a ler e escrever.

Conrado já alimentava um sentimento amoroso por Adelaide, mas ele mesmo pensava consigo que havia “[...] uma grande distância na ordem social [entre] o órfão desvalido, camarada ou capataz, da rica e ilustre herdeira de uma família distinta.” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p. 91). Mesmo depois que o romance entre os dois aconteceu, eles não conseguiram ficar juntos. Embora contassem com algum dinheiro e considerassem que a pobreza não fosse um impedimento para o relacionamento, existia ainda a diferença social entre o casal.

Já no segundo tomo de *Rosaura, a enjeitada*, o capítulo exclusivamente dedicado a Conrado é intitulado “Conrado Capitalista”. Nele se descreve o moço em sua nova fase, desta vez rico e poderoso. Esse capítulo também apresenta algumas explicações do porquê Adelaide ter desistido de esperar por Conrado no passado, conforme podemos perceber na citação abaixo:

Escreveu-lhe por diversas vêzes, esperando sempre uma resposta, que nunca lhe chegou, porque como sabemos Adelaide não recebera nenhuma de suas cartas. No fim de dois anos, chegou-lhe às mãos uma carta, não dirigida a ele, quem em S. Paulo passava por morto, mas a um paulista então residente no Sincorá, onde Conrado também se achava, na qual entre outras coisas se noticiava o casamento de Adelaide. (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 31)

Depois da grande decepção que Conrado sofreu, ele “Entrou de nôvo na vida de muladeiro, e em poucos anos adquiriu uma fortuna, que naquela época, em S. Paulo, bem podia se dizer colossal. O que o amor outrora lhe fizera alcançar, hoje o obtinha em mais alta escala o desejo de vingança.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 32)

Incrível é a transformação que acontece com essa personagem: “Conrado era capitalista; não tinha armazém, nem loja; sua fortuna girava produtivamente, sem que suas mãos morenas e musculosas, mas delicadas, precisassem descalçar a luva para pegar no côvado.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 34). Este fenômeno que acontece com Conrado não é tão comum. Reis comenta sobre o assunto, quando trata sobre a camada da população que não está nem no topo nem na base da pirâmide social, ou seja, que não é pertencente ao universo dos senhores, nem ao mundo dos escravos. Sob tal situação, acrescenta Reis que “Como eles estavam marcados pelo trabalho e pela cor, o esforço daqueles se desenvolve no sentido de não trabalhar com as mãos e de se “branquear” socialmente.” (1987, p. 25) Conrado, portanto, abandona a condição de serviçal para se tornar um homem de posses.

Em relação ao Seminarista, é interessante esclarecer alguns aspectos sobre a pessoa de Margarida. Esta menina, uma das coprotagonistas do romance, era filha de uma agregada do pai de Eugênio, capitão Francisco Antunes. O romance nos relata que Dona Ubelina, mãe de Margarida fora casada com um alferes de cavalaria, que há muito havia morrido em guerras no sul do Brasil, deixando assim desamparadas a mulher e a filha recém-nascida:

Entre esses agregados contava-se a senhora Ubelina, a qual com sua filha Margarida e uma velha escrava ocupava a cozinha [...] Ubelina vivia em sua pequena bitacola à beira da estrada vendendo aguardente e quitandas aos viandantes, cultivando seu quintal, pençando suas vaquinhas, e da venda de fructas, hortaliças e leite sabia com sua diligencia e economia tirar um soffrivel rendimento. (GUIMARÃES, 1872, p. 16)

Capitão Antunes e sua esposa tinham relações de amizade com o pai de Margarida e, por isso, eram padrinhos da menina, oferecendo ajuda às duas quando ficaram desamparadas. Ubelina seria o que Reis descreve como alguém pertencente à categoria dos chamados “homens livres”, mas que não se encaixa na pirâmide socioeconômica mencionada por ele, baseada na disposição hierárquica em que senhores como capitão Antunes ocupam o topo e os escravos a base. Esta leitura de Reis está imbricada ao pensamento de Robert Schwarz (1977), que observa nos chamados “homens livres” a situação de não serem “Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e aos bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura.” (SCHAWRZ *apud* REIS, 1987, p. 25)

Segundo as condições da época, a figura do agregado era constatemente submetido a decisões do seu patrão. Por usufruir das terras, mas não ser empregado e nem um arrendatário, estabelece-se entre ele e o dono das terras uma relação de dívida na qual está implícita uma forma de troca interessada. É esta a condição que prejudica Ubelina e sua filha. Por deverem favores ao pai de Eugênio, elas acabam tendo que aceitar as decisões do patriarca. Dessa maneira, Margarida e sua mãe deixam a fazenda por não concordarem em ceder às vontades do capitão Antunes. A situação de ambas as personagens endossa a ideia de Reis de que “[...] o favor é o meio mediante o qual os homens livres não só têm acesso a vida real, como se aproximam dos latifundiários e se diferenciam dos escravos. (1987, p. 25)

Vemos que Dona Ubelina era uma senhora muito boa, que trabalhava muito para cuidar bem da filha. Em certo trecho, Margarida afirma: “[...] mamãe tira quasi todo o leite das vaccas, e deixa um pinguinho só para os pobre bezerros.” (GUIMARÃES, 1872, p. 8). Nota-se que a vida de Margarida e sua mãe não era muito fácil, ambas precisavam trabalhar e poupar muito para conseguirem sobreviver:

Era ella uma matrona gorda e córada, de rosto sempre affavel e prazenteiro; sua aceiada e garrida cozinha alvejando entre o verdor das balsas e

campinas que a circundavão, era uma confirmação palpitante do rifão, que diz, - não ha traste que não se pareça com seu dono. (GUIMARÃES, 1872, p. 16)

Ubelina seria um exemplo de honestidade, mesmo pobre e dependente da boa vontade do capitão Antunes, Ubelina sempre optou por fazer as coisas certas, não tentando tirar vantagens de ninguém.

Para finalizar, podemos considerar que as questões étnicas estão sempre muito ligadas a aspectos econômicos, pois a partir da análise feita nessa seção conseguimos identificar três tipos diferentes de personagens. A primeira delas é a do major Damásio, homem de origem indígena que atingiu um patamar no qual a riqueza serve como uma máscara para sua verdadeira ascendência. Outro exemplo é o de Conrado, que vivia o estigma de ser pobre, batalhou e conseguiu riquezas, e por não possuir origem negra nem escrava, acaba por ser aceito na sociedade após melhorar seu poder aquisitivo. E por fim, a posição de Ubelina, que no romance *O seminarista*, ocupa um lugar menos privilegiado, uma vez que vive como agregada nas terras do capitão Antunes, e esta posição é praticamente imutável ao longo da trama, por ser mulher e ainda pobre. Como sucedia a esses sujeitos que estavam entre a camada senhorial e a dos escravos, Ubelina tem um limite até o qual pode se aproximar do topo da pirâmide.

4.2 MORAL E CASTIGO

Dessa maneira, o sistema patriarcal definia bem mais do que a posição do patriarca, mas também o comportamento esperado para as mulheres da sociedade. É possível interpretar essa lógica masculina ao observar o espaço consagrado à mulher neste mundo de valores patriarcais. Quando pensamos no jardim ou mesmo no pomar como espaços, podemos considerá-los, segundo os comentários feitos por Roberto DaMatta em *A casa e a rua* (1997), como “espaços arruados”, ou seja, determinados lugares que pertencem à órbita da casa, os quais, todavia, possuem características que se aplicam ao mundo da rua, em suma, um entrelugar.

Estas questões relativas a lugar e comportamento feminino são muito frisadas no século XIX. Adelaide constantemente é associada a esses dois espaços arruados, e isso a coloca numa posição subversiva, pois uma moça jovem precisa

estar apenas ligada ao espaço da casa, segundo as regras morais da época. O fato de Adelaide estar integrada a esse entrelugar mostra que a moça, provavelmente por sua cor, esteja, por exemplo, aos olhos dos rapazes que lhe frequentam a casa, moralmente abaixo de outras sinhazinhas. Isso pode ser justificado também pelo fato de a jovem receber os pretendentes no jardim ou no pomar, espaços suscetíveis à observação dos demais. Este espaço necessário onde ocorre uma espécie de vigilância é característico da própria época, pois a questão moral destes tempos era muito importante para que a moça se conservasse pura até o casamento. A coerção, portanto, às tentativas de qualquer um ultrapassar os limites definidos para a corte de uma jovem funcionava por meio dos olhos vigilantes dos mais velhos e dos criados. Aliás, estes últimos muitas vezes serviam como o elemento de ligação entre os apaixonados, porém, nalguns casos, podiam ser também os que punham a perder tentativas de relações afetivas.

A questão dos encontros amorosos nos abre uma brecha para discussão da questão da moral feminina, pois segundo o termo empregado por Sant'Anna (1985), Adelaide era uma mulher-flor em primeiro lugar, pois era concebida como para apenas ser vista, pois a beleza era o seu grande atributo, já quando se relacionava à educação, a moça não era tão afortunada assim: "Nas maneiras, nos ademanes, nas palavras era às vezes de tal desembaraço, que degenerava em estouvamento." (GUIMARÃES, v.1, s.d., p.20.). Nesta descrição, percebemos que Major Damásio não dá prioridade à instrução da filha, além disso, esse trecho nos revela o julgamento que costumeiramente inferiorizava as mulheres em relação a qualidades intelectuais, relegando-as apenas ao espaço das lides domésticas. É evidente também que, em sociedades como a do século XIX, a beleza era constantemente mais valorizada do que a instrução:

A má direção dada à educação intelectual de Adelaide, que o major, ignorante e filaiucioso como era, deixava correr à mercê das fantasias da filha, estragava os excelentes dotes daquele espírito vivos e expansivo, e a falta absoluta de educação moral deixava adormecidos alguns instintos, que a natureza lhe havia plantado no coração. (GUIMARÃES, v.1, s.d., p. 21)

De maneira geral, no século XIX, as mulheres eram educadas para serem boas esposas, tendo qualificações que melhoram a vida doméstica e a educação dos filhos. Moralmente, as mulheres eram educadas para serem submissas aos seus esposos, respeitosas e recatadas. Adelaide, por mais que possuísse alguma

destas qualidades, também carregava defeitos que não lhe permitiam seguir os padrões da época: “A natureza moral era um composto inexplicável de qualidades opostas, que deveriam excluir-se umas às outras ou andar em colisão, uma vez que “era ela um misto incompreensível de desenvoltura e recato, de meiguice e esquivança, de ingenuidade e malícia” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p. 20).

Segundo Cabral (1995), que traça um estudo diacrônico da sexualidade no ocidente, a mulher possuía seu lugar, principalmente se ela pertencesse às camadas superiores. Para DaMatta, esse espaço era descrito como espaço da casa que se opunha fortemente ao espaço da rua, lugar de circulação masculina. Dessa forma, a mulher devia ficar reclusa, longe da observação da sociedade, atendendo somente os interesses da sua família e moralmente preservando-se.

Pode-se dizer que Adelaide constantemente migrava entre os espaços da casa e da rua, tendo uma determinada liberdade que as moças da época não possuíam. Talvez, se levarmos a sério esse motivo, é que Adelaide veio a se “desvirtuar”, pois o pai não a havia educado da maneira correta, circunstância que explicaria o relacionamento com um serviçal e a gravidez antes do casamento –, leitura, é óbvio, que está bem adequada ao discurso masculino e patriarcal da época, todavia totalmente equivocada na apreensão das mulheres do século XIX.

Não se pode deixar de mencionar que a educação de moças como Adelaide era focada em habilidades práticas do seu dia a dia, mas o que acabava por faltar era uma educação moral mais adequada. É justamente por falta desse tipo de educação mencionado que se torna possível justificar a transgressão de Adelaide. Não somente a questão moral implica nessa atitude contrária da moça. Pesa negativamente na sua avaliação a circunstância de a personagem ser mulata. Para Queiroz Júnior, normalmente a mulata pertencia a dois polos, um positivo e um negativo:

(...) podemos dizer que, de positivo, são reconhecidas suas habilidade culinárias, via de regra, sua higiene, sua resistência física ao trabalho, sua saúde, sua solidariedade, sua beleza perturbadora, sua sensibilidade irresistível, seus artifícios de sedução a que sabe recorrer, quando canta, dança e se enfeita. Já a soma de seus defeitos é constituída por sua falta de moralidade, por sua irresponsabilidade, por ela ser muito pródiga sempre. (1975, p. 76-77)

Nas considerações acima, podemos claramente inserir a pessoa de Adelaide. De acordo com a narrativa, trata-se de uma moça cheia de dotes e muito bela, mas que acaba por revelar também alguns dos defeitos citados acima (pelo negativo), ao conhecer, relacionar-se e engravidar de um serviçal. Aos olhos da sociedade da época, Adelaide revela imensa irresponsabilidade e sua conduta totalmente inadequada. Conforme o pensamento corrente de então, por ser resultado de um entrecruzamento étnico, a atuação da mulher mulata dentro da esfera negativa era mais ou menos esperada. Devido a essa condição étnica, portanto, era de esperar-se de Adelaide uma conduta duvidosa e um caráter pouco sólido. O relacionamento com Conrado e a filha antes do casamento deixam Adelaide em uma posição de julgamento, colocando em jogo sua reputação pelo fato de ser mulher e mulata em uma sociedade preconceituosa, conservadora e patriarcal.

Notamos, em razão de certa homologia entre as letras e a sociedade, que a Literatura passa a alimentar e reproduzir pensamentos sociais de determinadas épocas. Nessa perspectiva de raciocínio, destaca Queiroz Júnior que a sociedade retratada nos romances de então:

[...] apresenta-se comprometida com a manutenção de certos valores, assim como com a manipulação de certos recursos, revelando-se estes e aqueles igualmente adequados à sustentação de uma ordem social que, pelas razões antes examinadas, afeta a posição da mulata, contaminando-a de defeitos que a afastam das oportunidades matrimoniais, ao mesmo tempo que não a livram de ser qualificada com atributos que a tornam alvo de cobiça e lubricidade. (1975, p. 86)

É exatamente por esse tipo de julgamento sofrido por Adelaide. Ao perder a filha e também o seu grande amor, ela acaba mergulhando em profunda desolação. Em virtude disso, acaba aceitando o casamento arranjado pelo pai, temerosa de não contrair matrimônio na idade esperada, um verdadeiro fantasma para as sinhazinhas de então. Cumpre-se aqui exatamente o que nos descreve Queiroz Júnior na citação acima, isto é, as mulheres submetidas a essa experiência acabam por ficar desqualificadas para o matrimônio, levando-as a uniões desvantajosas com o conseqüente sofrimento nas mãos dos maridos. Esses casamentos se tornavam ainda mais infelizes, porque as mulheres frequentemente uniam-se a pretendentes que eram escolhidos pelos pais.

Nessas sociedades, como afirma Cabral, os casamentos eram arranjados por alguma conveniência social ou econômica e “[...] a forma mais comum de uniões conjugais, no século XIX, dava-se através da obediência dos jovens aos arranjos providenciados pelos pais. E estas transações, na sua maioria, ficavam ocultas em razão das convenções sociais que as moças e os rapazes não se encorajavam a desafiar.” (CABRAL, 1995, p.145). Diante disso, entende-se a infelicidade de tantos casamentos, pois a mulher seria sempre a menos favorecida neste comércio matrimonial.

A exemplo disso, Mary Del Priore faz uma discussão importante em *Histórias Íntimas* (2011):

Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas e recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação. É provável que os homens tratassem suas mulheres como máquinas de fazer filhos, submetidas às relações sexuais mecânicas e despidas de expressões de afeto. Os casados desenvolviam, de maneira geral, tarefas específicas. Cada qual tinha um papel a desempenhar diante do outro. Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis e submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação. [...] A obediência da esposa era lei. (DEL PRIORE, 2011, p. 45)

Já segundo tomo do romance, a descrição de Adelaide é de uma típica mulher casada do século XIX, uma mãe dedicada à educação dos filhos e aos cuidados da casa, que vivia submetida às vontades do marido. Agora casada e com uma família constituída, Adelaide vive dentro dos ditames que a sociedade lhe impôs. Reservada ao espaço da casa, ela passa os seus dias a educar os filhos e dar ordem aos empregados. Ainda submetida à ordem patriarcal, vive sob os olhares do pai e do esposo.

É interessante pensar que, mesmo depois de adulta, diversas questões morais continuam a perseguir Adelaide. No momento em que está para ser revelado o grande segredo de sua vida, ela prefere que seja ocultado o seu envolvimento e a maternidade de Rosaura. Tudo isso, para preservar a moral de esposa na sociedade, até porque na época, entre as camadas abastadas, ser mãe solteira era uma grande afronta à moral e aos bons costumes:

[...] uma mulher, cuja reputação iam ver-se talvez na dura necessidade de sacrificar para salvar a filha da escravidão e da desonra; de uma mulher que, não obstante ter no seu passado uma nódoa muito desculpável, se tinha mostrado por seu ulterior comportamento digna de todo o respeito e estima da sociedade. (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 98)

A respeito da moral e da função da esposa nas sociedades do século XIX, Del Priore assim se expressa:

Como esposa, seu valor perante a sociedade estava diretamente ligado à “honestidade” expressa por seu recato, pelo exercício das suas funções no lar e pelos inúmeros filhos que daria ao marido. Mulheres de trinta anos, presas ao ambiente doméstico, sem mais poderem “passear” – “porque lugar de mulher honesta é no lar”... (2011, p. 66)

Assim como a maioria das personagens femininas que infringia as regras impostas às mulheres, também é possível levantarmos o fato de que Adelaide sofria com seu passado. Na sociedade do século XIX não se aceitava que uma mulher que rompera os preceitos da época pudesse ter uma vida feliz. Era necessário que fosse castigada de alguma forma, que pagasse por seus pecados, seja com a morte, seja com o divórcio, com o exílio ou mesmo com o desprezo e a humilhação. Se para Adelaide a regra não podia ser diferente, podemos afirmar que seu grande castigo foi ter escravizado a própria filha e tomar consciência desse ato: “Tinha sua filha em casa, é verdade, mas como escrava, como propriedade, como um móvel.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 26)

A aflição de Adelaide ter a própria filha na qualidade de escrava representa, aos olhos dos leitores e leitoras da época, a pena por ter afrontado os valores morais da época. Por um momento, o sentimento de culpa se lhe afigura imenso e a situação parece ser irreversível. Afinal, o fato de Adelaide presenciar a própria filha como vítima de injustiças dentro de sua casa e diante dos seus olhos sem nada poder fazer só pode levá-la a alimentar um enorme sentimento de culpa.

É por meio de Rosaura que o livro apresenta a grande ironia da escravidão: a mãe, que oculta a ascendência negra e indígena da família, que colabora e alimenta o sistema escravocrata, sofre as consequências da forte autoridade patriarcal em sua juventude, vem a escravizar a própria filha anos depois, expondo-a às garras femeeiras do próprio marido, que, por pouco, não abusa sexualmente da mucama. A despeito das ações vergonhosas perpetradas por Morais, na ótica do narrador, a

responsabilidade dos erros cabe à figura feminina: “A mãe, sem saber, comprar a própria filha e tê-la em casa como escrava!” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 20)

Notamos que a principal semelhança entre a vida de Rosaura e de sua mãe relacionava-se à circunstância de ambas estarem totalmente condicionadas ao poder patriarcal na esfera das próprias famílias. Para Freyre isso normalmente acontecia: “As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos.” (1989, p.421). Este fator é determinante na evolução e na construção da trama narrativa e, conseqüentemente, nos rumos que o enredo toma.

Curiosamente, o nome Moraes está estritamente ligado com a palavra moral, a qual não é uma característica do portador desse nome. Moraes, muito pelo contrário, constantemente apresenta atitudes que vão contra a moral e a ética. Prova disso é que a partir do momento em que Rosaura passou a habitar a casa da família, sua beleza e delicadeza atraíram os sentimentos mais lúbricos do marido de Adelaide: “À força de contemplar todos os dias as belezas plásticas da formosa Rosaura, Moraes se foi deixando arrastar por uma paixão insensata e frenética por ela.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 12). Além disso, o fato de Rosaura possuir a pele mais escura e estar na posição inferior de escrava da família deixava esse homem mais convencido de que podia assediar a menina com o intuito de seduzi-la.

A solução dos problemas de Rosaura e de Adelaide virá de uma personagem que praticamente havia sumido da narrativa. Reinserido no romance, ele passou por um processo de grandes mudanças. Conrado, inicialmente pertencente ao grupo dos fora do círculo, faz um progresso para ocupar o centro desse mesmo círculo. Com esforço e determinação, ele se projeta para o círculo de poder, adquirindo o principal ponto para tal ascensão, o dinheiro e o prestígio diante da sociedade. O mais interessante é que a grande motivação da mudança de condição do ex-serviçal não foi a ambição por riquezas e poder, mas sim o sentimento afetivo que ele nutria por Adelaide.

No que diz respeito ao romance *A escrava Isaura*, a descrição de Álvaro se assemelha bastante à de sua amada, sempre carregada de elogios, tanto para aspectos físicos como de caráter. A primeira parte da descrição fala um pouco sobre o poder aquisitivo de Álvaro, certamente isso será determinante para que ele consiga mudar a condição de Isaura. Também podemos notar que ele seria o

homem adequado para Isaura, pois uma bela mulher, educada e instruída, mereceria um homem a sua altura, inclusive que possa dar a ela a vida confortável que possuía na casa-grande:

Álvaro era um desses privilegiados, sobre quem a natureza e a fortuna parece terem querido despejar à porfia todo o cofre de seus favores. Filho único de uma distinta e opulenta família, na idade de vinte e cinco anos, era órfão de pai e mãe, e senhor de uma fortuna de cerca de dois mil contos. (GUIMARÃES, 2009, p. 101)

Além da riqueza que Álvaro possui, também é dono de uma beleza e simpatia invejáveis. Nesse aspecto, podemos aproximar Álvaro ao príncipe dos contos de fadas, belo, rico e nobre. Além disso, é claro, o moço exerce a função de herói da trama, pois salva a mocinha da sua amargurada vida.

Era de estrutura regular, esbelto, bem-feito e belo, mais pela nobre e simpática expressão da fisionomia de que pelos traços físicos, que, entretanto, não eram irregulares. Posto que não tivesse o espírito muito cultivado, era dotado de entendimento lúcido e robusto, próprio a elevar-se à esfera das mais transcendentales concepções. (GUIMARÃES, 2009, p. 101)

Dr. Geraldo, amigo de Álvaro, será o grande auxiliar de Álvaro na luta contra a escravidão de Isaura. Geraldo, inicialmente se coloca contra o amigo, pois acredita ser uma loucura lutar contra o regime. Porém, por ser um homem muito nobre, percebe que é justa a intenção do amigo e passa a colaborar com a empreitada de salvar Isaura das garras da escravidão.

Era um homem de trinta anos; bacharel em Direito e advogado altamente conceituado no foro do Recife. Entre as relações de Álvaro era a que cultivava com mais afeto e intimidade; uma inteligência de bom quilate, firme e esclarecida, um caráter sincero, franco e cheio de nobreza, davam-lhe direito a essa predileção da parte de Álvaro. (GUIMARÃES, 2009, p. 104)

Além de ser um herói apaixonado, Álvaro também precisa ser visto por outro importante viés, o de representante abolicionista. Notamos que o posicionamento de Álvaro para a época pode ser visto como bastante desafiador. Dessa maneira, Bernardo Guimarães usa dessa personagem para trabalhar com alguns conceitos que vinham aparecendo na sociedade da época. É o que Rabassa mostra em *O negro na ficção brasileira* (1965): “Um aspecto da literatura mundial a que naturalmente o Brasil se afiliou foi o movimento anti-escravagista que se desenvolveu a partir do iluminismo e da Revolução Francesa.” (1965, p. 82)

Álvaro seria figura escolhida por Bernardo para dar voz à abolição. De maneira singela, o rapaz que é descrito como alguém muito inteligente e também a frente de seu tempo, nos traz a mensagem da abolição que na época poderia parecer impensável, ou ainda, um disparate.

4.3 O CORPO

A propósito de Rosaura, a filha de Adelaide, é possível observar em diversos momentos da narrativa que o sr. Morais compara a menina a um objeto: “Custou-me uma soma considerável e não é para largarmos mão dela.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 5). Ou em outro momento: “A aquisição da linda escrava Rosaura foi um motivo de festa por muitos dias na família do major. Era um mimo, que há muito o avô desejava fazer à Estela...” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 11) Nas sociedades do século XIX, frente aos casamentos arranjados, em que era regra a submissão da mulher ao domínio patriarcal, a mulher livre era vista como um objeto do seu marido. Quando escrava, ainda pesava o fato de ter sido comprada e do senhor ser dono da sua liberdade.

“À força de contemplar todos os dias as belezas plásticas da formosa Rosaura, Morais se foi deixando arrastar por uma paixão insensata e frenética por ela.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 12). Assim, esse homem lúbrico passou a desenvolver pela menina uma paixão incontrolável. Tentando persuadir a escrava, ele “redobrou de ardis, seduções, promessas e ameaças para rendê-la a seus impudicos desejos.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 14). A grande diferença social e de idade entre a mucama e Morais parecia só aumentar o interesse dele pela moça. Normalmente, meninas mais jovens eram (e ainda o são) verdadeiros objetos de desejo de homens mais velhos.

Movido por um desejo carnal intenso pela menina, Morais deixou transparecer algum sentimento em relação à Rosaura para sua esposa. Adelaide, sofrendo por ver a situação, passa a subjugar a menina, atribuindo-lhe a culpa pelos disparates do marido. Esse fato nos revela também que as próprias mulheres consideravam culpadas as outras pelos abusos de poder e atitudes desenfreadas que os homens cometiam. Esse tipo de julgamento era bem comum. Desde muito tempo, devido a

uma mentalidade elaborada a partir de textos bíblicos, a mulher tem sido vista como a grande semeadora do pecado.

A percepção que se tinha dos relacionamentos conjugais da época é que existiam dois tipos de mulheres: as brancas, que serviam para contrair matrimônio, ter filhos e ser mantidas dentro da casa, como uma espécie de enfeite, e as mulatas ou negras cativas, as quais serviam para que o homem se divertisse sexualmente. Por isso, nas mãos de Morais, Rosaura, ao contrário de Adelaide, é vista como uma mulher-fruto, ou ainda melhor, como uma mulher-caça. As duas definições, segundo Sant'Anna, está relacionada àquela “que o homem persegue e devora sexualmente.” (1985, p. 22).

O abuso sexual de jovens escravas pelos seus senhores era muito comum e de certa maneira tolerado. Como nos revela Sant'Anna, a mulher negra e mulata passa a ser um objeto a ser sexualmente devorado e o autor denomina esse fenômeno como negrofagia. Quanto ao desejo carnal por pessoas de pele negra, o autor designa como negrofilia.

Em diversos momentos o narrador mostra como Morais pressionava Rosaura a ceder ao seu incontrolável desejo: “Senhor quase absoluto da casa, fazia quotidianamente à inexperta rapariga pomposas promessas de liberdade, de dinheiro e de mil felicidades, às quais a singela menina opunha sempre a mais rude e obstinada negativa.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 12). O real desejo de Morais relaciona-se a usufruir sexualmente do corpo da jovem mucama. Para Sant'Anna, “o corpo da mulher também é o campo do exercício do poder masculino.” (1985, p.11).

Esse gesto patriarcal, escravocrata e feudal, confirma, no plano econômico, suas características psicanalíticas. Procura-se incorporar o corpo do outro, canibalística e eroticamente, assim como a criança procura incorporar o objeto do desejo. É um processo de sucção sexual e social. Poderíamos, aqui, parafrasear K. Abraham e dizer que “se aferram como sanguessugas às outras pessoas”, que esse comportamento sádico-oral apresenta um elemento de crueldade sexual semelhante a um vampiro. (SANT'ANNA, 1985, p.25)

É exatamente esse poder de “sucção sexual e social” que caracteriza as atitudes de Morais em relação à Rosaura. Munido do poder patriarcal e escravocrata, diante da indefesa e subjugada menina escrava, Morais exerce todo o poder para dominá-la e, dessa forma, apossar-se cruelmente de seu corpo e fazê-la

sua vítima. Sobre isso Queiroz Júnior ainda trata da questão da mulher negra na família branca, que sofria constantes perseguições e assédios.

[...] o assédio de brancos, patrões ou seus filhos que se consideravam com direito a tal, além do assédio de negros e mulatos que, marginalizados no mercado de trabalho, apelavam para recursos eróticos e exploravam suas amantes, empregadas domésticas. (1975, p.106)

Assim, Moraes não se cansava de perseguir Rosaura – prova de que tal paixão tornou-se uma obsessão – e suas tentativas de seduzir a menina eram cada vez mais agressivas: “Com as repulsas e esquivações, ainda mais recrudescia a febre de ardente sensualismo que abrasava o sangue de Moraes; depois de ter empregado em vão todos os meios de sedução a seu alcance, lançou mão também, das mais terríveis ameaças.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 12). Ameaças que geralmente estavam relacionadas a conotações sexuais, como vemos: “Moraes rugia de raiva e desespero, mas nem assim deixa de prosseguir, cada vez com maior ardor, em seus assaltos brutais contra a pudicícia da gentil escrava.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 13).

Na literatura e na sociedade a mulher de cor tem passado pelas mesmas situações que Rosaura. Sant’Anna afirma: “(...) A violência erótica complementa as violências racial, social e econômica. (...) A sexualidade na maioria dos homens comporta um elemento de agressão, dependência a dominar o objeto pela força.” (SANT’ANNA, 1985, p. 46) E Rosaura estando nesta situação de escrava, pobre, e ainda mulher, se tornara uma presa fácil para que Moraes se julgasse no direito de possuí-la sexualmente, pois economicamente já a possuía.

A violência de Moraes contra a mucama deixou de ser verbal e evoluiu para a violência física: “Um dia, aproveitando ocasião, que lhe pareceu azada, seus esforços tocaram a excessivo grau de audácia e violência; a menina a muito custo pôde escapar-lhe dos braços, toda desalinhada, e com as roupas dilaceradas.” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 14). Não podendo controlar seus impulsos, Moraes desenvolve uma desejo doentio pela menina, mas, paradoxalmente, é esse desejo que permite Rosaura descobrir que é filha de Adelaide. Após Moraes rasgar a roupa de Rosaura e, na sequência, ser socorrida por Lucinda, uma escrava mais antiga da família, uma mancha de nascença na mucama é revelada, possibilitando a identificação da jovem como filha de Adelaide.

No que tange à *A Escrava Isaura*, este romance revela que a mulher, mais ainda que o homem, e principalmente a escrava, era vista como um objeto pertencente ao homem, e por isso ele poderia cometer os desmandos que bem entendesse, sem se preocupar com as vontades da mulher. Para a escrava, isso ainda era pior, a questão da sexualidade sempre esteve condicionada à vontade do senhor, que participava da iniciação sexual e mesmo garantia privilégios e o domínio sobre a escrava. Freyre também nos fala dessa erotização do negro, “Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual.” (FREYRE, 1989, p.315). Sabemos que essa erotização criou um mito acerca da mulher negra, tornando-a o principal alvo de desejo dos homens brancos.

“Também no caso da mulher de cor, na nossa sociedade escravocrata, seu dote é seu próprio corpo. Seu corpo é moeda de ascensão social, mesmo porque não lhe foi dado nada a não ser isso.” (SANT’ANNA, 1985, p.43) A afirmação acima nos permite entender por que Leôncio acredita que Isaura pudesse querer ter algum relacionamento com ele: se não fosse apenas por amor, seria baseada em interesses financeiros e para ser reconhecida na sociedade por uma dama, esposa de um senhor, e não uma escrava.

“Enfim, como figura não apenas para ser *pintada*, mas *sentida*, como criatura não para ser *esposável*, mas para ser *comida*, a mulata é o lugar recorrente do desejo do imaginário escravocrata.” (SANT’ANNA, 1985, p. 31, grifos do autor). Mesmo que Isaura não fosse negra, estava diretamente ligada a essa etnia. Ademais, pertencia a uma classe submissa, a dos escravos, e por esse motivo Leôncio achava-se no direito de ter Isaura para si, querendo ela ou não, e para a consecução de seus desejos, ele não descartava o uso da violência: “Isaura era propriedade sua [de Leôncio], e quando nenhum outro meio fosse eficaz, restava-lhe o emprego da violência.” (GUIMARÃES, 2009, p. 34) O que Leôncio não esperava é que o caráter de Isaura se revelasse inabalável, tornando-se difícil conseguir convencê-la a ser sua mulher. Obstinado, Leôncio acaba por lançar sobre Isaura as mais diversas punições, com o objetivo de fazê-la ceder.

Portanto, além da sexualidade exacerbada atribuída a essas mulheres de pele morena à negra, também os homens as viam como seres inferiores e por isso não eram dignas de serem ouvidas e tinham suas vontades sufocadas. Ao contrário

disso, a ordem patriarcal permitiu ao homem que este realizasse todos os seus desejos fazendo o que bem entendesse. Dentro dessa ótica, Sant'Anna faz a seguinte constatação: "Mas é evidente que a abertura dos sentidos em relação à mulher negra ou mulata está presa ao fato de que ela é considerada como um ser socialmente inferiorizado." (1985, p.24). É por carregar este tipo de pensamento que Leôncio desejava possuir Isaura, e o fato de ela não corresponder às suas investidas o deixa profundamente ofendido e enfurecido, pois ela está mostrando verdadeiramente suas vontades em vez de agir em conformidade com os padrões daquela sociedade em que vivia.

Além dos maus tratos que Isaura passa a sofrer após negar os encantos de seu senhor, passa também a viver rodeada por pessoas que não a querem ver feliz: "Dentro de casa contava ela com quatro inimigos, cada qual com o mais porfiado em roubar-lhe a paz da alma, e torturar-lhe o coração: três amantes, Leôncio, Belchior, e André, e uma êmula terrível e despiedada, Rosa." (GUIMARÃES, 2009, p. 73). De certa maneira, esse fato pode estar ligado a uma condição de castigo para Isaura, por tentar ser algo que sua condição não lhe permite.

Vale a pena ressaltar também a figura de Rosa, pois ela estabelece uma oposição à figura de Isaura. Por mais que todos gostassem de Isaura, Rosa apresentava uma aversão muito grande por ela. Em certo momento do romance, entendemos que isso se dá em virtude de Rosa haver sido amante de Leôncio antes de ele se apaixonar por Isaura. E a escrava Rosa, por ter sido trocada, passa a odiar a rival. Já Isaura, que nada sente por Leôncio além de ódio e nojo, não entende o que se passa. Nesse contraponto, é interessante pensarmos que as escravas eram escolhidas com muita minúcia por seus senhores. Sucedia que ao aparecer uma escrava mais bela, o senhor podia trocar suas preferências. Para Freyre, a beleza em conformidade com os padrões europeus sempre condicionava a escolha do senhor. Rosa também era muito bela, mas Isaura tinha em si características mais aceitáveis, era mais branca:

Aos bastardos, em geral, pode estender-se, é verdade que sem a mesma intensidade, o que ficou dito dos filhos de padre; quando mestiços resultaram quase sempre da união do melhor elemento masculino - os brancos *afidalgados das casas-grandes* - com o melhor elemento feminino *das senzalas* - as negras e mulatas mais bonitas, mais sadias e mais frescas. (FREYRE, 1989, p.142, grifos do autor)

Esta informação permite-nos fazer algum julgamento da pessoa de Rosa. A moça por ser mulata é apresentada com um caráter duvidoso. Primeiramente se envolve com o seu senhor sem ter em conta que ele é casado e apenas quer se aproveitar dela. Passa a ter uma postura aproveitadora também, pois se envolve com o senhor com intenções de conseguir benefícios pessoais:

Pressionada pela sufocação do cativo e cercada pela cobiça de seus senhores, compreende-se que a mulata terminasse, em certos casos, por explorar seus dotes físicos como recursos de auto-afirmação e como meio de libertar-se de fato, quando não chegava a uma libertação de júri, da sujeição total em que se encontrava como escrava. Dessa forma, restou-lhe a alternativa de entregar-se à sensualidade do homem branco como meio de poupar-se à escravidão. Esse jogo fica bem explícito na trama de *A Escrava Isaura*, visto que a escrava que dá o nome ao romance, por ter resistido ao assédio de seu amo, sofreu, em consequência, as formas mais severas de punição. (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.30)

Aliando-se a Malvina – que sempre teve bom caráter, mas sentiu-se traída por Isaura –, Rosa também usa da calúnia para tentar prejudicar Isaura. Rosa passa a envenenar a sua senhora contra Isaura, e Malvina acaba por acreditar, por estar cega de ciúmes: “Malvina era boa e confiante, e nunca teria duvidado da inocência de Isaura, se não fosse Rosa, sua terrível êmula e figadal inimiga.” (GUIMARÃES, 2009, p.81). Após os boatos que Rosa faz chegar aos ouvidos de sinhá Malvina, Isaura passa a sofrer a repressão de sua senhora.

Leôncio, quando se encanta pela figura de Isaura, começa a alimentar uma obsessão pela moça. Mais do que a atração física que Isaura desperta no seu senhor, ela também se torna vítima de uma espécie de coisa pertencida de Leôncio. É como se Isaura fosse um objeto de posse e por isso pudesse ser tratada da maneira que Leôncio julgasse melhor. Leôncio, acostumado com Rosa, que cedeu aos encantos do senhor sem relutar, acreditava que com Isaura a história se repetiria. Ainda que esteja também na condição de escrava, Isaura não cede a nenhuma proposta de Leôncio, mesmo com todas as tentativas feitas por ele.

É por causa disso que Isaura passa a ser mais duramente perseguida, passando das ameaças verbais a uma espécie de violência física. Como nos evidencia a seguinte citação retirada da obra: “[...] tentemos os últimos esforços para seduzir aquela empedernida criatura...” (GUIMARÃES, 2009, p.73-74). Não tendo sucesso em todas as suas tentativas afáveis, Leôncio passa a tentar obter o amor de Isaura por meio da força e da repressão, como podemos observar no trecho a

seguir: “De Leôncio vêm não só as promessas, como as ameaças. Aquelas, conforme o autor foram “as mais esplêndidas” reforçadas pelas “mais humildes súplicas.” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.51). Os aspectos relatados no parágrafo acima estão diretamente relacionados ao que acontece no romance analisado no capítulo anterior. Esse comportamento patriarcal de Leôncio é o mesmo que reconhecemos em Morais, diante da pobre Rosaura.

Mesmo com todos os tipos de ameaças, Isaura mantém sua postura correta, Leôncio passa a tentar castigá-la tirando as suas regalias. Ele a manda trabalhar junto com as demais escravas no fiar e na cozinha, pensando que desta maneira a moça se arrependeria de negar-se aos seus desejos. Mas o caráter de Isaura é mesmo inabalável. Mesmo com todas essas tentativas, a moça não cede. E assim, as ameaças vão se tornando cada vez mais agressivas: “Lembra-te, escrava ingrata e rebelde, que em corpo e alma me pertences, amim só e a mais ninguém. És propriedade minha; um vaso, que tenho entre as minhas mãos e que posso usar dele ou despedaçá-lo a meu sabor.” (GUIMARÃES, 2009, p.86)

Leôncio, como senhor de Isaura, tinha por ela um sentimento de posse, que não podia ser controlado, este sentimento justifica os abusos feitos pelo patriarca, evidenciando que na sociedade da época isso seria um comportamento normal entre os senhores de escravos e principalmente entre aqueles que possuíam escravas com as quais queriam possuir relações mais íntimas. Prova desse fato é que em *Rosaura, a enjeitada*, acontece praticamente a mesma situação: Rosaura é perseguida pelo seu senhor, sr. Morais, que por tê-la comprado, acredita que a menina deva satisfazer seus desejos sexuais.

Leôncio se encontra tão obcecado que se sente possuidor de Isaura e, por isso, se não conseguir tê-la, deseja todo o mal do mundo para a escrava: “Todo o teu ser é escravo; teu coração obedecerá, e se não cederes de bom grado, tenho por mim o direito e a força (...) far-te-ei mulher do mais vil, do mais hediondo dos meus negros.” (GUIMARÃES, 2009, p. 87)

Sant’Anna comenta sobre o amor que se reverte em ódio, e o uso do poder hierárquico para a obtenção dos desejos: “Os limites entre o desejo por um objeto e o desejo de destruição desse objeto são muito tênues.” (1985, p. 19). Nesta observação, o autor pretende discutir o que o poder que o patriarca tenta exercer sobre essas mulheres escravas pode gerar. Tanto no caso de Isaura como no de

Rosaura anteriormente estudado no capítulo anterior, quando o patriarca não consegue seduzir a escrava com agrados, passa a agir fazendo uso da violência. Ao se negar a fazer o papel de amante, Isaura sofre severas retaliações de Leôncio. O inescrupuloso senhor reserva a ela infeliz destino: estabelece que a moça vai ter que casar com o mais asqueroso de seus escravos, terrível humilhação para que a jovem pudesse sentir o “arrependimento” de não ter optado por ele.

A questão do corpo, fonte de desejo e de pecado, também está presente em *O seminarista*. Quando mentiram a Eugênio que Margarida estava casada, o rapaz confirmou o que já suspeitava: “Oh Margarida! Margarida!... que fizestes!...ah!... tu eras mesmo a serpente; teus labios distillavão veneno de morte... era o fogo do inferno que te incendia os olhos... com teu amor mostravas-me o paraíso, que era a porta do inferno.” (GUIMARÃES, 1872, p.205) Mas essa convicção de Eugênio estava pautada nos pensamentos da sociedade. Del Priore trata deste assunto:

Venenosa e traiçoeira, a mulher era acusada pelo outro sexo de ter introduzido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte. Eva cometera o pecado original ao comer o fruto proibido. O homem procurava uma responsável pelo sofrimento, o fracasso, o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher. (2011, p. 35)

Mesmo que Eugênio não concordasse com o que seus pais pensavam de Margarida, as marcas da lógica patriarcal fortemente vigoravam em sua casa e em sua vida. Em razão disso, portanto, o moço acabou sendo envolvido pelo pensamento patriarcal e também por uma ordem clerical eivada dos mesmos vezos do patriarcalismo, haja vista ser um sistema retroalimentado por um mundo de homens. Por esses e por outros motivos, cada dia mais Margarida passava a ser vista como a responsável pelas dúvidas que surgiam nas escolhas de Eugênio.

4.4 O PATRIARCADO

O capítulo XV do segundo volume de *Rosaura, a enjeitada* trata separadamente dos dois patriarcas aqui apresentados, sendo intitulado “O sogro e o genro”. Neste capítulo, notamos que a relação dos dois passava apenas de uma afinidade familiar, ambos eram alimentados pelo espírito da dominação e odiavam ser contrariados em suas empreitadas. Ambos possuíam um carácter inescrupuloso e autoritário. Major Damásio demonstrou toda a sua maldade quando ameaçou tirar

a vida da própria filha se ela mativesse a ideia de casar-se com Conrado, como narra a seguinte passagem: “- Pois bem! – continuou o major, com a voz trêmula e sinistra. – Vá; traga os seus agentes da justiça para tirar-me a filha. Em vez dela, não de levar-me a mim, salvo se quiserem levar o seu cadáver. Dizendo isto, o major apontava as duas pistolas para o peito de Adelaide.” (GUIMARÃES, v.1, s.d., p. 125)

O caráter do Major Damásio também ajudava a incitar o ódio que seu genro já possuía de Conrado, assim, mostrava sua péssima conduta: “O genro, dominado pela insensata paixão, que concebera pela gentil Rosaura, e alucinado pelo ciúme que o sogro lhe incitara na alma, fazendo-lhe crer que Conrado cobiçava a rapariga...” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 99)

Para o Major, porém, pelo seu grande poder e influência, a remissão dos pecados chegou em vida, ao passo que para Moraes, a segunda personagem abordada em *Rosaura, a enjeitada* com traços de um homem de feitio patriarcal, tal façanha só foi possível com a morte. O pai de Adelaide, arrependido, percebe sua responsabilidade sobre as desgraças da filha e da neta: “Agora vejo que te fiz muito, muito mal. Eu sou a principal causa de tudo isso; fui eu autor de tua desonra; fui eu quem escravizei minha neta... Perdão, Adelaide. Perdão, Conrado...!” (GUIMARÃES, v.2, s.d., p. 106)

No último capítulo temos conhecimento do destino dos dois patriarcas: ambos morreram para que se pudesse instituir uma nova ordem na trama. Foi o desgosto que matou tanto Moraes como o Major Damásio. O primeiro morreu por ser tirada dele Rosaura, noutra chave de leitura, ele sucumbiu por causa de seu amor, ou será que podemos chamar de “luxúria desenfreada”? Já ao Major cabe a culpa moral por ter promovido a destruição da vida de Adelaide.

Podemos levantar aqui a questão de que jamais uma escrava negra conseguiria tamanha ascensão social naquela época. Se isso acontecesse, mesmo que na literatura, a obra seria abominada, por estar rompendo com os pensamentos daquele momento histórico. E foram as características mais peculiares que permitiram a Isaura adentrar o círculo, sair da periferia diretamente para o centro. Outro fato que merece discussão é o fato de Isaura conseguir atingir as camadas mais altas da sociedade por meio de um homem. Tal questão reforça a presença do poder patriarcal.

Como tem sido abordado ao longo deste trabalho, as mulheres da época, muito mais do que hoje, dependiam economicamente de seus maridos ou pais. Isto devido ao pensamento patriarcal, que as condicionava a uma vida reclusa e sem instrução. Dessa maneira, mulheres raramente podiam trabalhar e ter liberdade econômica, pois a moral emanada da esfera masculina não permitiria tal situação. Esse ciclo se completava com a total dependência da mulher, que se iniciava na questão econômica e acabava por atingir todas as outras esferas, pois o dinheiro rege toda a sociedade.

Poder-se-ia, aqui, ainda que subvertendo os princípios do pensamento de Reis, observar que Isaura acaba abandonando a nebulosa e sendo aceita completamente pelo núcleo.

O modo como se desenrola esta estória de Bernardo Guimarães põe bem a nu o severo peneiramento através do qual ocorre a ascensão social daqueles que a despeito de sua origem apresentem características físicas capazes de os identificarem ao grupo de brancos; características físicas e sinais de prestígio, como instrução e refinamento de maneiras- privilégios dos brancos. Desvendar essa trama permite revelar, por um lado, os mecanismos seletivos atuando sobre os componentes da casta de escravos no Brasil e, por outro, como a literatura acolhe tais mecanismos e os manipula, reproduzindo em escala ideal as tônicas da situação social concreta. (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.84)

Neste comentário tecido por Queiroz Júnior, fica bem evidenciado o que já viemos desde o início ressaltando: se Isaura fosse uma mulher de pele escura, jamais seria possível essa mudança de posição social, pois estaria incrustada em sua pele a marca da escravidão. E quaisquer outras qualidades que possuísse seriam sumariamente camufladas pela sua etnia. “[...] a sustentação de uma ordem social que, pelas razões antes examinadas, afeta a posição da mulata, contaminando-a de defeitos que a afastam das oportunidades matrimoniais, ao mesmo tempo que a não livram [...] de cobiça e de lubricidade. ” (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p. 86). De certa maneira, é isso que Reis (1987) também busca evidenciar quando ressalta que ao estar posicionada fora do círculo, por sua condição de escrava, jamais poderá migrar para dentro do círculo, onde se localizam as classes mais abastadas.

O protagonista de *O seminarista* (1872) é um dos mais atingidos pelos poderes do patriarcalismo e da religião: “Eugênio era filho do capitão Francisco Antunes, fazendeiro de medianas posses, mas homem considerado no lugar e

pessoa de importância.” (GUIMARÃES, 1872, p. 15) O menino é descrito pela primeira vez no livro da seguinte forma:

Erão um rapazinho de doze a treze annos, e uma menina, que parecia ser mais nova do que elle uns dois ou trez annos. [...] O rapaz era alvo, de cabellos castanhos, de olhar meigo e placido e em sua physionomia como em todo o seu ser transluzião indícios de uma indole pacata, doce e branda. (GUIMARÃES, 1872, p. 6-7)

Começamos a compreender porque os poderes patriarcal e da igreja atingem com tanta força a pessoa de Eugênio. Mesmo nas primeiras descrições do menino, já podemos detectar que ele possuía um caráter muito dócil e, mais do que isso, por sua brandura, jamais se oporia às ordens do pai ou de algum religioso, mesmo que sua vontade sequer se assemelhasse a deles.

Tanto no século XIX como no XX (quem sabe até neste século), nas pequenas localidades interioranas do nosso país, existia um costume familiar de escolher um dos filhos para a carreira religiosa, e tal procedimento gerava muito orgulho.

Acresce que a atividade patriarcal dos padres, embora exercida, muitas vezes em condições morais desfavoráveis, trouxe à formação do Brasil a contribuição de um elemento social e eugenicamente superior. Homens das melhores famílias e da mais alta capacidade intelectual. Indivíduos educados e alimentados como nenhuma outra classe, em geral, transmitam aos seus descendentes brancos, e mesmo mestiços, essa sua superioridade ancestral e de vantagens sociais. (FREYRE, 1989, p. 447)

Este trecho de Freyre pode servir como forma de argumentação sobre Eugênio ser escolhido pelos para a carreira clerical. Como o autor afirma acima, os padres possuíam um *status* muito elevado e por isso, toda família teria a honra de ter um padre. Além do que, por conta de as pessoas terem muita devoção, por uma promessa qualquer, não titubeavam em pôr um filho ao seminário, como forma de compensar Deus por uma graça.

Toda essa moral em torno da figura do padre cai por terra quando lemos a continuação deste trecho de Freyre, que afirma que muitos padres possuíam filhos. Este fato viola as leis morais da igreja e os juramentos de castidade feitos durante a formação clerical. Sobre esse fato, Del Priore (2011) também faz um comentário bastante revelador:

As regras do celibato eram abertamente desrespeitadas e não faltaram registros como os do escocês George Gardner, que se choca ao conhecer o filho de um padre, ele próprio possuidor de um título eclesiástico além de senador do Império, que “veio visitar o pai trazendo consigo sua amante, que era sua prima [...]” (2011, p.67)

Diante desse fato, e observando as atitudes de Eugênio, que costumava brincar com a ideia de ser um padre, capitão Antunes resolve encaminhar o seu único filho para estudar em um seminário:

Eugenio era dotado de indole calma e pacata, revelava ainda na infancia juizo e sicudez superior a sua idade; tinha intelligencia facil e boa memoria. Alem disso mostrava grande pendor para as cousas religiosas. [...] Diante deste oratorio o menino se extasiava fazendo o papel de capellão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com toda a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente comica. (GUIMARÃES, 1872, p. 32)

Eugênio, sempre muito doce, tinha sido tão contaminado com a ideia de que no futuro poderia ser um padre que, desde criança, foi criando dentro de si certa predisposição para o celibato. Mais do que isso, também possuía um jeito bondoso e obediente e era muito inteligente, e tais características o aproximavam ainda mais do sacerdócio.

Durante sua infância e boa parte de sua adolescência, Eugênio conviveu com Margarida como uma irmã e nunca percebeu que o que os dois sentiam eram um sentimento muito maior, o amor. Logo que o menino se afastou para os primeiros estudos, todos sentiram muita falta dele, e ele mesmo se sentiu mal por estar em um lugar nada semelhante ao que ele costumava e gostava de viver: “Eis que nosso herói transportado das livres e risonhas campinas da fazenda paterna para a monotona e austera prisão de um seminário no arraial de Congonhas do Campo.” (GUIMARÃES, 1872, p. 35)

Quando ficou mais velho, Eugênio precisou se afastar de casa novamente para desta vez dar início a seus estudos para se tornar um padre. Desta vez, mais ainda o menino sentia não pertencer ao mundo que estava inserido: “A imagem de Margarida e a saudade do lar paterno enchião-lhe de sombra o espírito e o coração para deixarem logar ás fastidiosas lições de gramática latina.” (GUIMARÃES, 1872, p. 47). Apesar disso, dia a dia Eugênio conquistava a confiança e o respeito dos padres, que muito se admiravam da sua inteligência e dedicação. Eugênio era um

rapaz muito comprometido com suas tarefas e por isso não deixa a desejar nunca, gerando muita admiração por parte de todos do seminário.

Essa admiração persistiu até o dia em que o padre encontrou entre as coisas do rapaz uma carta carregada de erotismo e sentimento, dedicada a Margarida. Quando o rapaz produziu a carta, muitos sentimentos o atormentavam, mas ele ainda não sabia distinguir que esta afeição era amor entre homem e mulher:

Bem sabia que tinha de ser padre, esse era o seu mais ardente desejo; sabia igualmente que o padre não póde casar-se, e muito menos amar uma mulher qualquer; mas nunca lhe passou pela espirito a idéia de casamento com Margarida, nem com quem quer que fosse, nem tão pouco que aquela afeição que consagrava á menina, fosse o que se chama amor. (GUIMARÃES, 1872, p. 68)

Depois de descoberta a carta, Eugênio cumpriu diversas penitências, e por influência do padre acabou por tentar esquecer Margarida, exercitando seu dom divino. Em meio às reflexões e aos tormentos, Eugênio partilhava de pensamentos como esse: “E como desejava sincera e ardentemente abraçar o estado sacerdotal, começou a ter um horror, não á pessoa de Margarida, - que mal lhe havia feito ou poderia fazer uma pobre menina, - mas á idéia de amá-la.” (GUIMARÃES, 1872, p. 69) Del Priore observa que a igreja dessa época costumava repreender todo o tipo de inquietação que despertasse a sexualidade nos jovens, e em se tratando de um futuro sacerdote, esta questão recebia mais controles e coerções.

Ao retornar a sua casa, após um longo tempo no seminário, o rapaz já apresentava diversas mudanças de comportamento:

Apenas este deu com os olhos em Margarida, sentiu um abalo estranho, uma perturbação extraordinario; córou e impalideceu no mesmo instante, ficou tremulo, confuso e tolhido, como se tivesse diante de seus olhos um espectro ameaçador, e apenas pôde balbuciar um cumprimento embaraçado. (GUIMARÃES, 1872, p. 81)

Quando Eugênio acreditava ter esquecido Margarida, retornou à fazenda. Todavia, ao encontrar a moça, o sentimento que por ela possuía voltou a ser tão forte como o fora anteriormente. Diante daquela bela moça, alegre e muito bela, Eugênio não conseguia ver nenhum sentido em ser padre. Ao se aproximar de Margarida, Eugênio sentia que “O titulo de padre, que até então lhe parecia tão bonito, naquella ocasião não sei porque lhe causava arrepios e lhe parecia

horrivelmente aspero e desentoadado.” (GUIMARÃES, 1872, p. 87). A esse pensamento do moço, o narrador acrescenta que:

A educação claustral é triste em si e em suas consequências; o regime monacal, que se observa nos seminários, é mais próprio para formar ursos do que homens sociais. [...] Desazado, tolhido e desconfiado, por mais inteligente e instruído que seja, não sabe dizer duas palavras com acerto e descrição, e muito menos com graça e affabilidade. (GUIMARÃES, 1872, p. 91)

Depois da passagem pela formação no seminário, Eugênio passa a ter uma personalidade diferente da que possuía no início do romance. Isso se deve ao fato de a educação clerical modificar a forma de pensar dos indivíduos e também a forma de se portar. Nem sempre essa pode ser uma situação saudável para o rapaz, pois essas mudanças foram geradas a partir de um enorme desgaste, desgaste este tanto físico quanto mental.

Todas essas são além de tudo, características provenientes da ordem patriarcal que acabaram por impregnar a ordem clerical. Por intermédio de atitudes que reprimem o mais frágil. É isso que acontece com Eugênio, pois é um rapaz submisso à vontade do pai e depois à vontade do padre, seu formador. Desse modo, ambas as ordens oprimem e regulam o seu comportamento.

A questão patriarcal, da qual a discussão sobre o mundo clerical proposta por Bernardo Guimarães nesse romance, se apresenta fortemente no enredo dessa obra. Trabalharemos então com duas figuras nestas duas ordens, primeiramente com a figura do Capitão Francisco Antunes, que faz o papel do patriarca nesta obra. A outra que destacaremos é a figura do padre, representante da igreja. De certa maneira, ambos obrigam Eugênio a ser padre, o pai obriga-o a ser padre, e o sacerdote força-o a cumprir penitências, a esquecer Margarida e a viver contra a sua vontade.

Capitão Francisco é um fazendeiro respeitado na sua localidade. A primeira descrição que temos do pai de Eugênio é a seguinte:

Fazendeiro trabalhador, bom e extremoso pae de familia, liso e sincero em seus negócios, partidista firme, e cidadão sempre prompto para os onus publicos, nada lhe faltava para gozar da maior consideração e respeito entre seus conterrâneos. Antunes tinha terras de sobejo para a pouca escravatura que possuía, e portanto dava morada em sua fazenda para diversos agregados, que sem lhe pagarem contribuição alguma nem em serviço nem em dinheiro, como é costume em nossa boa terra, usufruíam algumas

nesgas de suas extensas pressões territoriaes. (GUIMARÃES, 1872, p. 15-16)

Na descrição acima fica evidente que o poder do Capitão Antunes não está apenas nos domínios de sua casa, mas sua influência ultrapassa os limites de sua fazenda e chegam até a sociedade. Esta o vê como um bom homem, um exemplo para todos, porém seu autoritarismo revela-se desmedido, e sua família vive as vontades desse homem. Isso corrobora o pensamento de Reis quando salienta que “[...] mesmo os filhos são membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, autoridade máxima e todo-poderosa.” (1987, p. 27)

Sabemos que esse patriarca era um senhor de escravos, como era de se esperar. “Antunes tinha terras de sobejo para a pouca escravatura que possuía.” (GUIMARÃES, 1872, p. 15) Tal observação corrobora o pensamento de Emília Viotti da Costa:

[...] um regime de autoritarismo e arbitrariedades que começava na senzala, onde se consagrava o princípio da submissão do escravo ao senhor e se estendia a toda a sociedade, com a sujeição da mulher ao marido, do filho ao pai, do agregado ao patrão. A lei, os costumes, as instituições e as ideologias refletiam essa realidade. (*Apud* REIS, 1987, p.27)

É exatamente o caso do Capitão Antunes. Em primeiro lugar, este homem possui grande poder econômico, fazendo que ele exerça respeito e domínio em relação aos que o cercam. É esse mesmo poder que lhe permite possuir escravos e agregados como Ubelina, que mesmo que não possua uma relação financeira com ele, acaba alimentando uma relação de trocas de favores, respeito, medo e gratidão.

O poder do patriarca perpassa o social e adentra o familiar, Capitão Antunes tem poder sobre as atitudes da mulher e também sobre as escolhas do filho. Eugênio tem seu destino regulado pela vontade do pai e da mãe de que seja um sacerdote, mesmo que Eugênio não queira tal futuro, não se sente no direito de contrariar as vontades do Capitão.

Eugênio sentia muito medo de seu pai, pois as ordens do patriarca eram extremamente duras: “Um negro fugido não tem mais medo de comparecer perante seu senhor, como Eugenio se arreceava da presença de seu pae [...]” (GUIMARÃES, 1872, p.140) Eugênio também tenta dizer ao pai que quer desistir do seminário, a resposta do pai, todavia, não é nada branda:

Não me repliques. Estou bem certo, que se não fosse ella, não terias semelhantes caprichos. E pensas tu, que eu hei-de consentir, que deixes de seguir uma carreira tão bella e tão honrosa, para o que eu não tenho poupado dinheiro, nem cuidados, por amor de uma ... miserável? (GUIMARÃES, 1872, p.145)

Capitão Antunes é, portanto, o grande responsável pelos acontecimentos da vida de Eugênio e Margarida. Num trecho de *A permanência do círculo*, existe o seguinte comentário: “É o pai de Eugênio, em O seminarista, quem o afasta, a rigor, de Margarida.” (REIS, 1987, p. 43), reforçando o que se há na narrativa.

O diretor do seminário também teria participação nesse domínio exercido pelo poder patriarcal. Ele passou a exercer um poder mais pesado sobre Eugênio depois da descoberta da carta que escrevera à Margarida: “O diretor, cheio de assombro e altamente escandalizado, resolveu chamar à sua presença e interrogar com todo o rigor o author daquellas libertinagens, disposto a castigá-lo severamente.” (GUIMARÃES, 1872, p. 59) Esse comportamento do diretor do seminário, de certa maneira, se assemelha ao do pai de Eugênio, pois ele passa a ter atitudes de repreensão e fiscalização em relação ao comportamento do rapaz.

Outro aspecto que fazia Eugênio ser pressionado pela questão religiosa era a própria moral que fazia que o rapaz não cedesse ao sentimento que possuía por Margarida e persistisse vinculado às coisas da religião. As ordens impostas a Eugênio repreendiam os sentimentos que ele possuía por Margarida.

Este chamado era terrível. De ordinário só tinha logar quando o estudante tinha incorrido em alguma grave falta, e era quasi sempre seguido de severas reprehensões e por vezes de exemplares e rigorosos castigos. Transido de terror, posto que a consciencia nada lhe arguisse, pallido e tremulo como um reo, que vae ouvir a sentença de sua condemnação, o pobre menino atravessou os longos corredores, e encaminhou-se para o cubículo do director, que fica na extremidade do edificio pelo lado da frente. (GUIMARÃES, 1872, p. 60)

Estes castigos geraram no garoto uma espécie de autopunição pelo erro que havia cometido, como se houvesse um julgamento moral maior do que o sofrido nas mãos do diretor do seminário. Foi essa conduta de Eugênio que o tornou ainda mais fácil de ser manipulado:

Eugênio ficou aterrado. Tanto a sua lingua como a sua intelligencia ficarão como que paralisadas ao choque daquella furibunda apostrophe. Sua surpresa e estupefacção erão completas. Nunca lhe passara pela cabeça, que querer bem a uma creança como elle, e fazer-lhe versos fosse uma

abominação, um horroroso pecado, e se procurava occultar esses productos do seu estro infantil, era mais por acanhamento e por uma espécie de pudor instintivo, e não porque tivesse consciencia de commetter um acto reprehensível. (GUIMARÃES, 1872, p. 62)

De maneira bastante severa, o diretor do seminário punha sobre Eugênio a culpa e a responsabilidade diante da situação, ameaçando-o de mandá-lo para fora do seminário. Porém Eugênio, que era muito obediente, mesmo não querendo estar ali, não gostaria nenhum pouco de decepcionar o pai e o padre:

[...] Meu amiguinho, se pretende continuar com essas abominações, arranque já do corpo essa batina, deite fora esse barrete que está profanando com sua indigna conducta, ponha-se em calças e vá-se com Deus para a casa de seus paes. Não consentiremos que esteja aqui pervertendo os outros com o seu pernicioso exemplo. Póde estar certo, que puniremos mais severamente a hypocrisia do que o escandalo. Este não é tão perigoso. (GUIMARÃES, 1872, p. 64).

As punições dadas pelo padre iam do simples jejuar por alguns dias, como fazer diversas orações para se redimir: “[...] jejuar uma semana inteira e preparar-se para no fim della fazer confissão geral e receber a comunhão.” (GUIMARÃES, 1872, p. 65). Mas o padre também trabalhou muito com Eugênio a questão de se livrar da lembrança de Margarida. Para conseguir isso efetivamente, o sacerdote usou de questões religiosas, ressaltando a situação de que Margarida seria a representação de algum mal. Sobre isso, Saffioti (2013) afirma que a mulher também era marginalizada dentro da instituição da igreja. Deste modo, passa a ser também considerada como possuidora de um caráter duvidoso: “Na questão feminina, a posição da igreja católica reflete, [...] uma doutrina religiosa na qua a mulher figurou como um ser secundário e suspeito...” (SAFFIOTI, 2013, p.142)

O padre também tratou de dizer a Eugênio que Margarida já devia tê-lo esquecido com o passar dos anos e apenas ele ainda a mantinha em sua mente. O religioso buscava por meio de tais argumentos fazer Eugênio parar de pensar na menina:

O padre deu-lhe animações e conselhos salutaes axhortando-o a que persistisse naquella lucta agradável aos olhos de Deus, e que tivesse fé e esperança na misericordia divina, que alcançaria segura e completa victoria. Entre outras muitas cousas sanctas e salutaes que disse ao menino, fez-lhe ver que de certo Margarida, como creança que era, já ha muito d'elle se teria esquecido, e que não era senão o demonio que tomava a figura dessa menina para perturbar-lhe o espirito, arredal-o de uma santa vocação, arrastal-o ao cominho da condenação eterna; que se lembrasse que o

espírito das trevas querendo perder nossos primeiros paes transformou-se em uma serpente, que enleando-se submissa e dolosa aos pés de Eva, lançou-lhe n'alma o germen da desobediencia e da cobiça, o que faz perderem para sempre, ella e o seu companheiro, as delicias do paraizo terreal. (GUIMARÃES, 1872, p. 73)

Após essas conversas, cioso da moral que tinha por obrigação zelar, Eugênio ficou estarrecido com as palavras do padre e passou a mudar suas atitudes: “Eugenio entrou para o salão mergulhado n'um pego de dor, de vergonha, de terror, e soffrendo o embate de mil diversas e violentas impressões.” (GUIMARÃES, 1872, p. 67). A partir de então, a influência foi tão grande que o rapaz mudou bruscamente suas atitudes, com o intuito de não trair seu propósito de ser padre:

Eis como uma educação fanática e falseada, abusando de certas predisposições do espírito, lança naquella alma o germen de uma lucta intima e cruel, que fará o tormento de toda a sua vida, e o arrastará talvez á ultima desgraça, se a misericórdia divina delle não se amercear. (GUIMARÃES, 1872, p. 77)

O ambiente do seminário onde Eugênio estava também totalmente oposto ao ambiente da fazenda: “Como lugubre e sombria se lhe afigurava a fachada do seminario em comparação do aspecto faceiro e festival da casinha da tia Ubelina.” (GUIMARÃES, 1872, p. 98)

Quando Eugênio voltou a se envolver com Margarida nas férias que foi passar em casa, o pai e o padre agiram juntos para combater esse desvio. Primeiramente, o pai de Eugênio tratou de enviá-lo diretamente para o seminário após as primeiras tentativas de o casal ficar junto. A ida do moço foi seguida de recomendação para que o padre fizesse o possível para acabar com a insanidade de Eugênio.

Juntos, o pai e o padre tramaram casar Margarida com Luciano, para comunicar a Eugênio para que se afastasse a moça dos pensamentos. Porém, esse plano não tem sucesso, porque a moça apegara-se fielmente à promessa que fizera a Eugênio de esperar por ele. Diante dessa situação, os patriarcas resolvem mentir para tentar afastar os dois, dizendo que Margarida havia se casado.

O poder do patriarca ia muito além das fronteiras de sua casa. Por isso, ao ver que Margarida se negava a casar-se com Luciano ou com qualquer outro pretendente, o Capitão Antunes se vale de seu poder para expulsar Ubelina e a filha da sua fazenda, pois as duas não tinham cedido a sua vontade. “Assim devia retirar-se Eva, enxotada do paraíso” (GUIMARÃES, 1872, p. 177) são essas as palavras

usadas pelo narrador, numa clara apropriação da metáfora usada para representar Margarida.

Diante dessa questão, Saffioti (2013) destaca:

A mulher figura ainda como um ser suspeita, cuja honestidade sexual a domesticidade “salvaguarda admiravelmente”. O arquétipo do eterno feminino a reduz à condição de trabalhadora doméstica não remunerada, à socializadora dos filhos e à garantidora da prosperidade da família, como se a economia doméstica tivesse o poder de exterminar a pobreza. (2013, p.144)

Em conversa com o Padre, Eugênio conta da promessa que tinha feito de ficar com Margarida. O religioso reage com as seguintes palavras: “O juramento inspirado pelas sugestões do demonio não é juramento, filho. Deus não aceita, nem o confirma no ceo.” (GUIMARÃES, 1872, p.180). Mais uma vez a personagem feminina é equiparada a um ser maligno quando citada pelo religioso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permite-nos algumas reflexões sobre alguns aspectos bastante peculiares evidenciados pelas obras de Bernardo Guimarães, sobretudo os que dizem respeito à constituição do sistema patriarcal e suas recorrentes consequências. Conseguimos detectar, a partir desta pesquisa, que as obras aqui analisadas apresentam tanto semelhanças como possíveis pontos de afastamento.

Os pontos de aproximação que melhor podemos encontrar são, em primeiro lugar, a semelhança na constituição das personagens. Talvez isso se deva ao fato de todas as obras terem sido escritas pelo mesmo autor. Porém, precisamos ficar atentos ao fato de que essa reincidência de personagens muito semelhantes evidencia que a famílias e a sociedade se constituíam realmente dessa maneira.

Dentre as semelhanças que, por ora podemos elencar, estão a figura submissa e condicionada da mulher, a existência de um patriarca, um castigo para a transgressão de alguma personagem central, uma causa social bastante polêmica, entre outros aspectos que ainda podemos encontrar com a posterior análise dessa obra. Discutiremos a seguir, cada um dos elementos citados inicialmente.

Consideramos em primeiro lugar que nas três obras podemos encontrar as quatro personagens femininas ocupando a mesma posição dentro do enredo. Trata-se de mulheres de bom caráter, que possuem uma inclinação religiosa acentuada, algumas pertencem à categoria de escravas, outras livres, geralmente pobres trabalhadoras. A exceção ocorre com Adelaide, que ainda que pertença a um estrato socioeconômico superior, é estigmatizada por ser mulata.

Pela existência dessas mulheres perpassam um enredo de sofrimento e aflição, sendo que apenas três delas têm, como é bastante comum em narrativas românticas, um fim propriamente feliz. Salientamos, porém, que as quatro figuras femininas – Adelaide, Rosaura, Isaura e Margarida – apresentam-se como transgressoras perante os moldes comportamentais de sua época. Consequentemente, acabam sendo castigadas nos desfechos das tramas, uma vez que a sociedade de então não aceitaria – mesmo que se tratasse de ficção – importância maior dada à mulheres num universo masculino.

Tal situação de desvalorização feminina pode ser vista nos três romances de Bernardo Guimarães. Em *Rosaura, a enjeitada*, Adelaide engravida de um serviçal e

por isso é castigada ao ter que se casar com sr. Morais e, para que a figura feminina seja mais desvalorizada, sem consciência do fato, ela acaba por fazer da própria filha havida de seu relacionamento com Conrado uma escrava. Rosaura, como fruto desta relação inadequada para a época, é castigada pela escravidão injusta e pelos assédios desmedidos de Morais, mesmo que ela seja apenas o resultado de uma transgressão e não necessariamente a responsável por isso.

Em *A escrava Isaura*, a personagem que dá nome à obra, como escrava branca e instruída, tenta se passar por livre e é duramente castigada pelas mãos do seu senhor Leôncio, que a assedia, a maltrata, a explora e tenta obrigá-la a casar com um serviçal da sua fazenda. Nesse romance que serviu como libelo para a causa da abolição, Bernardo Guimarães atende aos anseios da mentalidade de seu público e põe em cena uma escrava branca que, é óbvio, no desfecho dessa narrativa romântica, consegue a liberdade e a realização afetiva ao lado de Álvaro.

No que tange à Margarida, protagonista central de *O seminarista*, detectamos como transgressão o fato de ela se envolver amorosamente com Eugênio, o jovem padre, que fora forçado a abraçar a carreira religiosa sem convicção nem vontade. Na trama, bem ao feitio da lógica patriarcal e masculina que imputa os erros às mulheres, elementos apontam-na como responsável por seduzir o padre. Por conseguinte, no fim da narrativa, Margarida é castigada com a morte devido a essa infração.

Tanto Rosaura, Adelaide quanto Isaura e Margarida vivem dominadas por um poder masculino autoritário e normalmente, sem escrúpulos quando se trata de mostrar que o ocupante do centro do poder cabe aos homens. Normalmente esse poder vem de um pai ou de um marido, ou ainda assim de um senhor de escravos, em suma, de alguém próximo da família que ocupa uma posição social de maior representação que a da figura feminina. Como observa Reis, esse poder sempre deriva em uma personagem masculina.

Em *Rosaura, a enjeitada*, os dois principais representantes dessa ordem patriarcal, Major Damário e sr. Morais, são os principais responsáveis pelos destinos de Adelaide e Rosaura, uma vez que ambos controlam a existência das duas figuras femininas, ora oprimindo, ora manipulando, ora cerceando os passos de uma ou de outra. No caso específico de Morais, Bernardo Guimarães carrega nas tintas – não devemos esquecer que Candido (2000) frisa que o escritor romântico usa e abusa

do recurso romântico de trazer à cena vilões e heróis – e apresenta o marido de Adelaide de maneira bastante negativa, retratando Moraes assediando Rosaura.

Na obra *A escrava Isaura*, também duas figuras masculinas controlam o destino da heroína do romance. Leôncio e o pai comendador exercem influência extremamente significativa na vida de Isaura. Primeiramente, o comendador mantém sobre a mãe de Isaura o mesmo tipo de assédio sexual que Isaura viria a sofrer posteriormente nas mãos de Leôncio. O comendador agride, assedia, chantageia e persegue a mãe de Isaura. De modo análogo, Leôncio, anos depois, reproduz tudo isso com Isaura. Noutras palavras, se em cena o leitor se compraz com uma típica história romântica, por detrás do pano desenrola-se um humilhante jogo a que os desvalidos precisavam submeter-se para escapar a um mundo sem perspectiva. Não qualquer tipo de sujeito desamparado, convém frisarmos. Entra nesse jogo a ética do favor. Era preciso que os desvalidos tivessem alguma coisa a oferecer aos detentores do poder, ficando evidente a subserviência daqueles a estes. No caso de Isaura, a jovem escrava tinha a seu favor a pele branca. Se se dobrasse aos desejos libidinosos de Leôncio, obteria facilmente sua liberdade e poderia ter um lugar ao sol. Queiroz Júnior (1975) faz interessante comentário sobre essa questão:

O modo como se desenrola esta estória de Bernardo Guimarães põe bem a nu o severo peneiramento através do qual ocorre a ascensão social daqueles que, a despeito de sua origem, apresentem características físicas capazes de os identificarem ao grupo de brancos; características físicas e sinais de prestígio, como instrução e refinamento de maneiras – privilégios dos brancos. Desvendar essa trama permite revelar, por um lado, os mecanismos seletivos atuando sobre os componentes da casta de escravos no Brasil e, por outro, como a literatura acolhe tais mecanismos e os manipula, reproduzindo em escala ideal as tônicas da situação social concreta. (1975, p.84)

Desse modo, Bernardo Guimarães se apresenta como um autor que se compromete com questões sociais, mas que ainda acaba por resvalar em alguns aspectos sem aprofundá-los, quando permite somente que a personagem mais branca, mais bonita e mais inteligente consiga atingir uma situação de maior prestígio. Tal procedimento revela que mesmo que esteja lutando por uma causa das minorias, Guimarães acaba por não causar o impacto que poderia. Mesmo que, de um lado, a presença de vários negros em suas obras possa ser valorizada como comenta Rabassa (1965), também há, de outro lado, os pontos nos quais o autor não toca, para não ser rejeitado de todo pela sociedade de então.

Mas, provavelmente, o mais famoso romance contra a escravidão no Brasil do século XIX é o de Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*. Enquadra-se mais dentro dos moldes românticos e, tendo como propósito a condenação da escravidão, a maioria das ações e atitudes retratadas está dirigida nesse sentido. Além de Isaura, que na verdade é mais branca que preta, há numerosos personagens negros menores que estão bastante bem delineadas. Guimarães foi um escritor prolixo e há vários negros em seus outros romances, mas é a estória de Isaura que trata predominantemente da vida afro-brasileira. (RABASSA, 1965, p.94)

As mesmas pressões de uma ordem patriarcal que não deseja ceder espaço à atuação feminina podem ser observadas em *O seminarista*. Margarida, personagem central da narrativa, também sofre com o domínio de um patriarca. Esse homem é seu padrinho. Além disso, ele é proprietário da fazenda onde ela e a mãe vivem como agregadas. Não bastasse a situação vexatória de viver sob a égide do favor, capitão Francisco Antunes também é pai de Eugênio, o grande amor de Margarida, e é por esse motivo que a moça acaba sofrendo em razão dos desmandos do pai do jovem por quem se apaixona. O desfecho trágico desse romance revela que tanto Margarida como Eugênio sofreram em demasia devido às decisões egoístas do capitão.

Interessante ainda notar que, normalmente, esses patriarcas ostentam títulos como, major, comendador e capitão e, por meio deles, demonstram à família e à sociedade seu poder e importância. Esses homens, via de regra, não se arrependem e nem reconhecem o mal que promoveram, pois acreditam fielmente que estão corretos, pois representam o pensamento da sociedade da época e tentam manter a todo custo uma ordem patriarcal que ia aos poucos se esfacelando.

Em suma, estes romances que lidam tanto com a presença do patriarcalismo nesta sociedade do século XIX também discutem outras importantes questões da época. *Rosaura, a enjeitada* vem trazer reflexões a respeito das classes sociais e sobre questões da miscigenação no Brasil. A narrativa propõe-se a denunciar o quanto havia de resistência em relação aos relacionamentos entre esses círculos, visto que relacionamentos interétnicos – que representa com bastante precisão a composição do país – incomodaram alguns membros de nossas elites, sempre tentando ocultar a mentira das genealogias nas quais presumidamente não havia sangue indígena ou negro.

No que diz respeito à *A escrava Isaura*, é possível afirmarmos que a obra nos permite uma imersão na escravidão tão pouca retratada na produção literária do século XIX. Ademais, valendo-nos sobretudo das leituras de Queiroz Júnior e Sant'Anna, esse romance de Bernardo Guimarães – espécie de *A cabana do Pai Tomás* aclimatado no Brasil – oferece-nos os retratos distintos de mulheres que são e não são sexualmente desfrutáveis. Embora escrava, Isaura é uma jovem branca, e justamente pela cor da pele, ela tem todas as prerrogativas de sair de sua condição e contrair matrimônio com um homem branco, como de fato ocorre no fim do romance. No caso de Rosa, rival de Isaura, também escrava, jovem e de ascendência negra, a narrativa de Bernardo Guimarães só a concebe como uma mulher leviana, não habilitada para o casamento, reforçando a constituição do estereótipo da valorização da mulher branca e da desconsideração da mulher afrodescendente que ainda hoje persiste em nossa sociedade.

Nessa linha de raciocínio, a questão étnica, que também está muito presente em *Rosaura, a enjeitada*, nos faz atentar para a figura da mulata, que Bernardo Guimarães utiliza em suas obras:

E os próprios escritores, em sua maneira de utilização da mulata como personagem, também revelam tal familiaridade com o preconceito que envolve esse tipo, que já não chegam, ao que tudo indica, a ter consciência de que manipulam um estereótipo. (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p.16)

Enfim, o romance *O seminarista* nos traz a importante questão do celibato forçado e do poder quase patriarcal que a igreja possuía nesse período. Outro aspecto relevante para esta análise é o fato de Margarida não ser necessariamente considerada inferior por possivelmente possuir ascendência negra, mas por estar em uma posição de afrodescendente somente pelo fato de pertencer a camada social mais pobre e por isso, ser impedida de decidir sobre o próprio destino.

Estes e outros aspectos muito ricos ainda merecem ser discutidos, assim como muitas questões a respeito dessas obras são possíveis de elencar e aprimorar ainda mais os debates aqui efetuados. Porém, em primeira instância podemos concluir que a mulher, tanto na literatura como na sociedade que está inserida, desde o século XIX, ou muito antes, até os dias de hoje, tem sofrido as duras penas de pertencer à um gênero desvalorizado pela ordem vigente, a sempre (re)conhecida ordem patriarcal. Desta maneira, ela passa a ser tratada como um

objeto, pertencente a algum homem o que consequentemente a torna uma vítima do casamento, da escravidão funcional e sexual, e das decisões e regulações feitas pelo mundo masculino, que as veem mas não as enxergam.

Por outro lado, todo esse poder dado à figura masculina culmina em questões econômicas e sociais mais amplas do que se possa imaginar. Pois, esse poder regulador tem consequências não apenas nas vidas fictícias de nossos personagens, mas muito além disso, em questões relativas à vida em sociedade, que se revela muito mais complexa, acabando por explicar a maneira como as pessoas pensam e agem nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Tempos da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

ALENCAR, Heron. José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio. (Dir.) COUTINHO, Eduardo F. (Co-Dir). **A literatura no Brasil**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986, p. 231-321, v. 3.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CABRAL, Juçara Teresinha. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 6. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

_____. **Formação da literatura brasileira**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CÂNDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**: história e antologia. Das origens ao Realismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKI, Carla Bassanezi (Coord. textos). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKI, Carla Bassanezi (Coord. textos). 10. ed. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2011, p. 223-240.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo**: ciência e arte na política da beleza. Chapecó, SC: Argos, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. 29. ed. São Paulo: Ática, 2011.

_____. **O seminarista**: romance brasileiro. Rio de Janeiro: Franco-Americana, 1872.

_____. **A escrava Isaura**. Campinas: Komedi, 2009.

_____. **Rosaura, a enjeitada**. São Paulo: Saraiva, s.d., 2 v.

LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.

LIMA, Israel Souza. **Biobibliografia dos patronos: Bernardo Guimarães e Casimiro de Abreu**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000.

LOPES, Hélio. Um retrato de gente simples. In: GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. 29. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MICHAELIS: **Dicionário prático da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramento, 2008.

OLIVIERI, Antonio Carlos. In: GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. 29. ed. São Paulo: Ática, 2011.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

REIS, Roberto. **A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro**. Niterói, EDUFF; Brasília: INL, 1987.

RODRIGUES, Antonio Medina, *et al.* **Antologia da literatura brasileira: textos comentados do classicismo ao pré-modernismo**. São Paulo: Marco Editorial, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOUZA, Luana Batista. **Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de O Seminarista de Bernardo Guimarães**. USP: São Paulo, 2012.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, c1998. 424 p